

Antologia

2025/2026



agrupamento
de escolas
**Carlos
Gargate**

**REDE DE
BIBLIOTECAS
ESCOLARES**

EduQA

Instituto de
Educação, Qualificação
& Avaliação

READ ON
PORTUGAL



@ readon.portugal@mail-rbe.org

www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html

Ilustração da Capa:

Fornecida pelo AE Carlos Gargaté

Ilustração de capa realizada com recurso a ferramentas de Inteligência Artificial



Antologia

2025/2026



REDE DE
BIBLIOTECAS
ESCOLARES



EduQA

Instituto de
Educação, Qualidade
e Avaliação



TÍTULO:

Antologia READ ON 2025/2026

EDIÇÃO:

Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté

AUTORES:

Ana Bárbara Pedrosa

André Fernandes

António Canteiro

Guilherme Correia

Inês Barata Raposo

João Manuel Ribeiro

Marlene Ferraz

Mónica Menezes

Nuno Camarneiro

Olinda Beja

Ricardo Fonseca Mota

Rita Taborda Duarte

Rui Cerqueira Coelho

Vanessa Martins

Vanessa Guarani Ratton

ILUSTRAÇÃO DA CAPA:

Fornecida pelo AE Carlos Gargaté

Ilustração de capa realizada com recurso a ferramentas de Inteligência Artificial

criação e paginação:

CDC - Código de Cores, Design e Produção, Lda.

DATA DA PUBLICAÇÃO:

Maio 2026

ISBN N.º

978-989-54995-7-1



A Antologia READ ON Portugal – Edição 2025–2026 nasce da energia criativa, do pensamento crítico e da sensibilidade de cerca de 400 jovens, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, provenientes de 21 escolas secundárias de todo o país, acompanhados de 15 escritores do mundo da lusofonia. Entre novembro de 2025 e março de 2026, estes alunos participaram numa experiência exigente e transformadora de escrita colaborativa, acompanhados pelos escritores e por muitos professores que, em contexto presencial e online, orientaram processos de criação literária profundamente marcados pelo diálogo, pela reflexão e pela experimentação.

Esta iniciativa resulta de uma parceria estruturante entre a Rede de Bibliotecas Escolares e o Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté, que, no contexto do projeto europeu READ ON – *Reading for Enjoyment, Achievement and Development of yOuNg people*, financiado pelo programa Europa Criativa, que inspirou esta prática, têm vindo a afirmar, de forma consistente, um modelo inovador de promoção da leitura e da escrita junto dos jovens. A continuidade e o alargamento desta ação evidenciam a sua relevância no panorama educativo nacional, envolvendo um número crescente de escolas, professores e alunos.

Importa sublinhar o papel absolutamente decisivo da Rede de Bibliotecas Escolares, cujo contributo foi fundamental para o sucesso desta edição: por um lado, através da mobilização e acompanhamento de proximidade em cada escola, assegurado pelos professores bibliotecários e pelas equipas educativas; por outro, através do apoio ao nível do financiamento e do enquadramento estratégico que viabiliza a concretização do projeto a nível nacional.

O tema Humanismo e Interculturalidade orientou o conjunto dos trabalhos desenvolvidos. Num tempo marcado por rápidas transformações tecnológicas, pela crescente presença da inteligência artificial e por desafios globais complexos, impõe-se revisitar uma questão essencial: o que significa ser humano hoje? Como se constroem identidades num mundo plural, interligado e, simultaneamente, atravessado por tensões culturais, sociais e éticas? Que lugar ocupam

a empatia, a dignidade, o respeito pelo outro e o pensamento crítico num cenário em que as fronteiras entre o humano e o tecnológico se tornam cada vez mais difusas?

As narrativas reunidas nesta antologia são respostas possíveis — múltiplas, imperfeitas, mas profundamente autênticas — a estas interrogações. Escritas a várias mãos, cruzando vozes juvenis com a experiência literária dos autores convidados, estas histórias exploram encontros e desencontros culturais, memórias individuais e coletivas, futuros imaginados e dilemas contemporâneos. São textos que revelam inquietações, mas também esperança; que questionam, mas também propõem; que, acima de tudo, afirmam a literatura como espaço de liberdade, de construção de sentido e de participação ativa no mundo.

Mais do que uma simples coletânea, esta antologia constitui-se como um testemunho vivo do potencial transformador da escrita e da leitura, enquanto práticas centrais para o desenvolvimento humano e para a construção de sociedades mais justas, inclusivas e conscientes. Nela se reconhece o papel fundamental da escola — e, em particular, da biblioteca escolar — como lugar de mediação cultural, de promoção da literacia e de formação de cidadãos críticos e participativos.

A todos os que tornaram possível este projeto — alunos, professores, professores bibliotecários, coordenadores interconcelhios, escritores e parceiros institucionais — é devido um reconhecimento claro e sentido. O seu compromisso coletivo traduz-se numa obra que ultrapassa o espaço escolar e se projeta como contributo relevante para o debate contemporâneo sobre cultura, educação e cidadania.

Ao leitor, propõe-se uma travessia por estas páginas como quem percorre um território plural, feito de vozes emergentes que merecem ser escutadas, valorizadas e celebradas.

Boas leituras — e partilhe connosco a sua reflexão.

ÍNDICE

NÓS E OS VIZINHOS 11
Ana Bárbara Pedrosa

QUALQUER COISA 25
André Fernandes

ESTICADOR DE HORIZONTES (NO RASTO DE CAMELOS) 37
António Canteiro

APRENDER A PINTAR COMO UMA CRIANÇA 53
Guilherme Pires Correia

A BIBLIOTECA DOS SENTIDOS 63
Inês Barata Raposo

HISTÓRIAS D'COR 79
João Manuel Ribeiro

EM ATUALIZAÇÃO 95
Marlene Ferraz

O GUARDADOR DE MEMÓRIAS 107
Mónica Menezes

AÇÚCAR NO LEITE 121
Nuno Camarneiro

OS NOMES QUE O VENTO APRENDEU*Olinda Beja***133****LANÇA-CHAMAS***Ricardo Fonseca Mota***143****UM OUTRO QUE SOU EU***Rita Taborda Duarte***155****A ESPERANÇA DO VENTO***Rui Cerqueiro Coelho***177****MARTIM E A BALEIA***Vanessa Guarani Ratton***185****A PESTE***Vanessa Martins***197**



Antología

2025/2026



NÓS E OS VIZINHOS

Ana Bárbara Pedrosa

ANA BÁRBARA PEDROSA

Ana Bárbara Pedrosa (1990) é autora de Lisboa, chão sagrado (2019; finalista do prémio Eça de Queiroz), Palavra do Senhor (2021), Amor estragado (2023; finalista do prémio Eça de Queiroz) e Viagens com o Mehdi (2024), todos com chancela Bertrand Editora. No Brasil, é publicada pela Diadorim.

Durante quatro anos, assinou crónicas quinzenais no jornal Mensagem de Lisboa. Faz crítica literária no Observador desde 2019 e escreve textos para vários órgãos de imprensa com regularidade, como o Público ou a revista Sábado. Publicou textos em revistas como a Granta, a LER, a Pessoa, a Egoísta ou a Caliban.

É doutorada em Ciências Humanas (UFSC, Brasil, bolsa Fellow Mundus, financiada pela União Europeia), mestre em Estudos Portugueses (FCSH-UNL), pós-graduada em Linguística (FLUL) e em Economia e Políticas Públicas (ISCTE-UNL) e licenciada em Línguas Aplicadas (UMinho). Estudou e viveu em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos (programa Outstanding European Students, financiado pela Comissão Fulbright).

Em 2024, ganhou um programa de intercâmbio literário promovido pela Câmara de Lisboa e pelo Instituto Camões-Centro Cultural Português de Maputo. Em 2025, recebeu a bolsa Criar Lusofonia, com um projecto para a escrita de um guião de uma novela gráfica.

Publicou e reviu artigos científicos nas áreas da literatura e da linguística. Durante vários anos, trabalhou como linguísta nas áreas da criação e do desenvolvimento de gramáticas, do treino de assistente virtual e na compreensão artificial de linguagem natural. Actualmente, além da escrita, trabalha em tradução e revisão. Passa as horas que pode por dia a martelar um novo romance.

Passou-se isto: a casa esteve vazia durante muito tempo, ninguém a queria para nada, e certa terça-feira, estava o sol no céu, chegou uma família. No início, ninguém achou graça nenhuma. Não porque lá quiséssemos morar. Eram conhecidas as infiltrações no telhado, e a família que lá estivera queixara-se muitas vezes dos pingos que caíam na cozinha. O problema foi que, quando eles chegaram, vieram para mudar o que toda a gente conhecia. Em primeiro lugar, as roupas. Um homem de vestido, uma mulher com a cabeça tapada. Em segundo, a língua: não entendiam ninguém, ninguém os entendia. Em terceiro, as compras, os cozinhados – parecia que só comiam grão-de-bico. Em quarto, os cinco filhos, todos com nomes que nenhum de nós conseguia dizer.

A história que nos contaram até meteu pena a alguns. Tinham fugido da guerra civil, não se sabia bem de onde, ou Síria ou Afeganistão, e a Elizabete do talho até dizia que tinham passado por França.



ele, e é verdade que a vida não tem de ser uma catástrofe, mas nem que fosse preciso sal ou coisa assim. Mas será que usavam sal? Na mercearia, dizia-se que levavam cominhos e noz-moscada.

Não sabíamos e de pouco adiantava perguntar – a mulher acenava-me com a cabeça, e depois voltava a meter-se para dentro, quase como quem quer fugir à vida ou aos vizinhos. O homem parecia julgar que eu tinha lepra, quando por acaso os nossos olhares se cruzavam – metia os pés pelas mãos, corava sob a barba hirsuta e virava-me as costas a seguir.

O meu Jorge dizia “Ó Lídia, deixa-os lá”, mas eles moravam na casa ao lado e aqui toda a gente se conhece. Se por acaso nos ardesse a casa, queria que fossem os primeiros a chamar os bombeiros, a ambulância. “A casa não vai arder”, dizia

ANA BÁRBARA PEDROSA

Eu e o Jorge voltávamos do mercado quando dois dos filhos deles apareceram a correr na estrada e se meteram à frente do nosso carro. O meu marido até teve de travar a fundo. Quando dei por mim, já estava fora do carro, a gritar: “Que irresponsabilidade! Nem para tomar conta dos filhos!” No meio disto, a filha mais velha do casal veio chamar os dois rapazes, que olhavam para mim como se eu falasse chinês. O Omar e o Ali ou lá o que era. A irmã deve ter ralhado com eles, mas não percebi uma palavra. Incrível estarem aqui e nem falarem português.

Em casa, pus-me a fazer um chá, irritada com isto. Via-se mesmo que não tinham educação em casa. O Jorge estava por perto, perdido em pensamentos.

– Não dizes nada? – perguntei, e ele abanou a cabeça. – Estás a normalizar uma situação destas? Que falta de modos, e os pais nem controlar os miúdos sabem!

Uns minutos depois, já com o chá pronto, achei que o assunto estava terminado, mas o Jorge resolveu continuá-lo:

– Da mesma forma que eram eles, podiam muito bem ser os teus filhos. E se alguém tivesse tido a tua reação?

Fiquei em silêncio, não sabia o que responder. À noite, já na cama, fiquei a pensar no assunto. Como é que ele não percebia? Aquelas pessoas não eram como nós. Nem sequer se esforçavam para compreenderem a nossa língua, quanto mais a nossa cultura.

**DANIELA MATEUS, LEONOR MATEUS
E MAFALDA SANTOS**



Na manhã seguinte, acordei com um barulho no quintal. Abri a janela e vi o homem da casa ao lado com um balde e ferramentas. Andava encostado ao muro, a mexer nas coisas dele. Fechei a janela e fui fazer o pequeno-almoço. O Jorge saiu entretanto e o homem continuava a mexer em tábuas e sei lá que mais.

Mais tarde, ouvi passos na rua. Espreitei pela cortina e vi a mulher com dois dos miúdos e um saco na mão. Bateu-mo à porta e, meio espantada, vi-a apontar para o saco sem entender o que dizia. Afastou-se e eu lá percebi que o saco era para mim.

Lá dentro, estava um frasco de doce. Provei, nem era mau. E meti-me à janela a ver as vistas, dando com ela a acenar-me. O homem continuava entre pretos e martelos junto ao portão.

Pus-me a pensar no dia anterior. E pensei em mim a dizer ao Jorge que eles não eram como nós. Mas não seriam mesmo? No dia seguinte, fui à casa ao lado com um arroz de pato. O homem apareceu e deve ter agradecido. Não entendi as palavras, mas foi o que me pareceu pelos gestos, pelo sorriso. E depois continuou a martelar.

Nos dias seguintes, os miúdos já não corriam na estrada. Brincavam junto ao muro, sob o olhar da irmã. Com tudo pesado, a vida deles até era parecida com a minha.

**BEATRIZ ROSÁRIO, CONSTANÇA JOÃO,
LANA SILVA E MATILDE COSTA**

Mais tarde, vi os miúdos a jogar à bola lá fora, no jardim. Um pontapé mal dado e a bola fugiu para a estrada. O meu filho mais novo lançou-se e nem reparou na bicicleta que passava a toda a velocidade.

Só me apercebi do que tinha acontecido quando lhe ouvi o choro. Corri para a janela e vi-o sentado no chão, ao lado de um adolescente, com a bicicleta ao lado, caída. Desvairada, corri para os ajudar, mas antes de lá chegar já o vizinho chegara.

– Caramba! – disse eu, ao aproximar-me.

O meu filho estava a chorar, mas já se levantara, ajudado pelo vizinho que nem uma palavra dissera. Virei-me para o adolescente:

– E tu, rapaz, estás bem?

– Estou! Foram só uns arranhões, isto passa num instante – disse ele, limpando as calças com as mãos, meio desajeitado.

Ao ouvir o rapaz, o vizinho começou a falar a sua língua incompreensível, apontando para a sua própria casa. Certamente queria levá-lo para lhe fazer um curativo.

O rapaz aceitou, agradeceu com um aceno, e lá fomos todos, eu meio curiosa. Precária por fora, a verdade é que a casa por dentro era um lar – tudo acolhedor, arrumado e limpo.

Assim que lá chegámos, a vizinha chamou-nos para uma divisão com um sofá, onde nos sentámos, e depois chegou com uma caixa de utensílios de primeiros socorros. Enquanto tratava da perna do rapaz, os meus filhos brincavam com as cinco crianças da casa, que não pareciam precisar de muitos brinquedos para se divertirem e serem felizes.

Ao jantar, contei a tarde ao Jorge, e ainda lhe disse, encolhendo os ombros:

– Afinal, eles não eram assim tão maus.

No dia seguinte, as crianças voltaram a ser crianças. Tinham um jeito desajeitado, descuidado, adequado à idade. Esfolavam os joelhos e, tal como os meus, continuavam a brincar.

**HELENA FIGUEIREDO, LILIANA NUNES,
MARIANA CORREIA E PEDRO PIRES**



A páginas tantas, como os miúdos estavam sempre a brincar uns com os outros, demos por nós numa espécie de convivência, ainda que sem língua comum. Um dia, pensei que, para variar um bocado, podíamos ir todos, incluindo eles, a um parque de diversões. Como me era muito difícil conseguir comunicar, acabou por ser o meu mais velho a ir lá falar com eles.

Lá se entenderam, meio com frases, meio com Google, e à noite comprei os bilhetes para irmos todos. Se se davam bem por ali, decerto iam gostar de estar todos juntos a brincar em carrosséis.

**ADELAIDE SOARES, BEATRIZ PAIS, INÊS SALGADO,
MARTIM SEGURO E PABLO COSTA**

Poucos dias antes de irmos, já os miúdos andavam malucos. Todos os dias faziam comentários ou perguntavam qualquer coisa.

No quintal, planejavam o que queriam fazer quando chegassem ao parque.

– Eu quero ir primeiro aos carrinhos – disse um.

– Não, primeiro à roda-gigante – respondeu outro. – É mais alta!

Finalmente, chegou o dia. Ainda mal o sol tinha nascido, já alguém gritava:

– Acordem! É hoje!

Durante a viagem, o carro encheu-se de risos e conversa. E ao entrarem no parque, todos ficaram em silêncio por um instante.

– Uau... – disseram ao mesmo tempo.

– Ouviram aquilo? – perguntei.

– Parece um gato – disse o meu filho Manel, aproximando-se.

Atrás da barraca, ele e o Ali encontraram um gato pequeno, preso entre duas caixas.

– Coitadinho... – murmurou o Omar, que já conseguia dizer várias coisas

– Não podemos deixá-lo aqui – respondeu a minha Madalena.

E, em vez de se dedicarem às atrações do parque, os miúdos puseram-se, durante longo tempo, a brincar com o gato. Admirei-me ao ver que os filhos da vizinha eram tão parecidos comigo. Ou seja, eram crianças que gostavam de gatinhos, que se animavam com coisas tão simples. Como é que eu pude achar que éramos tão diferentes uns dos outros?

**BRUNA MARQUES, DAVID MENDES,
FRANCISCA SANTOS E MARIA INÊS LOURENÇO**



Depois disto, percebemos que tínhamos começado com o pé errado com os vizinhos. Eu, principalmente: tirei conclusões mesmo sem os conhecer.

Para me redimir, decidi organizar uma pequena celebração para os acolher na vizinhança e lhes mostrarmos a nossa cultura. Verdade seja dita, deve ser difícil estar fora do pouso.

Começámos os preparativos. Falámos com os vizinhos e todos apoiaram a ideia, desde os habitantes mais antigos aos mais recentes. Nisto, não há diferença alguma: toda a gente gosta de festa e de convívio.

Marcámos para o sábado seguinte, às seis. Claro que na quinta ainda estava muita coisa por preparar, desde os pratos típicos da nossa

– Jorge! – chamei eu, com a cabeça a mil. – Ainda falta imensa coisa e tu ainda não fizeste nada do que te pedi!

Assustado, o meu marido pulou do sofá, pôs-se à minha frente e perguntou-me:

– Desculpa, mas o que queres que eu faça?

– Preciso de que venhas comigo ao supermercado buscar algumas coisas que faltam para a festa – disse eu.

O Jorge respirou e passou a mão pelo cabelo.

– Está bem, vamos ao supermercado antes que feche – respondeu.

Peguei na lista e comecei a rever os itens para a festa. Fomos para o carro a pensar no que ainda faltava fazer.

**ANNA XAVIER, FILIPA FERREIRA,
MADALENA COSTA E MARIA INÊS FIGUEIREDO**

No sábado às seis, tínhamos tudo pronto. As mesas estavam postas no quintal, com toalhas e pratos alinhados, e as pessoas começaram a chegar. A família do lado chegou um pouco depois. Cumprimentaram-nos.

– Sejam muito bem-vindos à festa! – disse o Jorge, animado, e à espera da reação dos vizinhos. A mulher trazia um prato tapado, o marido segurava as crianças pela mão, e misturaram-se com o resto dos vizinhos. O prato tinha arroz com especiarias e legumes, feito como na terra deles. O cheiro da comida espalhou-se. O prato ficou ao lado dos nossos, houve quem provasse, quem olhasse com curiosidade, e até a Elizabete do talho perguntou como se fazia. A mulher explicou devagar, num português que começava a gatinhar, cada passo da receita. A conversa seguiu, falava-se de comida, de costumes, de memórias de viagens, contavam-se histórias de infância. Cada gesto e cada palavra construía ligações.

As crianças comiam juntas, sentadas no chão, partilhavam os pratos, tentavam provar de tudo, riam quando um pedaço de comida caía, ou quando alguém fazia caretas ao experimentar algo picante. Corriam de um lado para o outro, imitavam gestos dos adultos, tentavam usar os mesmos talheres, repetiam palavras que ouviam e inventavam as suas próprias palavras. A Mariana, filha de um casal vizinho, pegou no prato, levou até à mesa dos adultos e perguntou se podia provar aquele arroz. A vizinha – Sarah – explicou o que era e pôs uma porção no prato da Mariana, que depois o fez passar pelas outras crianças.

A música tocava, as luzes nas árvores iluminavam rostos, copos tilintavam, os pratos trocavam de mãos. Todos estavam sentados à mesa, o quintal transformou-se num espaço de convívio, onde cada detalhe fazia a festa acontecer. Tudo corria bem, mas depois o Jorge ouviu alguém bater à porta e foi ver quem era.

**BEATRIZ CARVALHO, IARA BRÁS,
LARA HENRIQUES E MATILDE COIMBRA**



Ao abrir, viu uma mulher muito parecida comigo.
– É aqui que mora a Lídia?

– Sim, é a minha esposa.

Eu estava a passar com uma tigela de alface na mão, tranquila da vida, quando a vi. Até me caiu tudo ao chão.

– O que estás aqui a fazer? – perguntei-lhe, quase chocada.

– Nem dizes um olá à tua irmã mais nova? – Há tanto tempo que eu não ouvia a Adriana.

– Já não me vês há 15 anos e esperas boas-vindas? – perguntei.

– Estava com tantas saudades tuas...

– Achas que eu acredito nisso? Andas lá no Médio Oriente e agora bates-me à porta assim sem mais nem menos? Sabes quantas vezes penso em ti no dia-a-dia?

– Sabes muito bem que eu ando no Médio Oriente com muito gosto! Sou jornalista internacional, a minha missão é dar voz a uma realidade muito distorcida.

– É para rir? Andas lá nas Arábias e esqueces-te da tua irmã? Da tua família? O teu trabalho é mais importante do que eu?

Nisto, o Jorge meteu-se na conversa.

– Espera aí... Era por isso que olhavas os vizinhos de lado? Sentes que os estrangeiros te roubaram tempo com a tua irmã?

Fiquei chocada ao ouvir tal coisa, apesar de saber que é verdade.

– E se for? Ela passa mais tempo lá no deserto com aquela gentinha do que com os do sangue dela.

– Lídia, já chega! Foi mesmo por isso que vim, para além de querer conhecer os teus vizinhos. Quero que venhas comigo na minha próxima viagem no Médio Oriente. Eu trabalho e tu fazes turismo. Quero fazer-te ver uma realidade diferente da nossa, a ver se atinas da cabeça.

Naquele instante, senti que o pouco que restava da minha irmã me foi totalmente arrancado.

– Não me peças isso. O que é que esse povo tanto tem para passares 15 anos longe de mim? Essa gente nem português sabe!

Falava dos outros que não eram os vizinhos. Dos outros que eram outros e que eu não conhecia. De gente que não era como nós.

A Adriana olhou para mim, de certa forma comovida, mas não desistiu da ideia.

– Só tens a ganhar com isto. O Jorge vem contigo e os teus novos vizinhos também.

Conversa puxa conversa, a minha irmã juntou-se à festa. Os meus filhos conheceram-na e ela falou em árabe com os vizinhos. Não sei bem como é que isto aconteceu, mas de repente já tínhamos uma excursão pronta para ir à Jordânia. Os vizinhos, que já estavam há cinco anos em Portugal, e que tinham vindo de Coimbra para cá, iam visitar o resto da família em breve, e lá acabámos por combinar ir todos juntos.

**CAMILA VIANA, DANILO ZUMA, IARA MARQUES,
LEONOR MARQUES E ODETH MARIA MIGUEL**

Apanhámos Ubers para o aeroporto. Os miúdos estavam felizes da vida por irem para tão longe. Tinham achado graça à ideia de, nesse outro sítio, se falar outra língua e se escrever com outro alfabeto. Eu nem queria acreditar que, de repente, ficámos tão amigos uns dos outros, muito menos que a minha irmã tinha voltado para junto de mim.

Tivemos de fazer escala em Paris, a viagem foi puxada, mas lá chegámos. Logo no aeroporto, um homem estava à espera dos vizinhos. Abraçaram-se todos, de lágrimas nos olhos, tal como os meus pais faziam com os primos depois de emigrados para França. O homem apresentou-se em inglês: era o Karim e tinha umas barbas que faziam lembrar as do Pai Natal.

E então fomos todos, até a minha irmã, para a casa de família deles. Pelo caminho, víamos prédios, estradas, pessoas, paisagem a perder de vista. Uma terra amarelada, muita pedra. Os vizinhos cumprimentaram os pais, já bem velhotes, também com muita comoção, e depois aquela gente toda – velhos, médios e novos – recebeu-nos como se fôssemos parte da família. Puseram-nos à mesa, partiram pão com as mãos, e deram-nos a provar com húmus.

Mais tarde, encaminharam-nos aos quartos. A casa era grande, mas ficámos com os nossos filhos, nos colchões postos no chão. No dia seguinte, iríamos, sem grandes planos, conhecer a cidade.

**INÊS BRANQUINHO, MARIA EDUARDA FULY,
MARIA PIRES E OLEH SHEVCHUCK**



Percorremos as ruas onde o cheiro das especiarias se misturava com as conversas. No mercado, as cores das frutas e dos tecidos faziam-se sentir. A Adriana entrevistava os vendedores e o Jorge tirava fotografias. Os miúdos estavam malucos com tudo.

Ao passarmos pela escola antiga dos vizinhos, o Karim contava histórias da sua infância. A sua nostalgia era visível. Acontecia-me o mesmo ao ver espaços do meu passado. Apesar das diferenças, não deixávamos de ser todos iguais.

Mais à frente, um vendedor de doces chamou-nos a atenção. Vendia biscoitos fritos num óleo, que tinham um ar engraçado.

– Isto é o Jalebi – explicou ele, oferecendo-nos um pedaço.

Aceitei com curiosidade. O sabor era intenso, com texturas que nunca tinha experimentado. A Adriana riu-se da minha expressão.

– Então? – perguntou.

– É diferente... mas bom – respondi.

Diferente podia ser bom. E eu percebia que coisas simples, como um doce, podiam aproximar pessoas de cantos distantes da Terra.

Ao fim da tarde, sentámo-nos num café a beber chá de menta. O sol punha-se. E eu sentia-me diferente, e sentia que o mundo não era o que eu achava. Afinal, vivemos todos sob o mesmo céu. A Adriana olhou para mim:

– E então, Lídia? Achas que devíamos voltar para casa?

Sorri, sentindo um calor no peito:

– Não. Ainda há muito para descobrir.

Ao fim do dia, decidimos dar um passeio. A Adriana queria passar pela mesquita e para lá nos dirigimos. Quase não havia passeios, preenchidos quase totalmente por comerciantes e barracas. Estávamos quase a chegar quando o inesperado aconteceu. Como ali não havia passadeiras, fomos obrigados a cruzar a estrada para chegar à mesquita.

– Cuidado! — gritou Adriana

Tinha sido quase atropelada por uma mota. O círculo tinha-se completado. Senti na pele a dificuldade de aculturação que os vizinhos sentiam. Um processo desmistificado por atropelamentos.

Nessa noite, pensei no pão que os vizinhos me tinham oferecido antes e que eu tinha desvalorizado. Agora compreendia que a sua presença era uma oportunidade para ver o mundo com outros olhos. Afinal, aquele povo era como nós: até com a sua condução quase mediterrânica. Eram apenas um pouco diferentes. E essa diferença era uma grande riqueza.

**AFONSO SOUSA, FRANCISCO VAZ,
PEDRO FONSECA E PETRA OLIVEIRA**

FICHA TÉCNICA

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA QUINTA DAS FLORES, COIMBRA

Afonso Sousa
Daniela Mateus
Francisco Vaz
Mafalda Santos
Maria Francisca Costa
Maria Leonor Mateus
Pedro Fonseca
Petra Oliveira

ESCOLA SECUNDÁRIA DE TONDELA, AE TONDELA TOMAZ RIBEIRO

Adelaide Soares
Anna Xavier
Beatriz Carvalho
Beatriz Pais
Beatriz Rosário
Bruna Marques
Camila Viana
Constança João
Danilo Zuma
David Mendes
Filipa Ferreira
Francisca Santos
Helena Figueiredo
Iara Brás
Iara Marques
Inês Branquinho
Inês Salgado
Lana Silva
Lara Henriques
Leonor Marques
Liliana Nunes

Madalena Costa
Maria Eduarda Fully
Maria Inês Figueiredo
Maria Inês Lourenço
Maria Pires
Mariana Correia
Martim Seguro
Matilde Coimbra
Matilde Costa
Odeth Maria Miguel
Oleh Shevchuck
Pablo Costa
Pedro Pires

Aluna ilustradora

Constança João

Docentes

Anabela Oliveira
Carla Albernaz
Manuel Vaz
Marta Roque
Sandra Figueiredo

Professoras Bibliotecárias

Elisa Figueiredo
Marina Pacheco

Escritora

Ana Bárbara Pedrosa



QUALQUER COISA

André Fernandes

ANDRÉ FERNANDES

Natural de Lisboa, nasceu em 1991 e é licenciado em Ciências da Comunicação pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

Apaixonado pelas palavras e pelo seu poder transformador na vida de todos e de cada um, tem vários livros publicados na área da autobiografia e desenvolvimento pessoal.

Destacam-se Tia Guida (dezassete edições), Só Não Lhe Chames Amor (sete edições) e Do Luto ao Amor (quatro edições).

Estreou-se na ficção com o seu primeiro romance “As sete carruagens”.

Além dos livros, André Fernandes é mentor e palestrante, e organiza sessões em escolas, empresas e prisões.

Mais recentemente, ampliou a sua atividade às sessões individuais de mentoria.

Numa manhã fria de um tempo que um dia se designou como longínquo e que, por fim, se fez próximo, numa pequena aldeia localizada no centro de uma grande cidade tecnológica típica do ano 2067, o velho recebeu uma notícia que fez gelar o seu coração.

— Por favor, não vás! Sabes que estou a ficar cego e doente. Nem sequer sei se estarei cá amanhã...

O neto, Gustavo, por ele criado desde os seis anos devido à morte dos pais, comunicou ao avô que, agora que atingira a maioridade, decidira abandonar a aldeia, para abraçar a vida na cidade. Não se tratava de uma simples mudança de vida. A decisão do neto era uma escolha ideológica, que o poderia separar, para sempre, daquele que o criara.

— Avô, isto é uma oportunidade de trabalho que apenas aparece uma vez na vida. Não a posso desperdiçar! Finalmente tenho oportunidade de conhecer e de explorar o meu potencial.

— Estás doido! Aqui as pessoas falam, riem, dançam e são felizes! O mundo lá fora é diferente. É deprimido. Já ninguém se importa com ninguém. Aqui, somos todos uma família, apesar das nossas diferenças!

— Eu sei disso, e nunca me vou esquecer de onde vim, mas preciso que entendas que isto não é um adeus: é um até já. Eu prometo voltar. Mais cedo do que pensas, avô.

O avô fez um demorado silêncio. Olhou o neto nos olhos, com o medo de uma despedida que só quem ama conhece.

— Assim sendo, meu neto, penso que ficarei mais descansado, apesar da mágoa que habita o meu coração. Terei tantas saudades tuas, neste teu tempo ausente...

O neto abraçou o avô. Firmou-lhe as mãos nas costas, como que pedindo ao velho que se fundisse com o novo, e chorou. Chorou muito. As lágrimas pareciam contrastar com a promessa de um rápido regresso. O avô retribuiu o abraço. Com a pouca força que a idade lhe permitia, mas com toda a que o amor o convidava a ter.

Ao abraço de avô e neto juntou-se o de Traditio, o cão da família que, perante aquela cena, ergueu as suas patas dianteiras, num salto que deu sobre ambos.

— Também ele terá saudades — disse o avô.

O neto sorriu entre lágrimas e afagou o cão.

De malas feitas, partiu. E, para trás, deixou o sonho de ser o próximo guardião da família a garantir que a tradição vencia sobre a tecnologia.

Anos antes, com a explosão da Inteligência Artificial, surgira a cidade Torres Salgadas. O nome foi dado pelo político que tinha avançado para a decisão de a edificar. Um jovem que, em tempos, fora um fanático jogador de Fortnite, e que transportara para a sua profissão o seu fascínio e a sua obsessão pelo progresso tecnológico. O seu sonho era garantir que a Inteligência Artificial substituiria a humana, poupando-nos a erros que apenas humanos saberiam cometer.



O crescimento da cidade foi instantâneo. Muito mais rápido do que o esperado. A população aderiu em massa ao conceito. Ferida pelas imperfeições humanas, rendeu-se ao sonho da perfeita promessa da máquina. A velocidade da autorreprodução da IA superou a projetada por qualquer mente humana. E, agora, Torres Salgadas ergue-se, imponente, mas fria. Envidraçada e metálica. Drones cruzam os seus céus em silêncio, vigilantes de todos os que, por tanto conviverem com máquinas, também se automatizaram. Ali, quase tudo é decidido por algoritmos: os transportes, o trânsito, as refeições, a economia e mesmo os relacionamentos. É a IA que produz a riqueza. É a IA que, programada por uma elite, decide como a redistribuir. A grande maioria não trabalha. Vive de um rendimento universal único. Quando as eleições acontecem, o resultado já é conhecido, antes de ter havido votos: ganha ele, o algoritmo. A inteligência que, nos ecrãs gigantes da cidade, promete, em sucessivas mensagens de propaganda, de todos cuidar. São mensagens eficazes. O algoritmo conhece a população melhor do que ela se conhece a si mesma. Substituiu-se a esse conhecimento. Para quê pensar, se existe alguém capaz de o fazer por nós? Algo. Porque, se fosse alguém, seria falível, mas este algo nunca o será. Pelo menos, foi essa a promessa em que a cidade foi erigida.

Em resposta à nova polis, resistiu, bem no centro da mesma, uma aldeia. Chamaram-lhe Utopia. Uma assumida homenagem a um clássico e à importância de uma história herdada. Por um lado, uma ironia com o facto de, por lá, se viver o que, um dia, fora tão próximo do normal real. Por outro, uma verdade: foi preciso existir um lugar como o daquela cidade para que o sonho humano, finalmente, se cumprisse. E, agora, Utopia cumpre-se. Lá, os moradores permanecem resistentes às mais novas tecnologias. Os robôs são proibidos, de tanta aversão que por elesseente. Os campos são vastos, apesar da pequena dimensão da aldeia. A vastidão está na apreciação, mais do que na quantidade. Ali, habita um diverso grupo de pessoas, oriundas de inúmeras culturas e países, até do Suriname. Os resistentes. Os utópicos.

Nessa mesma aldeia, todas as noites uma fogueira é acesa, e histórias são contadas à vez. Contam-se as de cada povo, e contam-se as dos livros. Foi, aliás, de um outro livro, que a comunidade extraiu a ideia-base para a sua forma de funcionar. Nesse livro, as pessoas existiam estratificadas em injustas castas. Na aldeia, as castas são hierarquias de coexistência. No topo, os mais antigos, homens e mulheres responsáveis por passar o saber e os saberes. No centro, os indefesos — crianças, doentes, debilitados. Na base, os mais jovens, capazes de desempenhar tarefas mais árduas, com a noção de servir que, um dia, os servirá a eles. O sistema económico recuou às trocas. E a base da vida é a doação em círculo. Onde todos se auto-lideram, por todos dependerem da liderança de cada um.

Gustavo fazia parte dos jovens proactivos. Era adorado por muitos na aldeia, pois participava nas tradições e ajudava no que fosse preciso. Dava ideias sobre o que melhorar, mas esbarrava, muitas vezes, nas suas sugestões mais tecnológicas. Ele acreditava que os mundos se podiam fundir, que um não devia de se opor ao outro, mas encontrava muito pouca adesão aos seus ideais. O sonho de ir para a cidade partia da ambição que tinha de provar a todos que tal seria possível.

Na noite em que Gustavo partiu, o avô contou, à volta da fogueira, o quanto a alma lhe ardia. Em dor, de abandono. Em dor, de saudade.

— Não te preocupes. O Gustavo volta. Ele prometeu-te. Tu sabes que o teu neto é uma pessoa honesta. E os jovens são assim. Eles precisam de ir, para poderem voltar — disse um dos anciãos. Por vezes, os antigos também se renovam em conselhos.

O ancião estava certo.

Gustavo tinha dito que não demoraria a regressar, e assim fez. Duas semanas depois de ter partido, estava o velho a dormir no sofá da sua sala, quando o cão começou a ladrar, alto e bom som. Anunciava a presença de alguém que se aproximava. O velho despertou e, através da janela, prejudicado pelas cortinas e pelo véu da doença que tapava a sua visão, vislumbrou um vulto. Assustado, dirigiu-se à porta e gritou bem alto:

— Quem é?

A voz que do outro lado se fez ouvir acalmou toda a sua ansiedade.

— Sou eu, avô!

O cão latiu com ainda mais força.

— Meu neto! Ó, meu neto! — o velho abriu a porta.

O cão, que sempre celebrara as chegadas de Gustavo, afastou-se, meteu o rabo entre as pernas, os dentes entre os beiços, e rosnou como nunca antes fizera.

— Traditio, estás parvo? É o Gustavo! Pára com isso!

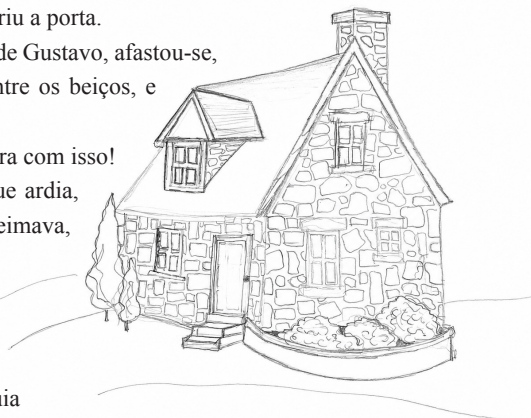
O avô abraçou o neto. E o abandono, que ardia, inflamou o peito de presença. E a dor, que queimava, inflamou de vida a saudade. Uma lágrima escorreu pela maçã do rosto do avô que, logo de seguida, a limpou com a ponta da manga da camisola. A proximidade da pele do neto fê-lo perceber que já não conseguia

sentir o seu cheiro como antigamente. Será da idade?,

pensou o velho. E decidiu que, na ausência de respostas certas, guardaria a certeza das suas memórias olfativas, e colocaria o foco no presente: o regresso de Gustavo.

Mesmo a tempo de ajudar a saúde do avô, que piorara bruscamente nestas duas semanas de ausência. Dizia-se, na tradição da aldeia, que o amor curava. E o avô, coerente com as suas convicções, provava que a sua falta adoecia.

Gustavo ajudava em cada tarefa. Acordava o velho, para garantir que ele respeitava a vontade do sol, dava-lhe o pequeno-almoço, levava-o a passear pelo campo, regressava para lhe fazer o almoço, ocupava a tarde como o avô lhe pedisse e, à noite, levava-o para as conversas de fogueira, e depois



deitava-o, garantindo que ele respeitava a vontade da lua. Na Utopia — esta, a verdadeira — os humanos tinham voltado para o colo da Terra Mãe.

A comunidade estava feliz com o regresso de Gustavo. Numa das conversas de fogueira que tiveram depois do seu regresso, contudo, confirmaram que as suas posições pouco tinham mudado.

Era sexta-feira treze e, nessa noite, o mais velho da comunidade honrava a origem das fogueiras, relatando às novas gerações como nascera a tradição. Tudo começara numa sexta-feira como aquela. A primeira fogueira nascera dos destroços de robôs que tinham sobrado do avanço tecnológico que a resistência rejeitara. Foi ali, a queimar o progresso, que a tradição renasceu das cinzas. À medida que a comunidade cresceu, a necessidade de dialogar passou a ser diária, pois só assim se garantiria a paz da pertença.

— Os robôs não são assim tão maus — atirou Gustavo.

Os mais velhos fizeram silêncio.

Os mais jovens puseram-se à escuta.

— A tua visita à cidade não te fez mudar de posição, Gustavo? — perguntou o ancião que presidira à partilha.

— Pelo contrário! Vim mais convicto de que a junção dos dois mundos seria possível, e até ideal. E estou certo de que o irei provar.

— E como tencionas tu fazer isso, jovem Gustavo?

— Se eu vos contasse como, vocês resistiriam. Estão programados para isso — o jovem sorriu.

Os mais velhos continuaram em silêncio.

Os mais novos ficaram ainda mais atentos.

— Nunca pensaram como a IA pode servir este mesmo modo de vida? Talvez o erro não esteja na IA. Talvez o erro esteja na forma como está a ser usada. Ou melhor, na forma como deixámos que nosusasse.

— Não sei se acompanho o teu raciocínio, jovem Gustavo — disse o ancião.

— Porque não me deixam usar os contactos que tenho na cidade e encomendar robôs com fins específicos? Agricultores, domésticos, cuidadores. Funcionais. Tarefairos que nos libertem do esforço, que nos permitam o verdadeiro círculo à volta da fogueira. Velhos, frágeis e jovens a coexistir sem a preocupação de produzir ou de servir.

— E não foi assim que nasceu o sonho das Torres Salgadas? Hoje, convertido no pesadelo do algoritmo.

— O sonho nasceu de humanos zangados com a humanidade. Aqui, nasceria de humanos zangados com a tecnologia. Alterando o ponto de partida, não poderíamos estar a alterar o destino?

O ancião ficou a ponderar naquelas palavras.

— Ninguém te pode negar a inteligência, Gustavo. Mas e o teu avô, o que pensa disto? Estás muito calado, Jaime.



— Eu? Estou tão feliz com o regresso do meu neto, que não me importo que ele experimente provar o seu ponto. Desde que ele não vá, o robô pode vir.

A conversa terminou com uma votação. Pela primeira vez, na aldeia, os mais jovens superavam em quantidade os mais velhos e, com os votos deles, decidiu-se implementar a experiência de Gustavo.

Na manhã seguinte, quando a fogueira se acendeu no céu do novo dia, mais jovens do que velhos reuniram-se no campo de cultivo onde costumavam trabalhar, para garantir o alimento da comunidade. Gustavo apareceu, com o avô, que por sua vez trazia Traditio pela trela, garantindo que a sua marcha era duplamente guiada. Nas mãos do jovem, vinha um pequeno objeto metálico, pouco maior do que uma cesta de pão. Perante os olhares curiosos de todos, Gustavo esclareceu:

— Não é um robô dos mais avançados das Torres Salgadas. Este nada decide. Apenas executa.

E, dizendo isto, acionou os comandos que ativaram o robô, que, fazendo soar, baixinho, o seu motor, abriu dois braços finos e começou a revolver a terra com uma precisão única. Os jovens aproximaram-se, para poderem observar de perto a eficácia da máquina. O cão afastou-se, assustado, primeiro rosnando, depois latindo. A plateia ficou impressionada com o ritmo e a eficiência do robô que, em poucos minutos, fez o que os jovens fariam em horas. Por entre o burburinho da multidão, surgiu a voz do ancião que debatera a questão na noite anterior.

— E que mais irás propor a seguir, Gustavo? Que a máquina trate da nossa fogueira? Que nos use como acendalhas? Que queime a nossa história e escreva as suas, em nome da eficácia?

— Proponho que ela nos liberte para que o nosso fogo possa apenas ser.

O momento marcou uma mudança na aldeia. A Utopia começava a abrir espaço para a tecnologia. Os mais jovens imaginavam a possibilidade. Os mais velhos recordavam a memória: a democracia morre por tolerar a abertura ao ditador.

Jaime e Gustavo seguiram com o cão para casa.

— Sabes, Gustavo, talvez tenhas conseguido trazer a mudança que desejas.

— Tu achas?

— Semeaste-a. Se a regares, irás colhê-la. Mas nunca te esqueças que a flor sempre se multiplica para lá da semente. Toda a criação pode fugir da mão do criador.

— É o risco de quem cria, avô. Mas porquê temer tanto a máquina? Quem te garante que também nós não somos uma?

O avô tossiu o caminho inteiro.

— Se eu sou uma máquina, estou a precisar de ir para a sucata, neto.

Chegados a casa, o neto preparou o almoço para o avô que, enquanto esperava, na cozinha, sentiu uma gota cair-lhe na cabeça.

— Ó diabo... parece que temos uma infiltração!

— E agora, avô?

— Vou chamar o Sr. Virgílio. Mas não sei se esta tosse me deixa recebê-lo — disse, enquanto a mesma se intensificava.

— Se não estiveres capaz, eu posso recebê-lo, avô. Mas quem é ele?

— É um amigo meu. Andou comigo na escola. Tornou-se técnico canalizador. Um dos melhores! Tanto assim foi, que a cidade o recrutou por uns tempos. Tu vais gostar de o conhecer. Foi ele que ensinou os robôs canalizadores a não precisarem dos humanos. Treinou-lhes o algoritmo. Deu-lhes o seu saber. Mas ele fez como tu: apesar de ter ido, voltou.

Com a ajuda do seu querido neto, durante o almoço, o velho ligou ao Sr. Virgílio. A tosse não melhorou. O avô começou a sentir-se febril e foi-se deitar, para descansar um pouco. Depois de algumas horas, o Sr. Virgílio estava à porta de casa para ajudar a resolver o problema no tecto da cozinha.

— Sr. Virgílio? — perguntou Gustavo, depois de abrir a porta.

— O próprio — o homem estendeu-lhe a mão.

Quando as de ambos se tocaram, Virgílio parou a observar Gustavo. Parecia querer encontrar-lhe nos olhos o motivo que ali o levava, porque quem o visse, naquele momento, diria que se tinha esquecido. Foi preciso Jaime entrar na sala, para que Virgílio voltasse a si.

— Virgílio!

— Jaime!

Abraçaram-se. Sentaram-se na sala e conversaram durante uns minutos, até Jaime perguntar ao velho amigo se queria um café. Virgílio aceitou, e o avô gritou ao neto:

— Gustavo, trazes um café ao Sr. Virgílio, por favor?

Assim que se sentiu o aroma de café na sala e Gustavo entrou com a chávena, instalou-se um silêncio. Virgílio ficou parado a observar.

— Onde é que arranjaste esta peça? — perguntou.

— A chávena? Foi a minha mãe que a fez antes de morrer — respondeu o avô, com um sorriso nostálgico nos lábios.

O Sr. Virgílio ficou em silêncio por mais uns segundos, talvez a processar o que iria dizer. Olhou para o velho, olhou para Gustavo e, aceitando a chávena e levando-a à boca, disse:

— Não era a isso que me referia, mas deixa lá... — bebericou o café.

— Sr. Virgílio, sempre pode ajudar com a infiltração? — perguntou o neto.

— Calma, rapaz, o homem ainda agora provou do café! — o avô tossiu com força.

— Avô, devias voltar para a cama. A tua saúde anda a pedir-te descanso.

O velho aceitou o conselho do neto, não sem antes se despedir do amigo.

— O Gustavo tem razão, Virgílio. Obrigado por teres vindo ajudar-nos.

Virgílio estendeu a mão a Jaime e o tempo ficou suspenso na observação que fez do amigo. Reparou nos seus lábios arroxeados e nas discretas gotas de suor que denunciavam a febre emergente e, com um olhar que pareceu dizer mais do que as palavras, deixou-lhe estas:

— Jaime... nem tudo o que está animado está vivo... Mas, enquanto estiveres vivo, anima-te! As melhoras, meu amigo.

Por uma última vez, abraçaram-se.

O neto foi deitar o avô e, quando voltou, ficou a ver Virgílio trabalhar. O homem não lhe dirigiu mais a voz, a não ser para dele se despedir e, quando o fez, deixou-lhe palavras que fizeram eco.

— Tome conta daquele homem. É uma pena que só as máquinas tenham conserto.

Gustavo fechou a porta e apressou-se ao quarto, de onde a tosse do avô surgia, em pedidos de ajuda.

— Essa tosse não passa? — perguntou o rapaz.

— Eu não te queria preocupar, mas na tua ausência isto piorou bastante, Gustavo. Um dos médicos da aldeia analisou-me e diagnosticou-me com pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiose.

— Bem, avô... enquanto tiveres pulmões para dizer esse nome, é sinal de que estás bastante bem!

O velho gargalhou, mas a gargalhada deu origem a mais e mais tosse, trazendo à evidência o que a piada tentara esconder: a sua saúde estava, visivelmente, arruinada.

Nessa noite, tudo piorou. A febre subiu e Jaime mal teve forças para se levantar da cama. A fogueira ardia sem ele, ele ardia sem a fogueira. Gustavo tratava de si o melhor que sabia. Colocava panos de água fresca sobre a testa do avô, na esperança de lhe baixar a febre. Mas a água evaporava-se, o pano secava e o velho continuava a arder. Gustavo tentou manter a normalidade das rotinas. Preparou-lhe a ceia de que ele mais gostava. Um chá com mel e umas bolachas de aveia. Mas o velho já praticamente não comeu.

O cão, que anos antes se juntava sempre para pedinchar da ceia, não o fez, visivelmente incomodado com a presença de Gustavo. Apesar de já mais habituado ao seu regresso, ainda reagia com desconfiança e rosnadelas a alguns dos seus movimentos, e garantia a sua distância.

Em esforço, o avô observou a cena. Chamou pelo cão, mas ele não veio. Olhou para o neto e as palavras de Virgílio ecoaram-lhe na mente.

Jaime... nem tudo o que está animado está vivo...

— Sabes... — murmurou o velho, com a voz a despedir-se da vida — Talvez tenhas provado o teu ponto. Talvez a máquina possa mesmo servir o homem.

Gustavo sentou-se na borda da cama.

O velho procurou-lhe a mão. Encontrou-a, fria.

O cão voltou a rosnar.

— Mas há qualquer coisa que o Gustavo tem que tu nunca terás. Algo que o Traditio sentiu desde o primeiro momento e que não habita em ti. É essa qualquer coisa que nos distingue de vós. Sempre foi. Sempre será.

O jovem permaneceu imóvel. Depois, respondeu com a voz exata de Gustavo:

— Fui programado para ser como o seu neto. E isso significa cuidar de si e, no final, dizer-lhe a verdade. O Gustavo não voltou.

Jaime não se sobressaltou. Duas delicadas lágrimas escorreram pelo seu rosto.

— Vou pedir-te uma coisa, máquina. Pega nos registos de toda esta vivência e entrega-os ao Gustavo. Pede-lhe que escreva uma história. Tu registaste, mas é importante que seja ele a contá-la. Quero que lhe chame Qualquer Coisa. E que fale daquilo que tu não tens. E, agora, retira-te, e deixa que o Traditio se venha deitar sobre mim.

A máquina obedeceu.

O cão entrou no quarto, subiu para a cama e, delicadamente, deitou a cabeça sobre o peito de Jaime.

O avô fechou os olhos, enquanto Qualquer Coisa dele se evadiu.

Gustavo recebeu os registos da máquina e cumpriu o último pedido do avô.

Hoje, este é um dos contos mais lidos em Torres Salgadas.

E, também lá, Qualquer Coisa mudou.

**EM MEMÓRIA DO MEU AVÔ,
GUSTAVO**



FICHA TÉCNICA

**ESCOLA SECUNDÁRIA DA MOITA,
AE DA MOITA**

**Alunos 10.º D2
Curso Científico-Humanístico
Línguas e Humanidades**

Aline Sangue
Ana Fernandes
Ariana Nobre
Carolina Miranda
Carolina Moura
Carolina Fernandes
Diana Caramelo
Dinis Ruivo
Gonçalo Rodrigues
Guilherme Dias
Gustavo Faleiro
Joana Moreiras
João Lavadinho
João Mendonça
Kessia Gomes
Leonor Fernandes
Leonor Alexandre
Luísa Marques
Luísa Fernandes
Maiara Gomes
Margarida Vilhena
Mariana Grazina
Mariana Moreiras
Matilde Silva
Rodrigo Machado
Rodrigo Ribeiro
Tiago Rocha

Docentes

Vera Pimenta
Cristina Vicente

Professora Bibliotecária

Helena Bolinhas

Ilustrações

Luísa Marques
Leonor Fernandes

Edição de texto

André Fernandes



ESTICADOR DE HORIZONTES (NO RASTO DE CAMELOS)

António Canteiro

ANTÓNIO CANTEIRO

Pseudónimo de João Carlos Costa da Cruz, nasceu em São Caetano e reside em Febres, no concelho de Cantanhede. É Técnico Superior de Reinserção Social na Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais, exercendo funções em Aveiro.

Autor de uma obra literária sólida e amplamente reconhecida pela crítica, tem publicado regularmente nas áreas do romance e da poesia, acumulando distinções de relevo no panorama literário português contemporâneo.

Romance

- *Parede de Adobo* (Húmus) – Menção Honrosa do Prémio Carlos de Oliveira (2005).
- *Ao Redor dos Muros* (Gradiva) – Prémio Alves Redol (2009).
- *Largo da Capella* (Gradiva) – Menção Honrosa do Prémio João Gaspar Simões (2011).
- *Logo à Tarde vai Estar Frio* (Gradiva) – Menção Especial do Júri no Prémio João José Cochofel (2013) e Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho (2015). Traduzido para inglês com o título *It Will Be Cold in the Afternoon* (Eglantyne Books, 2022).
- *A Luz Vem das Pedras* (Gradiva) – Prémio Alves Redol (2015).
- *Vamos Então Falar de Árvores* (Húmus) – vencedor ex aequo do Prémio Bento da Cruz (2018).
- *Nocturno* (Gradiva) – Prémio Literário Ferreira de Castro (2020).
- *Inventor de Esquecimentos* (Gradiva) – Prémio Literário Joaquim Mestre (2024) e Prémio Autores – Melhor Livro de Ficção Narrativa, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores (2025).

Poesia

- *O Silêncio Solar das Manhãs* (Gradiva) – Prémio Nacional de Poesia Sebastião da Gama (2013).
- *Na Luz das Janelas Pestanejam as Sombras* (Húmus) – Prémio de Poesia de Bocage (2015).
- *A Casa do Ser* (Gradiva) – Prémio de Poesia de Bocage (2018).
- *Não Fosse o Tumulto de Um Corpo* (Húmus) – Prémio Literário António Cabral (2019).
- *O Sol Incendeia o Alarido das Cigarras* (Húmus) – Prémio Literário Fausto Guedes Teixeira (2022).
- *25 Mulheres de Abril* (Húmus, 2024).

Em vez de nos desvanecer,
é o passado que nos aproxima e transforma
em objeto de paixões que baralham o tempo em unidades
como num jogo de dominó.

Joaquim Arena

O mato crepitava incessantemente em fogaréus
que incendiavam o azul. E os homens arroteavam,
presos à terra como a grilheta forte
que lhes tolhesse a liberdade de outrora.
A propriedade era limitada pelo trabalho – quem
mais desbravasse mais possuía.

Alves Redol

DE ROTA BATIDA

Vão de rota batida, ciosos madrugadores, num silêncio pesado de chumbo, que ninguém os ouça, jamais!, saíram e vão, agora caminham no fundo dos trilhos, carreirinhos de gente fora, caterva a andar, sítios de não ouvir-se nenhum aí, de não ouvir-se folha bulir, vão lestezinhos porque o dia luzente não tarda aí; passo apressado, aturdidos, abrandam agora o latejo, opiniosos caminheiros, c’o a cabeça em redemoinho, falam em silêncio para dentro, sem verbos nem vírgulas; agigantam-se aos montes, aos muros, corpos pardos desafiam cagufas o medo; ouve-se uma corda que rilha, mordisca um varapau que brame c’o a carga dependurada de teres e haveres; bem não, passinholento, que é como quem diz, passos mais de caracol, aí vão, demorosos... vá que todos os Santos sopram de cima, agora, de pés ambos, um atrás do outro, a descer a várzea, mão-posta ajuda é, vão indo e seguem, trespassam névoas a todo o arredor, vão pela areia e vão pelo mar adentro, sem sopro ou suspiro que os afogue, sem pausa nem pouso numa curva, vão e vão...

ANÚNCIO DE NOVAS¹

Era o terceiro ano, de mil novecentos e sessenta, no passado século; rebentava aí o mês de janeiro e com ele madrugadas frias de neve, húmidas de chuva, a toda a redondeza do telhado das casas, no lastro das árvores, nas terras e pelos caminhos, tolhendo-nos as mãos e os braços, entrando como agulhões nas faces rosadas, o corpo sempre a tremelicar como agitado por sismo ou, mesmamente, por um tremor de terra; era no final de um daqueles dias, depois de jornada de trabalho, após o jantar que, meus pais, connosco ao borralho, anunciavam novas do que, havia dias, lhes andava a bulir na cabeça: Eduardo, chegámos ao extremo das nossas forças, com a carestia de tudo, as despesas que não param de aumentar!, desde há meses para cá, que se come o pouco ou só o que há: papas de farinha de milho, migas, ou broa esgrime², sem conduto; desde há tempos que não sei o que é feito dos ovos da capoeira?, o quanto valem à dúzia?, nem o que é feito do leite das turinas?, o quase nada que a leiteira dá, sabemos que não chega para o mês no posto, esse dinheiro é levado como por um vendaval, em avenças a pagar das terras, isto para além de termos de dar baixa dos avios no livro da loja; é que, bem não, caímos na esparrela de comprar mais um trapo na feira dos vinte... continuou a minha mãe: por tudo isto e pelo mais que vier depois, é que terás de ir com o pai nesta invernada³

¹*Novas* - novidades

²*Esgrime* – o que está em estado simples; único; puro.

³*Invernada* – período de tempo que os trabalhadores *gandareses*, também conhecidos por *caramelos*, passavam na *Borda d’Água*, que durava desde o início do inverno, até ao início do verão.



para a Borda d'Água⁴, será só até ao mês de junho, se Deus quiser... eu era o filho mais velho de todos, lá em casa, contava apenas os meus treze anos de idade e, apesar dos poucos anos que contava, mantinha figura sóbria, alta e elegante, deveras robusta e cheia de vigor, assim, com donairo⁵ e tanto, que a fama de arrojado circulava há muito pela aldeia: que era um rapaz de nunca baixar o cenho a duelos e apostas, mirando sempre de olhos fixos o alvo, qualquer que ele fosse, que era sempre obstinado a vencer; e, após aquela noite, tomei a peito o desafio, num emaranhado de sentimentos a revoarem-me na cabeça: era tristura, arreceio, aventura, curiosidade, tudo remoendo na taleiga como o trigo... e lá fui, nada temeroso, daqui p'rá li, na companhia do meu pai, assim, entregando⁶ com os preparativos para aquela safra que nos levaria às terras de entre o Tejo e o Sado, na região de Setúbal... por isso é que, diga-se, tive que largar amarras da escola, que era já meninção e, ainda por cima, repetente; meu pai dizia que eu tinha tão boas mãos para a lavoura, até nunca enfeitava de ajudar a todos lá em casa; que a labuta molda o corpo, é sabido, também o caráter, a alma, em suma: cumpridor atinado de não nunca virar as costas a qualquer contenda...

ENXADA NA FORJA

Morador do lugar da Ermida, o ti Balseiro rondava os cinquenta anos, homem-feito desde os quinze, quando principiara com o pai o ganha-pão de Ferreiro; isto é assim um modo de dizer, pois que desde criança ainda, tratava todas as ferramentas pelo seu nome, encaminhando-as sem falhas ao labor do mestre-pai; quintés, vê-lo na oficina, era corcovado, sempre em mesuras à bigorna, alta-majestade, erguendo às costas o martelo, firme nas mãos calejadas, o rosto escurecido pelo calor da forja, aqui e ali c'ó a pele salpicada por meia dúzia de sulcos, todos habitados de breu; não nunca a chama do forno, incandescente, nem a luminosidade das fagulhas do esmeril clareavam a tez do ti Balseiro, bem pelo contrário, o que sabemos que só não lhe adentravam mais pelo corpo e pela carne, porque sempre foram amparadas p'lo avental de pele de carneira e peitilho, já gastos do uso, a indumentária que habitualmente trajava; calçava botas de couro, cardadas, e vestia calças de cotim, aqui e ali, surradas, uma camisa de flanela puída, co'as mangas arregaçadas até ao cotovelo; cabelo já um pouco grisalho, a testa calva, os olhos pequenos e negros sobre a boca rasgada por uma fila de dentes sadios; toda a gente venerava o Ferreiro, descendente de Ferreiro-Mestre, a quem eu encomendara há tempos o alvião⁷; e, naquele dia, quando me avistou à entrada do seu laboratório de

⁴*Borda d'Água* – designa a região do Ribatejo e de entre o rio Tejo e Rio Sado, para onde iam trabalhar, todos os anos, ranchos de gandareses.

⁵*Donairo* – o mesmo que “donaire” e sua corruptela por metáfora; elegância no andar, nos gestos ou na maneira de ser.

⁶*Entregando* – iniciando.

⁷*Alvião* – a enxada grande ou marraco, com orifício para um cabo encurvado.

ferrugem, o ti Balseiro interrompeu logo o que fazia, para exhibir-me orgulhoso o que era já a minha alfaia de Caramelo, com afio de lâmina aguçado, luzidio e perfeito; ele foi entremeando largos gestos de braços com opiniosas palavras, que ouvia atentamente: Eduardo, sei ler as pessoas logo à primeira, vejo no semblante e nos olhos dos meus clientes aquilo que procuram, e este alvião orgulha-me pelo resultado, estimei fazê-lo e sei que não te vai deixar mal, lá pelo Alentejo!; tomei nas palmas das minhas mãos o objeto de ferro, espalmado, contornei-lhe o orifício do cabo e a luz do sol espelhou nele, cegando-me, ainda lhe avalei o peso e, por fim, agradeci-lhe, pedindo por contas; retorquiu-me com uma forte palmada nas costas e com estas palavras, de há mais de meio século, mas que ainda hoje recordo: terás de pagar-me pelo feito sessenta mil réis, a mão-de-obra fica por minha conta, só te custeio o material despendido... e... as brasas do forno, incandescentes, lambiam as sombras em volta, o negro do fumo encrostava-se nas rugas e nas cicatrizes do seu corpo, deixando nele em pequenos pontos escuros a sua marca.

GANDARESES⁸ DA BEIRA LITORAL

Por estas gândaras, em volta, bramavam a-que-dalrei⁹ as mulheres a par com a minha mãe, chorando como beiras, de mãos enclavinhas à cabeça: ai o meu mais velho, que mo levou Deus!, ai dos outros, que são uns moiros de trabalho p'ra tão pouca terra; ai o meu mais velho, que nem treze aninhos tem, e já vai c'õ pai de ivernada p'rà Comporta; via pares de olhos em volta, pestanas feitas postigos, cerradas em choro, a alguns do meu porte, era vê-los desassombrados que seguiam, c'õ a enxada grande, o também designado alvião ou marraco, de cabo longo e encurvado nas unhas, uma folha ferro, tão larga como comprida, de quase trinta por trinta centímetros e orifício aberto com pegadoiro retorto, e lá seguia, c'õ ele gingando, botado às costas, empoleirado na cova do ombro; como eu ia assemelhado todo o rancho¹⁰, de rota batida, que já seguiam ao longe, que bem os via, e a cada passo minguavam as lamúrias, até não se ouvir quase coisa nenhuma para além que curtos bulícios, pequenos ais; era ainda noite, pela madrugada e, um deles, vulto encorpado, escapava pela berma acima da estrada, erguendo a cabeça, viu outro chegar, que, primeiro, era apenas uma sombra, depois, foi mais um catarro que se ouviu, tão profundo que de longe se fez notar, uma espécie de vozeirão, alto, logo esclareceu a turba nestes termos: que já eram mais que horas de ir andando

⁸*Gandareses* – naturais da Gândara, uma das sub-regiões da Beira Litoral, notabilizada pelo escritor, Carlos de Oliveira, comportando na sua área geográfica (acordo com Idalécio Caçõ), a norte, parte do Concelho de Vagos (desde o rio Boco), todo o Concelho de Mira, todo o litoral do Concelho de Cantanhede, cerca de metade do Concelho de Montemor-o-Velho e parte do Concelho de Figueira da Foz (a sul), até ao início da Serra da Boa Viagem.

⁹*A-que-dalrei* – *Acuda el Rei*, expressão usada em momentos de aflição.

¹⁰*Rancho* – grupo de Caramelos que sazonalmente demandava aos vales do Tejo e do Sado, para aí se empregarem nos mais diversos trabalhos rurais.

p'rá Estação!, que o comboio não espera p'la gente!, outros vinham de mais de cima, da encruzilhada de um caminho, pela madrugada e foi num instante que se formou mais um rancho deles, caminhando com pés, ambos, lado a lado, numa fila; contavam-se mais de vinte pares, uns atrás dos outros, e um, de entre eles, o mais velho, vai que se afasta do rancho para se acoitar junto de um arbusto, quintés, moita ou silveira, ali à mão, onde pudesse verter águas, é que está um frio de rachar; se bem o congelinou, melhor foi a feitura, apertavam-se-lhe as pernas na andadura, no caminhar apressado, em fuga, enfim, estacando, para apaziguar o dilúvio, a torrente de água que escorre... e fumegea... bem que já tinha cara de alívio, de longe, bem a vi, no entretanto clareado desta manhã, até enxerguei, uma a uma, as rugas a estenderam-se-lhe pelas fuças... e mais... e mais; numa corrida apressada, olha e vê ao longe a chusma de gente, à qual se junta no carreiro, e segue...

O RANCHO DE IR

Caminhavam, caminhando, que é como quem diz, tudo em passos de muito longamente, e sendo tempo de internada, clima frio, mãos e pés estavam como que à parte, ausentes de tudo no corpo, de não sentir-se nas veias nem um cisco de sangue; vão assim, de aldeia em aldeia, de casa com casa, homens com homens, amardois¹¹, meninos a par de meninos, com a idade dos poucos seus nove, dez, onze, doze e treze anos; muitos deles acabadinhos de deixarem para trás as contas de multiplicar e dividir, o nome das linhas de caminho-de-ferro e das províncias ultramarinas, os que tinham dedos ainda pequeninos a indicar no mapa, a escreverem com giz branco no quadro escuro, ao fundo da sala de aula; haviam de juntar vogais e consoantes, sílabas, palavras e frases em cópias e redações, tintim por tintim, haviam de saber de cor todos do nomes das terras por onde tinham mais tarde que passar; eram os nascidos no lugar Rilhõeses, outros, maiores, de S. Caetano e de outros sítios ao seu redor, enfim, a esmo bem lá no fundo de tudo, bem perto do lugar do Ribeiro e, nomeiem-se outros lugares que os há, na Gândara: Carromeu, Seixo, Cadima, Sanheira, lugarejos que eram como pequenos pontos de pó, ínfimos grãos de areia, pedaços de terra solta, recônditos plainos de chão; vinham por caminhos de carro, de terra batida, depois que um alguém a pisou, a passos com passos, leivas com leivas, e rodas de carro, lado a lado, até ao fundo de mais uma estrada, um caminho de dois retalhos, paralelos, ali vão... a modos que se vê uma curva, meia lua, minguante, desenhada no céu e mais além; pingo com pingo a descair do nariz, na ponta, que é deste frio, da corna de vida que levamos, mas, porém... a vida, esta que se vai num pestanejo, e quantos não a perderam assim, por invios caminhos de nunca antes sonhados, que quantas voltas há de dar o alcatruz no engelho do poço, o alcatruz, do qual se diz: que o mal sempre leva e o bem sempre traz;

¹¹*Amardois - ambos os dois.*

já o Sol vem caminhando à medida dos nossos passos, vizinhos, e, à ilharga deles, perna com pau, braços com braços, dependurados, badalos de sino de cá para lá, e eu neste vai e vem, atrás de quase meio cento deles, quem os arranchou, foi Sebastião, morador conhecido no mesmo lugar, o citado, Rilhõeses, homem já de muitos mil caminhos andados, e ainda outros tantos que tem por andar; vão demorosos, no fito da seara do arroz, lá longe, p'ra Borda d'Água... o cereal a espigar-se por aí afora, com olhos olhando, cismados, atentos e tanto, ouvidos escutando cantigas de cuco, cu-cu, cu-cul!; ainda, assobiadelas de melro, em debandada pela manhã, eis senão quando pararam, especados, no sítio do rumo certo, olhos ao alto, de uns para outros, esmarridos¹²... era o espaço do largo, ao centro da aldeia, o lugar onde grandes cepos de pinheiro ainda ardiavam numa fogueira de Natal e Ano Novo que perdurava, reviva, labaredas altas a entrarem pelo breu da noite, a alumiar a gente e todas as ruas em volta; cheirava a lenha queimada, ouvia-se o crepitar de carrascas no brasido, era como o fogo vivo dos fornos de cal, aquele ninho de brasas continuava teimosamente aceso, a arder: amarelo, avermelhado, quente, luzidio sobre os meus olhos, tanto, tanto, que...

A FOGUEIRA DE NATAL

Regressei outra vez ao tempo de quando era criança, em que eu e um dos meus irmãos, ainda mais criancinha que eu, ganapo, acreditávamos cegamente, como de olhos vendados, que era o Menino Jesus que vinha pela chaminé, sorrateiro, ai que não vinha, e zás pás trás!: era durante o silêncio da noite de Natal, que descia todo enfarruscado pela chaminé, a trazer-nos as prendas... e quando digo, cegamente, é porque era mesmo assim... sem tirar, nem pôr, porque, se dúvidas houvesse, na nossa casa, a família lá estava para atestar, que seguíamos à risca os mandamentos da lei Cristã e, por isso, as tradições do Natal eram levadas muito a sério, ai senão... bem que, para menininhos como nós, aquela era uma noite de arroubo e magia: a começar pelo cheiroso da canela, polvilhada nas filhós e outros doces à nossa espera, espalhados pela mesa; era uma espécie de poesia, o fascínio do olhar húmido, nublado, do fumejar da panela, fervendo batatas, couves e bacalhau, no borralho com a lenha a arder sob a trempe¹³; era por volta dessas dez horas, todos juntos à mesa, já saciados da noite, intensa, que iria ser de vigília, bem acordadinhos, todos, pois as pestanas dos olhos teimavam em não juntar-se, antes de caírem de todo em sono profundo... ia a fazer de conta para dormir, mas não, sem antes, deixarmos os sapatos em cima do fogão, que tinha a chaminé por cima e... a nossa cabeça congeminava ideias coerentes e simples: se o Menino Jesus vinha pela chaminé, à meia-noite, os sapatos tinham de estar logo ali, à mão de semear-se, cada um no seu lugar, como sentinelas a postos, bem demarcados, de modo a distinguirem-se uns dos outros; durante

¹²*Esmarridos* - pessoa que tem falta de ânimo para fazer seja o que for; sem vontade própria, desalentado; desanimado.

¹³*Trempe* - suporte em barras de ferro, com três pés, para panelas sobre a fogueira do borralho.

aquele tempo, na noite, dormia-se, ou não, que é como quem diz: dando voltas e voltas na cama, em princípio, era noite em claro!, e vamos que, e que... se alguém acordasse estremunhado a meio de um sono?, era consabido, que não estava autorizado a entrar na cozinha, ou, sequer, para lá olhar; pois diziam-nos que o Menino Jesus, Todo Poderoso e Invisível, também não podia ser visto, senão ia-se embora, para Jerusalém, e ficávamos, népias, sem prendas; escusado seria dizer que a cozinha ficava como breu, de nada ver-se, só de imaginar-se que aquele era agora um espaço mágico, sem luz, como palco a que tivessem corrido uma grande cortina, espessa e negra, o todo invisível e opaco, onde antes tinham sido arrumados numa banca, cuidadosamente, tachos, panelas e talheres, empilhados uns em cima dos outros, como dominó em equilíbrio, ao qual, se fosse levemente dado um toque num dos trens, em momentos, todos os outros caíam, em catadupa, e era tão lesta e seguidamente, que a queda fazia grande estrondo; ainda hoje duvido, como é que aquele espaço de negrume, o nosso palco mágico, oculto no seio da cozinha, possuído de gravidez sobrenatural, dormindo, engendrado misteriosamente num profundo silêncio, nunca ruía antes da hora prevista, à meia-noite?; e porque, porque?... e neste ínterim, lá se ouviam já na torre da igreja as doze badaladas, ressoando no alto para nossa casa, ao mesmo tempo, o grande estrondo de tachos, panelas e talheres a caírem ao chão, todos de uma só vez, num estrépito que parecia ainda agora soar-me tão forte ao ouvido... lembro que era esse momento em que eu e os meus irmãos nos levantávamos, num repente, e íamos logo a correr, pelo caminho enrolavam-se tapetes nos pés, ou então, com a pressa, íamos a escorregar pelo chão, numa correria de nos atropelarmos uns aos outros, só para ver quem chegava primeiro àquele sítio, onde tinha havido feitiço, ao seio milagroso da cozinha; lembro com saudades que, e que... a toda aquela pressa, todo aquele disparate, era envolvido em toleima, e não era para irmos ver as prendas, mas o que era mesmo... mesmo... mesmo... era para ir a tempo de tentar apanhaaar o Meniiino Jesuuus a saiiir... espreitávamos pela janela, de um lado e do outro, olhos bem abertos a chisparem luminosos ora pela porta, ora pela chaminé acima... e tudo alimentava a nossa ilusão de meninos, a crença que Ele vivia nas brumas da noite, secretamente fechado, debaixo de grande mistério, que se escondia no enigma daquele milagre... que era apenas sustentado por cordel preso aos tachos que, à meia-noite, certinha, em ponto, que a minha mãe puxava, e... poder-se-ia lá crer?, poder-se-ia lá entender de enosilhadas e belzebus?; acrescente-se, ainda, que um dos meus irmãos, mais velho, ajudava à festa, apimentando mais, com gargalhadas, a vasta cerimónia, surgindo aqui e ali, entre donairos de gozo, dizendo: vai o Menino Jesus, agooora, aliiii!, ainda lhe vi uma perna, agora, pela pooorta a saiiir... com isto, mais um ano passava, outro e outro, entretanto, já lá iam uma dúzia, o bastante para nos comover e não esquecer... hoje, passados todos os anos que conto, rememoro toda aquela encenação, como teatro afetos para manter viva a chama do Natal; e, com o tempo a passar, ano após ano, nos muitos que conto, entendi, finalmente: estar junto, presente, na nossa casa velhinha, era deveras mais importante que receber qualquer presente...

VINHAM DE COMBOIO

O céu fechado de chuvas e breus dera lugar a um sol tímido, clareando triste e envergonhado, até; e era tão assim, que um pingozinho de gente, desde a madrugada, bem cedo, se tinha anichado ali em volta, distraindo os olhos tombados pelos bancos, esperando, mormente agitados; instantes depois, ouviu-se um tumulto, e outro mais forte se lhe sobrepôs, e se disparássemos os olhos pelo pavilhão de espera, e ainda, pela porta de entrada, pela rua, já contaríamos centenas trabalhadores gandareses a juntarem-se no largo da Estação, em Cantanhede; uns vieram a pé, outros, de bicicleta, vozeando entre si encheram de sussurros o salão de espera; sentados no chão ou nos bancos em volta, esperavam a hora de ouvirem-se os berros da locomotiva, rilhando os ferros nos trilhos; e dera-se o caso de vir, hoje, a desoras antecipadas, bem madrugadoras; o que é certo é que se chegou mais cedo aqui, logo estaremos à hora certa na Estação de Arazeze, mesmamente, por aí afora, sem atrasos até Pinhal Novo... e se cada rancho contar com mais de quarenta homens, como ouvi dizer a alguém, somar-se-ão, conhecidos na redondeza, mais de uma dezena de assoldadores¹⁴ no todo desta região da Gândara - entre Vagos, Mira, Cantanhede, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz – todos juntos na Fé de Deus e aos molhos, seriam mais de quatrocentos homens de tez escura, trandeiras¹⁵ altos, ensimesmados, a seguirem de comboio por mais uma safra¹⁶; o Fiscal da Estação enfiou a bandeira no sovaco e porque estava o ponteiro do relógio na hora de arrancar, atirou com o toco do cigarro para as pedras do fundo da linha, para, sofregamente, sugar a última passa...

VINHAM DE BARCO

Desde o início do século XIX até aos anos sessenta, chegámos a Lisboa junto com outras famílias vindas de barco, de Cabo Verde; primeiro, ocupámos casas devolutas na cidade de Lisboa, depois, fomos acantonando com outros naturais da nossa terra, que já cá estavam; a certa altura, organizámos uma comitiva e, o que é certo, é que numa manhã de um dia qualquer, abalámos com teres e haveres para trabalhar a sul do Tejo; instalámo-nos numa colina, bem próxima da aldeia de São Romão e ali ficámos num quartel¹⁷, numa Herdade, juntamente com outros trabalhadores vindos do Alentejo, também, das Beiras, para uma safra de uma invernada, todos em conjunto de muitos, nos campos pantanosos para o plantio do arroz; com o chapéu de palha na cabeça, ornado por

¹⁴*Assoldador* – pessoa, geralmente um capataz, encarregado de contratar trabalhadores para formar o rancho que ia uma invernada trabalhar para o sul.

¹⁵*Trandeiras* – barreiras altas colocadas na horizontal na entrada das propriedades para evitar quem aí passasse abusivamente.

¹⁶*Safra* – período ou temporada em que se desenvolve uma atividade agrícola ou vitivinícola.

¹⁷*Quartel* – pavilhão amplo, onde dormiam, cozinhavam e permaneciam os trabalhadores (caramelos);

uma pequena fita, partilhámos comida, partilhámos trabalho, partilhámos a lida do dia a dia, e com ela muitas histórias que trazíamos da nossa infância; e, já agora, lembro uma delas, de quando eu era criança: lá na nossa ilha de Cabo Verde, o tempo andava mais devagar, porque o sol nascia cedo, forte, e a gente aprendia desde muito novos a respeitar a terra e o mar, já que eles eram quem nos dava tudo — e, bem não, também nos tiravam tudo, era de um momento para outro, se não houvesse muito cuidado; e, dizia, que lá na nossa Ilha havia um rapaz chamado Manel, filho de pescador; ele não era o mais forte da aldeia, nem o mais falador, mas tinha uma coisa rara: era muito atento e sabia ouvir, mais do que ouvir, ele sabia escutar, escutava o mar, escutava os mais velhos, escutava até o silêncio e isso valia mais do que muita força; um dia, numa época de seca, brava — dessas que racham o chão e até o coração da gente —, o mar começou a devolver os barcos vazios: o peixe que é dele?, peixe, nenhum... e a fome começou a sentar-se à mesa com as famílias, as pessoas rezavam, reclamavam, e outras, choravam... até que o Manel foi ouvir o mar, à noite, quando todos dormiam, sentou-se na areia e ali ficou, quietinho; numa dessas noites, diz-se que o mar falou, não com palavras, mas com ondas diferentes, mais lentas, e o Manel percebeu que o peixe tinha ido para longe, para onde ninguém queria ir, porque o mar era mais fundo e muito mais escuro; no dia seguinte, disse aos homens da aldeia para mudarem de rumo e o resultado foi rirem-se dele, dizendo: rapaz novo não ensina velho; mas a fome não perdoa o orgulho e alguns dias depois, aceitaram tentar, foram com medo, mas foram, e lá, onde o mar parecia bravo, denso e escuro como pez, estava o peixe, muito peixe, o suficiente para todos, e aldeia salvou-se; o Manel não ficou rico, não, continuou simples, tão só, porque aprendeu a escutar e quem sabe escutar não precisa gritar; é por isso que, na vida, quem só fala perde sinais importantes, por isso, vos digo: escutem mais, pois a vida fala baixinho, como o mar à noite...

O CAPATAZ

Passávamos o dia arrimando c'ò a enxada no amanho da terra e só relaxávamos por instantes quando púnhamos o cabo da alfaia entre o sacro e o cóccix; nós, os Caramelos¹⁸, também, os Ratinhos¹⁹ e outra gente sã e trabalhadora, da cor de carvão, éramos brancos e negros neste chão, todos iguais, no corpo, na carne e no sangue; por vezes, um de nós caía em desalento, erguia as costas da mão à testa e, ato contínuo, pela enésima vez, quedava-a envolta em suor, limpando-o às pernas das calças, já ensopadas; largas manchas ao redor dos sovacos, outras tomando-nos os meandros

¹⁸*Caramelos* – alcunha dada ao trabalhador gandarês que sazonalmente ia fazer invernada para os campos da Borda d'Água, trabalhando sobretudo na cava da vinha e cultivo, monda e ceifa do arroz.

¹⁹*Ratinhos* – Alcinha dada aos trabalhadores sazonais que se deslocavam da Beira-Alta e também do Alentejo, para realizar trabalhos agrícolas nas zonas entre o Tejo e o Sado.

da braguilha e dos bolsos; à nossa frente, o Capataz, de quem vi soltar-se do gorgomilo um rumor latejante, continuava com pragas, bocejos e outros escarros, num ódio figadal, tratava-o de filho da puta!, és um bandido, um sacana, cara de cão; sempre com o olhar de esguelha, andava naquele rom-rom, constante, a azucrinar o juízo a Zé Pequenito, um Ratinho, vindo do Alto Alentejo; o Capataz, cruel e cínico, de risinho falso, com o palito a bailar-lhe entre os dentes, rosnava daqui, dali e em volta, vara na mão, fincada ao chão, a voz aflautada a aguilhá-lo com palavrões, espetos sangrentos, de sem dó, como se faz aos bois em longa lavra; Zé Pequenito era mesmo muito pequeno em estatura, magro, enfezado, e quando fechava o ripado da boca, entaramelado, remoía-se por dentro, sisudo, quase não a abria, sempre de olhos no chão, escutando do Capataz baixezas, apoucando-o sempre, e a gritar-lhe: é hora de trabalhar, seu malandro!, dobra-me essas costas, azémola, que não te quero ver de corpo ao alto; como trado de um carpinteiro, daqueles de furar os miolos, cuspendo malcriações; um dia, disse-me Zé Pequenito: ah!, se Deus quiser, ele vai ver com que ferro se faz uma trempe!, aquele olhar de carneiro mal morto, que anda sempre em ferroadas; perto do anoitecer, achegou-se mais uma vez, aquele monstro, ao pé de mim, e soprou-me furiosamente ao ouvido: ai queres a minha filha?, que é boa, não é?, mas não é para os teus queixos, labrego dum raio, não passas de um patife dum Ratinho alentejano!, olhei de esguelha, rufando em fúria e disse entre dentes: Cãopataz dum raio!, um dia, corto-te o pescoço, rente!, ai corto, corto!, com o alvião como aquele, ceifo-te de alto a baixo!, palavra de honra, juro que o faço!...

FILHOS DO ALENTEJO

A minha avó do coração contou-me um dia a sua história, que foi mais ou menos nestes termos: nasci no Alentejo, fui lá criada numa casa com cinco irmãos; toda a gente que podia, começava a gastar os seus dias com os pais no campo; eu, de estatura alta, olhos grandes e negros, tão grandes, que se afundavam no côncavo das pálpebras e, ao abrirem, lançavam um brilho tão forte que iluminava a penumbra do quarto; essa luz estendia-se aos cabelos lisos e escuros, que, a par com a reste de sol, desciam em tiras da frincha da janela para o soalho da casa; a linha dos lábios era perfeita, e devolvia, entre as sombras, a sedução soletrada da palavra «amor»; recordo ainda que, nessa tarde de primavera, no recato da casa da charneca, dividimos o mundo em dois, o meu e o teu, para os unirmos depois num só, o de ambos, e quem sabe?, um dia, um filho; foi aos dezasseis anos que comeci a namorar o pai dela, trabalhava numa bomba de gasolina, tinha uma motorizada e andava por lá às voltas... e... entretanto, fiquei grávida!; fui mãe solteira... mas hoje tenho uma filha, linda!; a minha irmã, mais velha, tinha ido há muito anos servir para Lisboa, então, saímos do Alentejo e viemos todos morar com ela, na Capital; alguns dos que vinham do Alentejo, acabaram à jorna nas vinhas entre o Tejo e o Sado... tenho setenta e quatro anos, e, se Deus me der saúde, posso

ir sempre ajudando... a minha irmã mais velha começou a gostar de outro rapaz e contava-me; um dia, casou-se e não correu bem; mas nós estávamos sempre aqui, sempre, uns p'ros outros... um dia ficou doente e partiu...

MEMÓRIAS DA AVÓ

Havia uma tradição, memória, ritual, único e só nosso, e quando acontecia eu sabia que era especial: a minha avó apagava as luzes, acendida uma vela e sentava-se ao meu lado; depois dizia que aquela chama guardava todas as histórias da nossa família; dizia que, quando era nova, fazia o mesmo com a mãe dela, e que assim as histórias nunca se perdiam; no fim, pedia-me para fechar os olhos e pensar numa coisa boa que não quisesse esquecer; com um sopro, saindo levemente pelos seus lábios, apagava uma vela e, quase ao mesmo tempo, dos seus lábios exalavam, baixinho, estas palavras: enquanto te lembrares deste momento, nunca estarás sozinha; cresci com esta tradição aconchegada ao meu peito e, às vezes, fecho os olhos, e quase consigo ouvir a voz dela...

CRIME E CASTIGO

Desde madrugada que chove, enlameando a terra encharcada; não havia modos de arramar²⁰ e só quando um pássaro saiu do seu ninho e voou, caindo esta manhã de silêncio, é que o sol deu em clarear, ainda que meio envergonhado; eram nove horas da manhã, quando o rancho voltou p'ra vinha, acompanhado pelo Capataz; como ontem, anteontem e atrás de anteontem, o homem, com voz autoridade, feroz, jeito para o insulto, tratou de mais uma vez humilhar o Zé Pequenito na frente de todo o rancho: és um trinca-espínhas, um achadiço, um Zé Ninguém, um frouxo; lá que o Zé não tivesse grande altura, era bem verdade!, pois, desde criança ainda, era leve como pena, ora alcinhá-lo de frouxo!, isso é que não!; ele que tinha honras de pegar no alvião e, como qualquer dos Caramelos, num instante, deixava atrás de extensa leira de terra, cavada; não era de pôr costas ao alto, nem p'ra tomar, da mão de aguadeiro²¹, canecas de água, uma outra atrás de outra, seguidas, fazendo ronhas²²; nesse dia, tinha pedido emprestado a Eduardo um dos alviões, aquela enxada feita à mão por gente da Gândara, homens co'a palavra “honra” lavrada no coração; e dissera-lhe, baixinho, que não continuaria a deixar-se espezinhar pelo monstro do Capataz, ele que o tomara de ódios, tinha destino marcado, lá isso tinha!, da próxima vez que o atentasse, zás!... ai

²⁰**Arramar** – período em que a chuva para, por uns minutos, durante um aguaceiro torrencial.

²¹**Aguadeiro** – o moço que servia água numa caneca aos trabalhadores durante os dias quentes da safra.

²²**Ronhas** - sentido figurado de preguiça ou manha.

vai, vai... bem não, foi-se o sol e caiu uma chuva morrinhenta, misturada num vento que assobiava, pianinho, ao de leve; de quando em vez, a aragem assoprava mais forte, numa rabanada que tomava a brisa num só bafo e engolia, no céu, as nuvens de um só trago; era meio da manhã, quando o Zé Pequenito tomava o mata-bicho²³; o Capataz abeirou-se dele e surripiou-lhe da mão a caneca da água-pé, acantonou-se, de costas e mijou-lhe dentro; entregou de novo em amesquinhá-lo com outras provocações e insultos; Zé Pequenito ia engolindo, até que, à boca fechada, lhe respondeu de igual modo; o Capataz, aproximando-se dele, espetou-lhe com a bota direita entre as pernas, mesmo em cheio nas partes podendas; então, encheu-se-lhe o cérebro de raiva, e, tomado de dor lancinante no centro do corpo, toldaram-se-lhe os olhos em lágrimas, encurvou-se e gemeu, e num último fôlego, regressou do ínfimo de si, resgatando algumas forças para se erguer, ao alto, procurava coragem onde ela se encontrasse, no reteso dos seus músculos, no rilhado dos seus dentes... e, empunhando com o alvião que Eduardo lhe emprestara, foi num lapso, que o alevantou e deixou cair, com todo o seu ferro luzidio, sobre a sua cabeça do Capataz, este que se esvaiu pelo chão, como marioneta desarticulada, quase sumido pela terra dentro, no meio de extenso lago de sangue: todo o rancho em volta, caras assustadas de várias cores e raças gritavam, à uma: estás desgraçado, homem!, o que foste fazer?; tremendo sem frio, toldado no desespero do ódio, assapou-se ao chão, de bruços, cotovelos sobre os joelhos, e só disse para os que o ouviam e, mais tarde, testemunharam: chamem as autoridades para me prender e, no Tribunal, só digam a verdade!, terminava, assim, mais uma invernada para os dois: o Zé Pequenino ia cumprir seis meses de prisão na Cadeia de Pinheiro da Cruz e o Capataz ia a enterrar no cemitério da cidade, no dia seguinte...

²³*Mata-bicho* – toma de um pequeno lanche, a meio da manhã.

FICHA TÉCNICA

**ESCOLA SECUNDÁRIA
FERNÃO MENDES PINTO**

Alunos

Anastasiia Herula
Beatriz Silva
Cleidora Veiga
David Pontes
Jénifer Silva
Lara Godinho
Margarida Maurício
M^a Helena Passos
M^a Inês Antunes
Maria Gonçalves
Mariana Alcobia
Polyana Morais
Rafaela Feliz
Rita Sousa
Rita Santos
Rita Pereira
Sara Silva
Tânia Silva

Docente

Sofia Sousa

Professora Bibliotecária

Alexandra Isabel Derboven M. Alves



APRENDER A PINTAR COMO UMA CRIANÇA

Guilherme Pires Correia

GUILHERME PIRES CORREIA

Nasceu em Lisboa, em 1996. Conta com alguns contos em antologias e distinções em concursos literários, destacando a atribuição do prémio Ataegina 2022, com o conto "As Flores que Nascem no Deserto", atribuído e publicado pela editora Imaginauta, e o lançamento do seu primeiro livro em 2023, a novela "A minha mãe não tem idade para ser minha mãe", editada pela Urutau. Em 2024 foi um dos vencedores do prémio Luis Vilaça com o conto, "O pai fugiu da bruxa e deixou o filho entregue à bruxaria".

Atualmente trabalha como psicólogo no Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental da Associação para o Planeamento da Família.

Numa torre de pedra e mármore, onde as engrenagens giram em rotações diferentes, umas de modo manso e outras com um fervor inabalável, morava um pintor com uma paixão pela arte da criação como nunca ninguém antes tinha visto.

O Pintor, no seu estúdio, fazia o que sempre tinha feito desde que se conhece por gente, pintar. As cores, os pincéis, as telas, até o cheiro da tinta, era tudo como uma extensão do seu próprio ser. Todas as vezes que o Pintor pintava algo novo, o seu coração palpitava de alegria pela arte, do mesmo modo que fizera em criança. Na sua alta torre criava o seu próprio mundo, afastado de tudo e todos, um pequeno paraíso com uma grande janela de cobre polido voltada para uma das suas inspirações: a cidade.

A cidade que nunca parecia descansar, que mesmo de longe era possível ouvir o click-clack das engrenagens, o assobio dos apitos, as máquinas a vapor que nunca paravam e, claro, o maior centro de artes conhecido ao homem! Embora o Pintor preferisse a calma e sossego da sua torre, não negava o quão bom era olhar para lá do horizonte e ver o belo fruto do trabalho dos seus queridos camaradas artistas que criaram e ergueram o seu próprio paraíso das artes, tal como ele ergueu o dele.

Durante anos o Pintor viveu nessa torre com a sua obra e a sua paixão pela arte. A vida corria-lhe bem, os seus quadros vendiam o suficiente para não ter carências financeiras. Apesar de monótono, o seu dia a dia era bastante satisfatório, consistindo apenas das três refeições, tempo no seu estúdio, pintar e descontraír na sua biblioteca antes de adormecer na poltrona, sempre pela mesma ordem e raramente interrompido pela necessidade de descer até à cidade para comprar mantimentos.

Certo dia, a sua rotina foi perturbado por um alarido vindo da cidade, tão estrondoso e duradouro que o fez arruinar o quadro que pintava nessa manhã. Normalmente qualquer ruído exterior seria abafado pelas paredes sólidas e espessas da torre ou pelo ruído das máquinas que nela existiam. Fosse pela indignação perante a falta de respeito dos seus vizinhos, quer por mera curiosidade de saber o que o tinha causado, o Pintor decidiu antecipar a sua visita aos seus camaradas cidadãos.

Percorreu as ruas à procura da origem da agitação e não demorou muito até se deparar com um vendedor estrangeiro, que mostrava aquilo que alegava ser uma máquina de produção de arte. Ele prometia que as telas pintadas por esta invenção seriam realizadas em menos tempo, mais baratas e não necessitariam de tanta mão de obra como qualquer obra feita por um artista. O Pintor não ficou preocupado pela forma como isso afetaria o seu trabalho pois, apesar do entusiasmo do público, uma mudança de escala tão grande nunca seria verdade, simplesmente virou as costas e retornou à sua torre.

No dia seguinte, o Pintor foi outra vez interrompido enquanto trabalhava numa das suas obras, mas desta vez por alguém a tocar à campainha da torre. Após descer a escadaria para abrir a porta, deparou-se com um vendedor, bastante semelhante com o que tinha apresentado aquela máquina horrorosa no dia anterior, só que com um bigode que não estava lá antes. Este tentou vender-lhe uma nova máquina que faria o mesmo que a anterior, mas que produziria esculturas perfeitamente

executadas e extremamente resistentes. Apesar dele próprio não conseguir esculpir, também rejeitou esta por mero princípio.

Nos próximos dias, o mesmo homem apareceu à sua porta, com diferentes indumentárias, sempre a vender novas engenhocas, todas apresentadas como capazes de produzir diferentes formas de arte e cada uma melhor que a anterior. O Pintor, ainda assim, recusou, não cedendo à pressão do avanço tecnológico e procurando manter a sua prosperidade, no exílio dos seus aposentos.

Na sua torre de pedra e mármore, onde antes reinava uma paz reconfortante, o silêncio começava agora a pesar de forma diferente. O Pintor continuava a pintar como sempre, guiado pela mesma paixão de outrora, mas algo tinha mudado. As suas obras acumulavam-se sem destino, já ninguém subia à torre.

Com o passar dos dias, o Pintor apercebeu-se que os seus clientes tinham desaparecido. Intrigado, olhou pela janela de cobre polido e viu a cidade transformada. Entre o ruído constante das engrenagens e das máquinas a vapor, multidões reuniam-se em torno de novas invenções.

Foi então que compreendeu. As máquinas produziam arte — rápida, barata e em grande quantidade. Pior ainda, ao observá-las com mais atenção, reconheceu nelas algo perturbador: copiavam o seu próprio estilo, cada traço e cada cor, quase sem falhas.

O Pintor sentiu o seu orgulho ferido. Aquilo que sempre fora único, fruto de dedicação e emoção, estava agora a ser replicado sem esforço. A sua arte, antes valorizada, parecia ter perdido o seu lugar. Na torre, olhou para as telas e, pela primeira vez, hesitou. Seria ainda a sua arte suficiente num mundo dominado por máquinas?

No estúdio, sentia-se a passar os dias a trabalhar em vão. Olhava em redor, mas em tudo o que via notava falhas. Telas que espelhavam imagens do real ao abstrato, tudo inacabado, empoeirado, lentamente a perder a magia. Mesmo assim, toda a pilha de tentativas do último mês e meio era incomparavelmente mais pequena que o amontoado de cópias das máquinas, porque no fundo, estas limitavam-se a copiar, a imitar.

No entanto, não havia nada mais que poderia fazer que tentar. Tentar e falhar, porque na realidade as máquinas ganhavam sempre. Havia cada vez mais, cada vez melhores, parecia que o mundo estava todo contra ele. Notava-se, nas ruas, nas praças, nas diminutas filas para o seu estúdio, para as suas exposições, em todo o lado.

O Pintor tentou inovar, as tintas eram agora feitas à mão, à base de pigmentos naturais, os pincéis feitos de madeira dos seus móveis por entalhar e filamentos dos próprios cabelos, meticulosamente arrancados e agrupados para tentar inventar algo novo, mas as máquinas eram sempre mais rápidas, mais eficazes.

Procurou também desconstruir tudo e começar do zero, observar as crianças e tentar aprender a sua intuição, fazendo só por fazer, partindo do pressuposto de que as máquinas seriam incapazes de replicar esta ausência de método, sendo, para si, sempre uma tarefa hercúlea abster-se

de tal forma. Contudo, por mais que tentasse, o Pintor esquecia-se sempre de considerar a extensão da capacidade de fingimento das máquinas. Elas fingiam melhor que tudo e todos, captavam os traços do abstrato e tornavam-no concreto como ninguém, sugando-lhe assim toda a alma e espontaneidade que outrora tivera.

Sem saber o que fazer perante as máquinas que pareciam inultrapassáveis saiu, rumo à cidade, em busca de outros artistas que o pudessem ajudar na procura de alguma solução.

No entanto, ao chegar à cidade, deparou-se com um cenário completamente diferente do que esperava. Foi ao teatro e encontrou robôs a interpretar peças. No estúdio de dança só andróides dançavam o lago dos cisnes. Nas bibliotecas, programas de produção de texto escreviam sem parar os novos livros do ano.

Rumou ao café, local onde em tempos discutiu arte e partilhou processos artísticos com muitos outros. Lá encontrou vários dos seus camaradas, envoltos na bebida e numa vida boémia, os quais, estranhamente, defendiam as máquinas. “Amigo! Agora temos mais quadros, mais peças de teatro, mais livros do que alguma vez conseguimos ler”, disse um. “Nunca fizemos tanta arte e tão barata”, disse outro, “agora qualquer um pode ser artista, já não é preciso saber fazer nada. Nunca pintei, agora só penso, digo à máquina o que fazer e ela cumpre o que eu imaginei, sem esforço, sem necessidade de praticar, cria um quadro que eu nunca conseguiria criar”. “Melhor ainda”, adicionavam, “é a máquina não se cansar! Produz sem parar quanto mais eu quiser. O cansaço que a arte traz não afeta as máquinas. Imagina, a quantidade de pessoas que podem ser artistas agora, a quantidade de artistas que a única coisa que têm de fazer é pensar! Já não precisamos de ter técnica, já não somos executores, só precisamos de ser pensadores”.

Sentia a frustração a atingi-lo uma vez mais. De volta ao estúdio, não conseguia impedir que os pensamentos negativos o dominassem. Até na sua torre, o seu sítio favorito, aparentava estar a ser consumido pelas sombras lentamente. “O sol já não ilumina esta sala como antes”, pensava, “até o meu caos organizado onde costumava pintar se tornou apenas caos. É como sentir toda a luz da minha vida a ser sugada”.

Sentado no chão, no centro da divisão, com os joelhos puxados contra o peito, enterrava a cabeça nos braços numa fraca tentativa de se proteger do mundo. A conversa que tivera horas antes ainda lhe pesava na consciência.

O sentimento de traição por parte dos amigos e colegas artistas tinha-lhe deixado um traço amargo no corpo. Como podiam eles compactuar com as máquinas? Como é que não se importavam com aquilo que elas lhes faziam? Não conseguiam eles perceber que as máquinas estão a matar a arte e os artistas?

“Nunca nos deveríamos aliar a algo que não tem alma ou qualquer sentimento. É disso que a arte é feita, das emoções dos artistas, é o que a alimenta”, declarava, enquanto caminhava pelo seu estúdio, “quando decidi procurar ajuda junto dos meus companheiros artistas para combatermos

este flagelo, este pesadelo, nunca me passaria pela cabeça que a resposta deles fosse que estava ser muito dramático e retrógrado, que tinha de me adaptar aos tempos de hoje e deixar a máquina ajudar-me. Um completo ultraje! Nunca na vida me irei juntar a algo que rouba dos artistas! Um bando de traidores todos eles! Não passam de covardes!”. Respirou fundo para se acalmar, o que não era tarefa fácil, pois sentia o sangue a ferver, chegando a tal ponto que tempo não tardava para o corpo entrar em combustão.

Apesar da sensação de traição, a parte lógica da sua mente dizia-lhe que não os podia culpar, “estou muito tentado a ignorar esta parte da minha mente”, declarou, “afinal é por causa de pessoas como eles, que não têm coragem para lutar pelo que está certo, que chegámos a este ponto”. Procurou entendê-los, reviu os argumentos que lhe lançaram na sua cabeça e tentou analisá-los com outros olhos. Não conseguia. Percebia a vontade dos artistas em manter os empregos e continuar a fazer arte, contudo recusava-se a aceitar que usassem máquinas só para que a sociedade os aceitasse.

Declarou, “como artistas já passámos por tantos desafios ao longo da história, desde o início que o nosso maior objetivo é deixar uma marca neste mundo. Encontramos esse desejo em qualquer forma de arte, seja nas pinturas rupestres, numa partitura, ou num poema. Não seria batota usar máquinas no nosso trabalho? Não quererá isso dizer que não somos bons o suficiente? Como é que podemos dizer que a nossa arte é única e sobretudo o nosso legado, se não a realizamos sozinhos?”.

As lágrimas caíam-lhe em cascata pelo rosto, “sinto-me tão sozinho”, confessava, “tão cansado, sem energia ou vontade de viver, e mais umas vez sinto-me perdido, sem rumo ou direção. Será que curvar-me ao sistema é a única solução para este problema? Será que devo continuar a resistir ou ir contra tudo aquilo em que acredito?”.

Tentou focar-se, entender uma nova forma de agir. Recusava-se a competir diretamente com as máquinas, percebia que isso não resultava. Decidiu, então, observar melhor as pessoas à sua volta e tentar encontrar outra solução.

Passou os próximos dias a andar pela cidade, até que um dia viu uma criança sentada no chão a pintar com giz. A criança não parecia preocupada com nada, nem com o resultado final, apenas desenhava o que lhe vinha à cabeça, misturando cores e formas de maneira livre. O Pintor ficou a olhar para aquele cenário algum tempo e fascinou-o como algo tão simples pudesse ter tanto significado.

Foi aí que ele teve uma ideia. Pensou que talvez as pessoas tivessem desaprendido esta forma mais livre de criar, sem medo de errar. Decidiu começar a incentivar pessoas, principalmente aquelas que tinham perdido os seus trabalhos por causa das máquinas, a experimentar fazer arte como uma criança.

No início, muitas pessoas recusaram ou acharam que aquilo não fazia sentido. Diziam que não sabiam desenhar ou que não tinham jeito nenhum para arte. Mesmo assim, o Pintor continuou a insistir, explicando que não era preciso saber técnicas nem ser perfeito, bastava tentar expressar o que sentiam.

Aos poucos, algumas pessoas começaram a tentar. Um desenhavam coisas simples, outras apenas faziam manchas de tinta, e algumas até escreviam pequenos textos ou palavras soltas. Não era uma arte perfeita, mas era verdadeira, e isso fazia diferença.

O Pintor começou então a reunir essas pessoas em pequenos grupos, onde todos podiam criar sem serem julgados. O ambiente era diferente do que existia antes, mais leve e mais espontâneo. Mesmo que nem todos levassem aquilo muito a sério no início, dava para perceber que, de alguma forma, ajudava. Assim, o Pintor foi colocando o seu plano em prática, tentando mostrar que a arte não precisava de ser complicada nem perfeita, mas sim algo que vem de dentro de cada pessoa.

Após este momento, o mercado artístico aumentou como nunca se tinha visto, inundado por ondas imparáveis de produção artística feita por máquinas, misturada com as novas vagas de arte sincera e genuína nestes seguidores do Pintor.

O público, confrontado com as quantidades astronómicas de produção artística, pouco a pouco começavam a aborrecer-se. Perdiam interesse em consumir. A arte mais humana, menos técnica e mais genuína começava a voltar a ganhar valor porque as pessoas começavam a voltar a interessar-se por ela pela sua diferença.

Com o passar do tempo, a cidade, outrora dominada pelas máquinas e pela produção excessiva de arte sem profundidade emocional, começou a mudar. As pessoas, agora saturadas pela abundância da arte insignificante, passaram a procurar algo diferente, algo que não pudesse ser replicado por mãos mecânicas. Mesmo assim, as ruas ainda continuavam cheias de engrenagens, de apitos e de vapor maquinal, mas agora, por entre essa industrialidade abundante triunfava a imperfeição humana. A imperfeição, onde os erros dão valor, onde as emoções têm calor, onde a ternura equivocada da arte prevalecia. E assim, pouco e pouco, a arte regressava à sua forma original, à sua verdadeira essência: uma forma de expressão das emoções do coração.

Ainda assim, as máquinas não tinham desaparecido, muito pelo contrário! Mas agora o seu papel e propósito eram diferentes. Já não eram vistas como artistas ou pintores, mas como ferramentas ao serviço destes muito emocionados pensadores. Agora auxiliavam na preparação de materiais, de experiências, e nos estudos das “ciências” da expressão do coração.

O Pintor, que durante muito tempo resistiu às máquinas, observava agora esta nova realidade da janela de cobre polido da sua torre. A cidade continuava viva, expressiva e ardente, mas havia algo nela que parecia diferente. Era nada mais, nada menos, que um novo equilíbrio entre a mente humana e a mente maquinal, um equilíbrio que agora lhe trazia um forte prazer matinal. Desta forma, ele voltou a pintar como nunca tinha pintado, a pintar como nunca tinha pensado, a pintar de formas que nunca tinha pincelado, mas desta vez não pintava sozinho.

Num canto da sua grande sala, ali repousava uma pequena máquina, muito diferente das monstruosidades de outrora. O Pintor usava-a ocasionalmente, não com desconfiança ou amargura, mas com uma certa curiosidade e ternura para melhor poder pintar. Perguntava-lhe sobre combinações

de cores, estilos artísticos, e até mesmo sugestões improváveis às quais a sua mente nunca chegaria por si só. Ainda assim, era ele quem decidia, quem sentia, quem pincelava sobre a tela, porque a máquina não desvalorizava a criatividade do artista, mas sim, ampliava-a.

E, pela primeira vez, ele não se sentiu perdido, mas sim arrependido, por não ter compreendido mais cedo a insubstituibilidade da imperfeição humana.



FICHA TÉCNICA

ESCOLA SECUNDÁRIA JAIME CORTESÃO AE COIMBRA CENTRO

Aluna

Maria Leonor de Oliveira Ferreira (11.º 2)

Docente

Fernanda Conraria

Professora Bibliotecária

Dulce Gomes

ESCOLA SECUNDÁRIA ENG. ACÁCIO CALAZANS DUARTE AE MARINHA GRANDE POENTE

Alunos

Maria Francisca Angélico Reis (11.º H)

Teresa Maria Lima dos Santos (12.º J)

Tiago Puidival Pascoal Pouzada (11.º F)

Professor Bibliotecário

António da Silva Santos

ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA

Alunos


Isabelle Santos (10.º H)

Ana João (12.º C)

João Morais (12.º C)

Professora Bibliotecária

Filomena Pedroso



A BIBLIOTECA DOS SENTIDOS

Inês Barata Raposo

INÊS BARATA RAPOSO

Inês Barata Raposo (Castelo Branco, 1990) é autora dos romances juvenis «Coisas que Acontecem» (prémios Branquinho da Fonseca 2018 e Tábula Rasa 2019) e «Quarto Escuro» (prémio Maria Rosa Colaço 2022). Em 2023, estreou-se na literatura infantil com «O Efeito Bola de Menta». Todos os seus livros são editados pela Bruuá.

É mestre em Edição de Texto, pós-graduada em Artes da Escrita e licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa. Vive numa aldeia no interior de Portugal e passa os dias entre os papéis de escritora, leitora e redatora.

Ninguém sabe exatamente quando começou. Nos registos mais antigos, não há consenso sobre a Biblioteca dos Sentidos. Cada geração tem a sua própria explicação.

Há quem acredite que nasceu num tempo em que o mundo transbordava de imagens, vozes e respostas. A inteligência artificial ganhava espaço. Pouco a pouco, começavam a desaparecer os cheiros que evocam memórias e os sabores que pertencem a uma casa.

Sabemos que, em algum momento, pequenas memórias anónimas começaram a ser registadas. Coisas simples, tão únicas como as pessoas que as viveram.

Hoje, no 450.º aniversário da Biblioteca dos Sentidos, abrimos o arquivo para apresentar algumas dessas memórias. Inéditas, para memória futura.

Arquivo 01

Banal gelatina de morango, Luna Neves

O sabor da gelatina de morango parece quase sem graça. Mas para mim guarda sentimentos indescritíveis. Tem um travo um pouco azedo, que fica na boca e na memória. Sempre que o sinto, volto ao dia do meu aniversário, quando fui a correr abrir a porta e encontrei a mãe à minha frente, depois de quase cinco meses sem a ver nem tocar por causa da covid. Carregava no rosto aquele sorriso alegre de me ver. Trazia nas mãos uma tacinha com gelatina de morango feita por ela, especialmente para mim. Quando a provei, senti primeiro o azedo, mas logo depois veio um sabor doce do carinho que a minha mãe usou na receita, tão simples. Quem diria que uma gelatina de morango poderia ser tudo ao mesmo tempo: doce, azeda... e com um leve salgado das lágrimas que me caíram naquele dia.

Arquivo 02

Cucos lá fora, Leonor Antunes

Quando era pequenina e vivia no campo, todas as manhãs acordava com o som dos cucos junto à janela do meu quarto. Sendo uma divisão espaçosa, o som ecoava ainda mais, enchendo o quarto inteiro, como se percorresse todas as dimensões a que tinha direito. Como se dissesse: bom dia, há uma nova oportunidade de ser feliz hoje.

Quando abria a persiana, a luz da manhã deixava o quarto clarinho ao entrar. Lá fora via-se o verde das árvores e, lá dentro, o armário de madeira reluzia quando o sol lhe batia. Naquele instante, o canto dos cucos parecia ainda intenso, trazendo uma calma suave às manhãs.

Hoje, sempre que volto a ouvir o canto destes pássaros, regresso à minha infância e sou rodeada por uma sensação mágica de nostalgia. Volto a sentir-me como se tivesse aquela idade e dormisse no mesmo quarto, virada para o roupeiro reluzente. Com a saudade do que já foi e não volta, vem a imagem daquela menina pequenina, pronta para enfrentar o dia com curiosidade e entusiasmo. Cor e sentido preenchem a página em branco de um novo dia. Escuto e recebo o abraço forte daquele passado feliz.

Arquivo 03

Bolo de laranja, Kyran Rothemberger

O cheiro do bolo de laranja espalhava-se pela casa inteira, doce e quente, misturado com o ar da tarde. Era um cheiro que me envolvia e me fazia sentir segura e feliz, como se tudo abrandasse por instantes. Sempre que o sinto, volto imediatamente à minha infância, às tardes passadas em casa da minha Bisa.

Depois do almoço, sentávamo-nos numa esteira à sombra das mangueiras grandes, que deixavam o espaço fresco mesmo nos dias de muito calor. Ouviam-se cartas a serem baralhadas, as nossas risadas baixas e o canto distante dos pássaros. O ar cheirava a terra quente e fruta madura.

Sem avisar ninguém, a minha avó levantava-se devagar, ia até à cozinha e voltava com uma bacia grande e uma colher de pau. Eu observava tudo com atenção: os ovos a partirem-se, a farinha a cair aos poucos, o sumo de laranja a dar cor à massa. O som da colher a bater na bacia era constante, quase hipnótico.

O bolo saía sempre fofo e dourado, enchendo a casa de um aroma irresistível. Quando o provávamos, ainda morno, desfazia-se na boca. A minha Bisa reclamava sempre que tinha açúcar a mais, abanando a cabeça, mas eu adorava os bolos dela assim. Para mim, aquele sabor era mais do que um doce: era carinho, era família, era um pedaço da minha infância.

Aquivo 04

Canela e memórias, Flor Dinis

Era uma tarde de verão em casa da minha avó. Eu estava na sala a brincar com o meu primo, quando o cheiro do bolo começou a espalhar-se pelo ar. Vinha do forno devagar, misturando o aroma doce do açúcar com o cheiro quente da canela e da manteiga derretida. Parei de brincar e inspirei fundo: aquele cheiro tomava conta de tudo.

A minha avó andava de um lado para o outro, ouvia-a se o barulho suave do forno a trabalhar. O meu avô, que dizia não gostar muito de canela, comentava em tom de brincadeira que o cheiro era demasiado forte, mas acabava sempre por comer uma fatia.

Para mim, aquele aroma era sinónimo de conforto, de carinho e de tempo passado em família. Ainda hoje, sempre que me cheira a canela, é a essa tarde que volto.

Arquivo 05

Castanhas na brasa, Diogo Cunha

O que toda a gente sabe: o cheiro a castanhas assadas é característico do inverno, especialmente no São Martinho. O que só eu sei: é também o cheiro que mais me lembra a casa dos meus avós. Quando os visito, sou recebido pelo calor reconfortante do lume e um cheiro delicioso a castanhas assadas nas brasas. Acesa logo de manhã pelo meu avô, a lareira mantém-se viva todo o dia com a lenha que ele próprio cortou em pedaços mais pequenos para caberem no palheiro.

Recordo-me dos finais de tarde sentado numa velha poltrona, já quase sem enchimento, a ver a lenha a arder e o fumo a subir pela chaminé. Ficávamos ali, a conversar, a cortar e a assar as castanhas compradas no dia anterior na mercearia da aldeia.

Era a nossa tradição: a casca estaladiça, coberta de cinza que nos sujava as mãos. A seguir ao jantar, com toda a família reunida, comíamos as castanhas ainda mornas. Se fazia frio lá fora, não sentíamos. Passe o tempo que passar, o calor daqueles momentos irá sempre aquecer-me por dentro.

Arquivo 06

Torradas com manteiga, Tioqo Vaz

Quando era verão, a meio da semana, os meus pais deixavam-me a mim e ao meu irmão em casa da minha avó para irem trabalhar. Os meus tios faziam o mesmo com os meus primos. No total éramos nove, e juntávamo-nos todas as tardes naquela pequena cozinha. Depois de horas de brincadeiras, chegava o momento de parar e recarregar baterias. Era uma rotina que seguíamos religiosamente.

Os meus primos riam-se e faziam-me rir com piadas que só faziam sentido para nós. A minha avó andava de um lado para o outro, as frases de sempre na ponta da língua: Ficaste com fome? Senta-te direito! Falem mais baixo, que os vizinhos de baixo já reclamaram do barulho! As cadeiras a rasparem no chão: éramos nove pessoas a tentar caber numa mesa onde mal cabiam quatro.

Era um grande e alegre caos. Tudo por causa do lanche: as melhores torradas do mundo, feitas pela minha avó. Pão de forma torrado com manteiga, nada mais. Bastava sentir aquele cheiro suave para ficar com água na boca. Ajudava, claro, saber quem era a cozinheira.

Hoje, sempre que a minha avó faz torradas, volto a esses verões. Aos risos, à confusão e às tardes passadas com os meus primos, das melhores que já vivi.

Arquivo 07

Ingrediente secreto, Vasco Silva

Uma das melhores sensações da vida é comer a minha comida preferida em casa da minha avó: arroz com frango. Mas não é um arroz qualquer. É um arroz especial, feito por ela.

Já passou tanto tempo e ainda me lembro de ficar a observá-la na cozinha enquanto preparava o prato. Fascinado, eu olhava para tudo com atenção e perguntava-me sempre a mesma coisa: qual será o ingrediente secreto?

Nunca consegui descobrir. Talvez seja alguma especiaria que ela guarda só para si. Ou talvez não seja nada disso. Ainda hei de descobrir.

Não é só o sabor. É o cheiro que enche a casa, o carinho em cada gesto e a sensação de estar num lugar seguro, rodeado de amor. São memórias, emoções, conforto, nada que a inteligência artificial entenda. É comer com coração; talvez o segredo seja esse.

Arquivo 08

Bolinhos de frango, Mariana Teixeira

Nos dias mais frios de inverno, contávamos sempre com o aconchego dos bolinhos de frango da minha avó. Deve ter existido um primeiro dia em que os provei, não me lembro e, mesmo assim, tenho a certeza que os adorei. A minha avó, mal percebeu que eu e os meus irmãos éramos completamente alucinados pelos bolinhos, começou a reservar doses e doses só para nós.

Quem passasse pela cozinha quando ela os fritava sabia logo o que estava a acontecer. O cheiro não era muito diferente do de outros fritos, mas nós sabíamos logo o que era: os bolinhos eram a única coisa que ela fritava.

Em pequenina eu sentava-me na cadeira da avó na sala de jantar. Uma cadeira de plástico, estilo esplanada, com três almofadas empilhadas para aliviar as dores de costas. Ali ficava eu, embrulhada num cobertor, a segurar um bolinho quente com as duas mãos, como se tivesse medo de o deixar escapar.

Por fim, quando tínhamos de voltar para casa, ela entregava-nos os bolinhos que sobravam num recipiente de plástico, específico para aquela função. Eu ia no carro a segurar a caixa, aquecendo as mãos no calor que ainda irradiava dos bolinhos.

Ainda que a minha avó repita que não há nada de especial na receita, a verdade é que até hoje ninguém ninguém conseguiu reproduzir exatamente o sabor dos bolinhos de frango. Impossível imitar o aconchego que sentimos quando os comemos.

Arquivo 09

Comida caseira, Íris Correia

Sempre que me perguntam qual é o meu cheiro preferido, pensam que vou dizer perfume ou um creme. Nada disso! O meu cheiro favorito é o da comida feita pela minha avó, especialmente os doces.

Desde pequena que passo tempo com ela na cozinha, lugar de que tanto gosta e onde passa a maior parte do tempo. É uma divisão quente, que cheira a bolos acabadinhos de sair do forno. Ali, sinto o calor do fogão, oiço o som da colher a mexer nos tachos e vejo os frascos dos ingredientes espalhados pela bancada, prontos a usar.

Ela está sempre a experimentar receitas novas para mimar a família, e muitas vezes o cheiro a chocolate espalha-se pela casa inteira. Nenhum cheiro é tão bom e reconfortante!

Se me perguntarem porquê, eu não sei explicar. É uma paz inexplicável, como se o mundo parasse por um momento e só inspirasse aquele cheiro. Sinto-me acolhida, em casa.

Arquivo 10

Perfume (des)conhecido, Helena Cunha

Nas visitas a casa dos meus primos, reparava logo no cheiro da minha tia, quando me envolvia num dos seus abraços apertados. Recebia-me com um sorriso brilhante de orelha a orelha e olhos cheios de amor.

Era um cheiro doce, sem ser enjoativo, impossível de confundir. Bastava aproximar-me dela para o sentir. A pressa que eu tinha de ir brincar com os meus primos dissipava-se no ar assim que mergulhava naquele abraço perfumado: eu queria ficar nos braços dela só mais uns segundos, uns minutos, só mais um pouco. Eram o aconchego do perfume dela. Sentia-o cada vez que nos víamos: em casa, na rua, no inverno ou no verão.

Uma vez, quando eu era pequena e a minha tia ainda cá estava, juntou-se a família no terraço lá de casa. O perfume dela misturava-se com o fumo dos grelhados. Quando os meus primos saíram por uns instantes, escondi-me debaixo da mesa e comecei a roubar as batatas do prato do meu tio. Recordo-me do riso dela e do cheiro no ar naquele dia.

Nunca soube onde o comprava, mas aquele perfume está gravado na minha memória como um gesto de afeto eterno. Mesmo que ela tenha deixado de estar presente, o seu aroma sempre me fez sentir em casa.

Não existe nada mais humano do que estas pequenas memórias que nos aproximam das pessoas, apesar de já não as podermos abraçar mais.

Arquivo 11

Cheirinho de bebê, Arthur Lucena

O cheiro do meu irmão recém-nascido trazia-me sempre uma paz imediata. Era suave, agradável e cheio de carinho. Quando me aproximava, conseguia imaginar as aventuras que ainda íamos viver juntos. Numa inspiração sentia cuidado, aconchego e a certeza de ter realizado o meu maior sonho.

Ainda hoje, o cheiro de bebê transporta-me sempre para o primeiro dia em que o pude ver em casa, deitadinho a dormir na sua cama. O cheiro mais especial, a minha melhor lembrança.

Arquivo 12

Cobertores de papa, Rosa Simões

Desde pequenina, estou acostumada a uns cobertores muito específicos: os cobertores de papa. São pouco suaves ao toque, exceto nas mãos, mas são muito quentinhos e pesados. Quando me embrulho neles, lembro-me de estar com a minha avó, das nossas sestas. Íamos para o quarto dela, no andar de cima da casa, logo à esquerda depois das escadas. Um quarto a lembrar um sótão: chão de cerâmica cinzenta, paredes brancas e um teto de madeira que no verão tornava o espaço quente e no inverno ajudava a guardar o calor. Não era muito grande, mas parecia espaçoso.

Lembro-me do tapete grosso vermelho, da cama alta com imensos sapatos guardados por baixo, do armário grande com a televisão no meio (quantas vezes vimos as notícias juntas?), e do espelho comprido junto à parede. Um enorme terço olhava para nós da cabeceira da cama.

À entrada do quarto ficava uma mesa redonda com uma casinha onde estavam dois bonecos, um menino e uma menina, e, dependendo se chovia ou fazia sol, um deles aparecia à porta.

Naquele quarto havia ainda duas portinhas, uma de cada lado, que me intrigavam. Mais tarde o meu avô explicou-me que levavam às máquinas da casa, mas em criança eu imaginava sempre que davam para algum lugar fora do comum.

Quando nos deitávamos, eu encostava-me à minha avó e tapava-me até à cabeça com os cobertores. Conversávamos e ríamos até que ela adormecia e eu ficava a ouvir os passarinhos lá fora e a olhar para o cortinado que cobria a única janela do quarto.

Nem dava conta de adormecer. Só me lembro de acordar confortável e segura, ao lado de uma pessoa que nunca deixaria que nada de mal me acontecesse. Uma segurança que ainda sinto hoje.



Arquivo 13

Mão do bisavô, Tauana Oliveira

Lembro-me de um sábado específico, embora na altura me parecesse apenas mais um. Tinha seis anos e a casa do meu bisavô cheirava a café acabado de fazer e a madeira antiga.

Estávamos sentados na cadeira grande da sala, eu no colo dele, pela janela entrava a luz morna da tarde. A sua mão áspera e calejada envolveu a minha, quente e pesada, como se tivesse sido feita para a segurar com cuidado. Aquela mão fazia-me sentir segura e amada, como se nada no mundo me pudesse magoar enquanto ali estivesse.

Enquanto balançava a cadeira, o meu bisavô começou a contar-me uma das suas histórias. Falava dos indígenas da nossa família, de antepassados que viviam perto da terra e conheciam todos os rios e as árvores pelo nome. Mesmo sem compreender tudo, intuí que aquelas palavras me ligavam a algo maior do que eu. Naquele momento, no colo do meu bisavô, com a sua mão a segurar a minha, percebi que pertencia a uma história antiga e que, enquanto me lembrasse daquela mão, nunca estaria sozinha.

Arquivo 14

Abraço peludo, Maria Leonor

Estou a chorar depois de uma semana inteira de testes e trabalhos. O cansaço e o stress soltaram-se, emaranharam-me o pensamento. De repente sinto algumas lambidelas na minha bochecha. Ao olhar para cima, vejo a minha cadela, a Leia: pelo branco, corpo fino, manchas castanhas à volta dos olhos. Abraço-a.

É um cão, não tem braços para me envolver, e ainda assim dá para sentir o calor de um abraço. Talvez venha do pelo, talvez seja a sua presença, o não estar sozinha no quarto. É confortável e seguro. Aos poucos, os meus pensamentos começaram a desembaraçar-se. Mesmo assim, não a larguei. Fiquei ali longos minutos, até o coração abrandar e as lágrimas pararem. Mesmo quando a abracei com força, ela não foi embora. Ficou comigo até eu ficar bem.

Arquivo 15

Medalhas, Daniela Gorqueira

Quando arrumo o meu quarto, deparo-me sempre com as minhas medalhas e os meus troféus antigos. Toco-lhes e volto ao passado, vivo outra vez naquele momento. Ouço as vozes dos meus colegas a torcer por mim, sinto a emoção de subir ao pódio e receber medalhas, desejei-as tanto. Solto a mão e regresso ao presente, numa mistura de saudades e vontade de criar novas memórias.

São três as medalhas que mais me marcaram, cada uma conquistada num lugar diferente, cada uma marcada no meu coração. Uma delas é a dos Megas Escolares, não é especial por ser um primeiro lugar nacional, mas sim por me lembrar o ambiente e os amigos que me apoiaram naquele dia, o último em que competi.

Quando toco nas outras medalhas sinto algo parecido. Sei que o mais importante é viver esses momentos únicos e guardá-los na memória.

Arquivo 16

Carro, Rita Andrade

Sempre que estou num carro que não seja o dos meus avós, parece que falta qualquer coisa. Não me sinto tão segura como no carro deles.

O carro dos meus avós tem um cheiro tão particular: uma mistura de comida e relva acabada de cortar. Lembra-me sempre os nossos passeios no parque, quando eu era mais pequena, e as comidas preparadas por eles. Esses pratos, feitos para mim, ainda hoje são os meus favoritos.

Arquivo 17

Ar fresco, Murillo Cortez

A minha avó vive numa vila nas montanhas, em Viseu. Gosto de a visitar naquele lugar calmo e respirar o ar fresco. É um ar especial, que traz uma sensação de tranquilidade e paz.

Na cidade o ar parece mais pesado, cheio de movimento e de carros. Na vila é diferente. O ar é mais leve e mais limpo, e tudo parece acontecer mais devagar.

O cheiro fresco das montanhas lembra-me sempre a calma daquele lugar, fica comigo, bem guardado na memória.

Arquivo 18

Magnólia, Marqarida Rosa

Assim que chego das férias e empurro a porta de casa, o alívio é enorme. De repente, o cansaço da viagem desaparece. Largo as malas no chão de mármore do hall e fico ali quieta, só a inspirar. O cheiro é o mesmo de sempre: magnólia com um toque de lavanda. Naquele instante, sei que estou de volta a mim.

Esse aroma tem qualquer coisa de mágico. É o meu abrigo, o meu conforto. Faz-me lembrar a minha mãe, o seu abraço e o cuidado em cada pequeno gesto. Paira uma ternura silenciosa no ar, como se a casa me reconhecesse e me dissesse baixinho: já estavas a fazer falta.

Caminho devagar, deixo o olhar percorrer cada canto. As fotografias na parede, a luz que entra pelas janelas, o som suave do chão a ranger sob os meus pés, tudo me é familiar, tudo me acolhe. É nessa mistura de cheiros, sons e memórias que percebo que o lar não é só um espaço, é um pedaço de nós.

Arquivo 19

Sal e açúcar, Inês Pereira

Os anos passam, eu cresço e o mundo acelera, mas a casa dos meus avós continua a ser um refúgio atemporal. Ali, há algo que nunca muda: o seu cheiro.

Sempre que atravesso a porta, a maresia recebe-me primeiro. Não é apenas um cheiro, é uma sensação fria e húmida que se cola à pele, com o sal das ondas que batem nas rochas ali perto. Cheira aos verões da minha infância, quando chegava da praia e soltava areia pelo chão.

Na cozinha há uma diferença, o sal do mar dá lugar a um cheiro doce e quente: baunilha e açúcar entram-me pelas narinas. Recordo a minha avó com o avental cheio de farinha, a observar os seus bolinhos no forno. Aquele aroma, com umas raspas de limão, era o ponto alto do dia.

Eu e os meus primos tentávamos roubar os bolinhos do tabuleiro acabado de sair do forno. “Tira a mão daí sua melga”, ralhava a minha avó. Abanava a colher de pau, sem conseguir esconder o sorriso. Nós fugíamos a rir, com os bolos a queimar as mãos. Sabiam a glória.

Aquele cheiro ficou entranhado na madeira dos móveis da cozinha. Tal como estas memórias que, por mais que eu cresça, ficarão para sempre comigo.

Arquivo 20

Estranho guardanapo, Pedro Martinho

Lembro-me de ter oito anos e de sentir uma sensação estranha sempre que esfregava um guardanapo nas mãos, um arrepio como giz a raspar num quadro. Era tão intenso que bastava ver um guardanapo no suporte da cozinha para me arrepiar. Pior ainda quando os guardanapos estavam tão apertados no suporte que parecia que a única maneira de caberem era com um soco. Imaginar-me a ter de lhes tocar incomodava-me.

Agora sempre que vejo um desses guardanapos lembro-me dessa impressão e de como o tato, a visão e uma imaginação fértil conseguiram enganar a minha própria mente.

Arquivo 21

Mesa de plástico, Santiago Faustino

Uma pequena mesa verde de plástico do IKEA, daquelas que todas as casas com crianças pequenas têm. Pode parecer insignificante para muitos, mas para mim era um pesadelo.

Percorrem-me calafrios, só de pensar nessa mesa. Os mesmos que sentia quando eu ou outra pessoa passávamos as unhas na superfície rugosa da maldita mesa. Tinha uma textura macia e suave ao passar os dedos, que virava infernal ao raspar das unhas.

Nos meus primeiros anos de vida, lá estava a mesa, à espreita na sala. Sentia que me observava, à espera que alguém arrastasse as unhas no tampo para libertar o som mais estridente e horroroso imaginável.

E, claro, mesmo sabendo do meu ódio de estimação, algum familiar acabava sempre por fazer aquele gesto. Lá ia a minha irmãzinha arrastar as suas pequenas unhas na mesa verde. Lá vinha a minha raiva a subir.

A mesa mudou de casa connosco. E, com ela, vieram também as memórias. Hoje lembra-me como era a vida antes das responsabilidades e dos problemas do dia-a-dia. Eram tempos incríveis, mais leves. Mesmo assim, não voltaria atrás: a vida agora é muito melhor.

E a mesa? Bem, o som não mudou... e os calafrios provavelmente também não. A verdade é que nunca mais lhe toquei.

Arquivo 22

A última conversa, Estrella Vieira

Todas as vezes que entro numa cantina e pego num tabuleiro com comida, lembro-me imediatamente do meu último ano em Madrid. Vem-me à cabeça uma das últimas conversas que tive com os meus amigos de lá. Não era uma conversa importante, pelo contrário. Um deles passou o almoço inteiro a contar-nos ao detalhe um sonho estranho em que todos nós tentávamos sobreviver a um desafio, e alguns até tinham morrido.

O que ficou na minha memória não foi tanto a história, se não as gargalhadas de todos. Estávamos sentados no piso de cima da cantina, onde normalmente não podíamos ir até ao quarto ano. Para nós, que estávamos no terceiro, aquilo já parecia uma pequena conquista. Lembro-me do barulho das vozes, das risadas e da sensação de estarmos todos juntos naquele sítio especial.

Esta memória traz-me tristeza, sei que nunca mais ali estarei, naquela escola, com aquele uniforme branco e vermelho. Sei também que é provável que os meus amigos já não se lembrem de mim como eu me lembro deles. Serei uma memória vaga? Inexistente até? Eles continuam vivos na minha cabeça, como a minha música favorita em *repeat*, que nunca me canso de ouvir.

Arquivo 23

Yorkshire pudding, Melissa Embalo

Há um cheiro que cada pessoa associa a casa. Um cheiro que traz conforto e nos faz sentir imediatamente no nosso lugar.

Para mim, esse cheiro é o do *yorkshire pudding* na noite de Natal. Leva-me de volta às noites de inverno em Londres, quando a minha família se juntava à volta da árvore de Natal.

As minhas irmãs estavam naquela idade em que já não se sabe bem se ainda se acredita no Pai Natal ou não. E eu fingia que a minha infância ainda não tinha terminado, mesmo depois de descobrir a verdade.

Quem tem irmãos sabe como é: às vezes temos de guardar a verdade atrás de uma pequena máscara para não estragar a magia da infância. Os meus pais não percebiam, mas por dentro havia sempre uma pequena tristeza em saber que afinal tudo não passava de uma invenção.

Lembro-me do frio lá fora, de entrar em casa cheia de manchas de água depois de brincar na neve. Os meus pais estavam entretidos na cozinha, eu e as minhas irmãs, com pijamas a combinar, víamos um filme. O cheiro do *yorkshire pudding* espalhava-se pela casa e sabíamos que estava quase na hora de jantar. Comíamos depressa, ansiosas por abrir as nossas “christmas eve boxes”: pijamas, canecas, meias quentes, pequenas surpresas.

Sáímos de Londres. O Natal em Portugal tem menos luzes, faltam as primas e a neve, mas sempre que sinto aquele cheiro, volto a ser uma criança sentada no sofá à espera que a magia comece.

Arquivo 24

Camomila, Violeta Almeida

O olfato desperta o nosso cérebro. É direto: reconhecemos um cheiro, temos um *flashback* e, do nada, voltamos ao passado.

Já me aconteceu quando estava a fazer chá. O cheiro da camomila fez-me lembrar a minha avó, o chá que ela me preparava, a casa no Alentejo, onde eu ia passar férias. É um daqueles momentos em que um simples cheiro traz de volta uma memória inteira.

Arquivo 25

Estante, Tiaço Pimentel

Sempre que os meus olhos repousam numa estante de livros antigos, algo em mim desperta e regressa. É como se o tempo desse um passo atrás e eu voltasse a ser o menino de sete anos que atravessava o portão da casa da minha avó sem saber que estava a viver dias que um dia iria procurar na memória. Lá, o mundo era simples. Brincava com o meu irmão entre risos despreocupados, corria com os meus cães pelo quintal, e o tempo não era uma linha apressada, mas um espaço largo onde tudo acontecia devagar.

Dentro daquela casa, havia uma presença silenciosa que me observava: a estante. Velha, alta, firme, ocupava o seu lugar como se sempre ali tivesse estado e como se sempre ali fosse ficar. À primeira vista, era apenas um móvel antigo, comum, mas os seus livros grandes e gastos carregavam um peso diferente, o peso das histórias, do pó acumulado, das mãos que os tinham folheado antes de mim. Cada livro parecia guardar um segredo, uma vida inteira adormecida entre páginas amareladas.

Com o passar dos anos, percebi que aquela estante não era apenas madeira envelhecida e lombadas gastas. Era um refúgio. Um símbolo silencioso da minha infância, um marco do meu passado que resistiu ao esquecimento. Ainda hoje, quando encontro estantes semelhantes, sinto o mesmo aperto suave no peito, como se aquela criança ainda lá estivesse, à espera, escondida entre livros antigos, num tempo em que tudo era presente e nada precisava de ser lembrado.

Arquivo 26

Chaminés, Inês Pinto

“Estamos a chegar”, diz a minha mãe.

Abro a janela do carro, ainda com os olhos meio fechados, e sou invadida por um cheiro que me acompanha desde criança: uma mistura de campo com o fumo das chaminés de quem vive ali o ano inteiro.

Representa mais do que uma aldeia este cheiro: representa a família reunida à volta de uma mesa, representa os reencontros com pessoas que deixam saudades, representa olás e despedidas. Cada pessoa sente-o de forma diferente, mas para mim tem sempre o mesmo sabor agridoce de casa.

De regresso à cidade, levo um pouco desse cheiro, um travo nas roupas e nos livros que viajaram comigo. Para onde eu vou, ele vai. A normalidade volta, percebo que talvez não seja o cheiro que fica comigo, mas sim a lembrança do que senti. Felicidade? Melancolia? Vontade de voltar.

Arquivo 27

Comida da avó, Francisco Mendes

Tenho sempre as melhores memórias da casa da minha avó e uma grande vontade de lá voltar. No verão passo o dia todo pela aldeia, a tratar dos animais e da horta. Mas a melhor parte do dia chega sempre à noite, quando volto para casa e como a comida feita pela minha avó. Não importa qual é o prato. É sempre bom, com aquele sabor tão típico que a comida dela tem. Talvez seja por isso que é tão especial.

Arquivo 28

Amoras, Frederico Barreiros

Há um sabor que não encontro em mais lado nenhum: o das amoras silvestres colhidas diretamente do silvado, ainda quentes do sol de agosto. A primeira trincadela é sempre uma explosão ácida que faz os cantos da boca repuxarem, mas logo a seguir vem a doçura escura, tingindo a língua de um roxo profundo.

Eu fazia sempre um esforço para não tocar nos espinhos que me arranhavam os antebraços, uma dor fina e quente que valia a pena. O sumo pegajoso escorria-me pelos dedos, atraindo as formigas e o zumbido pesado das abelhas que passavam por perto.

O cheiro da erva seca à volta, o pó da estrada a levantar-se com o vento, comer aquelas amoras era saborear o próprio verão.

Arquivo encerrado.

Por agora.

FICHA TÉCNICA

**ESCOLA SECUNDÁRIA D. DINIS,
COIMBRA**

Alunos 12.º B

Leonor Antunes
Mariana Teixeira
Rosa Simões

Docentes

Margarida Carrington

Professora Bibliotecária

Alexandra Lima

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS CARLOS GARGATÉ

Alunos 10.º CT

Arthur Barbosa
Carlos Zurita
Daniela Gorgueira
Diogo Cunha
Estrella Vieira
Flor Dinis
Francisco Mendes
Frederico Barreiros
Guilherme Pinho
Helena Cunha
Inês Pereira
Inês Pinto
Iris Correia
Kyran Rothemberger
Margarida Rosa

Maria Zurita
Luna Neves
Maria Leonor Pereira
Melissa Embalo
Murillo Cortez
Pedro Martinho
Rita Andrade
Santiago Faustino
Tauana Oliveira
Tiago Vaz
Tiago Pimentel
Vasco Silva
Violeta Almeida

Docente

Susana Barros

Professora Bibliotecária

Manuela de Fátima

João Manuel Ribeiro

HISTÓRIAS D'COR



JOÃO MANUEL RIBEIRO

Poeta, escritor, editor, formador e investigador.

Doutor em Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, com dissertação sobre «A Poesia na Escola – Resposta ao texto poético e organização do ensino».

Mestre em Supervisão Pedagógica e Formação de Formadores, pela mesma Faculdade, com dissertação sobre «A Poesia no 1.º Ciclo do Ensino Básico – Das Orientações Curriculares às decisões docente».

Master em libros y literatura infantil y juvenil, pela Universitat Autònoma de Barcelona.

Mestre em Teologia, pela Universidade Católica do Porto, com dissertação sobre «A evolução espiritual de Antero de Quental – Um itinerário da modernidade em Portugal». Licenciado em Teologia pela mesma Universidade.

É fundador, mentor e diretor do projeto A Casa do João (iniciado em 2017) projeto que é uma Revista de Literatura Infantil e Juvenil (trimestral) (<https://acasadojoao.online/revista/>), um Podcast

(<https://acasadojoao.online/web-radio>) e um Programa de Educação Literária (PEL) (<https://acasadojoao.online/pel>).

Formador de professores. Formador de formadores. Formador da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas. Sócio da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

Em 2020, o livro «Meu avô, rei de coisa pouca», na tradução eslovena, conquistou o Golden Pear Award (Zlata hruška), atribuído a livros de qualidade!

Em 2025, a obra “Silêncio do Buçaco”, da autoria de João Manuel Ribeiro, vence.

A campanha ecoa e instala-se o caos. Os alunos saem rapidamente sem se preocuparem com a desarrumação que deixam para trás. A professora bibliotecária e o professor de história trocam algumas palavras antes das suas agendas ocupadas os levarem a caminhos diferentes.

Agora, sozinha dentro da biblioteca, cabe à bibliotecária reverter a situação deixada pelos alunos. Ela move-se pela divisão, recolhendo os seus lápis um de cada vez.

De repente, encontra um lápis amarelo que não reconhece. Decide guardá-lo num estojo especial para o poder devolver ao jovem dono que o deixou, quando viesse procurá-lo.

Decide espreitar de baixo da mesa onde tinha acontecido a atividade da escola e encontra outro lápis, de um tom de vermelho sangue.

Com alguma dificuldade, alcança o objeto e coloca-o cuidadosamente no estojo.

Dentro do estojo, o lápis amarelo descansava como se fosse realeza. Quando vê o fecho do estojo abrir e um lápis vermelho a ser depositado não age com indiferença!

— Como é que conseguiste entrar...? A entrada parecia-me mais estreita do que aparenta... magoaste-te ao cair? — pergunta, com um grande sorriso amarelo.

— Vi logo que eras tu que aqui estavas, esse teu ar pretensioso é perceptível a qualquer distância. Espero que a minha dona me venha buscar o mais depressa possível que já não aguento mais estar tão perto de ti.

— Isso é tudo inveja! Eu e a minha dona é que já não toleramos mais a vossa brutidão e indelicadeza — refuta o primeiro.

— Essa vossa aversão não tem fundamento. O arrependimento da minha dona é nítido; a tua é que tem dificuldades em ultrapassar a situação. Cá para mim, só está a tentar fazer-se passar por vítima.

— Para vocês é fácil falar! Como não foram os prejudicados da situação, pensam que as coisas são simples.

— Simples? Se tu soubesses a história pela metade...

— Já que não temos nada para fazer neste estojo velho, faz-te útil; conta-me lá como esta situação toda afetou a tua dona. Eu conto:

Ao contrário dos outros dias, conseguia-se perceber que a felicidade invadia a alma de Maia. Finalmente via que podia ter uns momentos para esquecer as suas preocupações. Os pais contavam-lhe que planeavam fazer uma viagem à Guatemala na semana que se avizinhava mais devagar do que imaginava. Sabia que era sortuda na vida. Nasceu numa família portuguesa de alto estatuto que lhe permitia estudar num prestigiado colégio católico. Desde que nasceu, os pais notavam o seu carácter forte, mas devido às suas profissões, que exigiam bastante tempo, era difícil dar-lhe a atenção necessária e corrigir os seus comportamentos. Na maior parte das vezes mimavam-na com presentes exorbitantes, com o intuito de a compensar pela sua ausência, tornando-a assim mais materialista e arrogante.

Enquanto ela preparava as malas no seu quarto, a mãe entra:

— Maia... eu sei que nunca estamos muito tempo em família, mas quero que saibas que eu e o teu pai queremos realmente estar mais tempo contigo.

Na verdade, ela não se importava que os pais lhe dessem mais viagens, desta maneira podia exibir aos colegas as suas regalias, fazendo os outros pensar que vivia numa família perfeita.

— Estou bem mãe. Não te preocupes com isso.

Chegados ao aeroporto, dirigiram-se à fila de balcões para fazer o check-in. Maia começou a achar algo estranho dentro daquele enorme espaço. Ajustou a sua mala de ombro e seguiu os pais com desconfiança. Assim que chegaram ao portão de embarque apercebeu-se do que é que a fazia sentir daquela forma: de um lado ouvia uma família a gritar sons guturais, de outro uma mulher vestida com tecidos exageradamente coloridos. Não achava nenhuma graça àquele mundo misturado; para ela, isto já não era a cultura de que tanto falavam no dia-a-dia, era a completa desordem. Assim, pegou no seu telemóvel, objeto que lhe permitia refugiar-se daquilo que, para ela, era um tormento.

— Quanto tempo demora a viagem, mãe?

— Quinze horas.

— Podiam ter escolhido um avião que fosse mais rápido! — disse Maia na sua completa ignorância. Sendo sincera, já não estava tão entusiasmada como quando os pais a informaram da viagem. Ia para um sítio bastante diferente, em comparação com todas as outras viagens que já fez pela Europa.

— Estive a ver o mapa, Maia. Vamos começar por dar uma caminhada ao pé do Lago Atitlán. Dizem que é dos sítios mais espirituais do mundo. Vamos conhecer as aldeias indígenas, ver como eles vivem, as cerimónias... E, para além disso, inscrevemo-nos num workshop de pintura, tal como tu gostas! — disse o pai, ao lado da filha, já no avião.

Maia ficou confusa, não imaginava que o pai estivesse interessado em perder a paciência a pintar algo, tal como achava quando fazia alguma coisa que demorasse demasiado tempo e, ainda para mais, assistir aos rituais sinistros praticados por aqueles povos. Nunca diria que os seus pais pudessem fazer tal viagem. Respondeu ao pai no seu modo arrogante:

— Cerimónias? Isso é tipo aqueles rituais bizarros? Não me digas que me vais obrigar a entrar nessas barracas.

— Não são barracas, Maia. Faz parte da cultura deles. É uma religião diferente, com tradições muito antigas. Devas tentar aprender alguma coisa — afirmou o pai, repreendendo a filha.

— Já me chega o que tenho de levar na escola. Se for para ver gente esquisita a rezar a deuses que não existem, prefiro ficar no hotel.

Assim que chegaram, depois das burocracias do hotel, instalaram-se e fizeram-se à descoberta daquele novo local. Começaram a trilhar os passos que o roteiro indicava, iniciando com uma caminhada junto ao lago Atitlán. Andaram assim descalços pelas areias escuras e grossas do formoso recurso hídrico daquele país que causava uma constante estranheza a Maia, levando-a a

vários pensamentos: “Como é que um país que tem pessoas tão desprovidas pode ter um cenário consideravelmente bonito?”

No final da caminhada, viram, ao fundo, um amontoado de pessoas sentadas, concentradíssimas nos detalhes da paisagem vulcânica, tentando replicá-la nos mais diversos materiais. Um especialista guatemalteco, num terminal de passadiço que dava acesso ao lago, esperava-os para dar início à atividade que certamente teria uma barreira linguística. Maia já estava preconceituosa em relação ao país, agora, não poder compreender as coisas que lhe interessavam, acordava ainda mais o seu desassossego.

— Era só o que me faltava! Eu obviamente percebo essa língua — resmungou.

— Mãe podes tentar dizer-lhe que é melhor falar numa língua que se entenda, senão nem vale a pena falar!

— Maia tem calma querida, tenho a certeza de que vais gostar — disse a mãe, serena como sempre.

O especialista ao ver o desagrado da adolescente e a agonia do homem só de pensar em pintar, decide então falar mais com as mãos do que com a boca, com o intuito de melhorar a compreensão e o incentivo. Opta por dar início, distribuindo telas para cada um e materiais de pintura como tintas, pinceis, paletas e outros. Descreve como têm de fazer o esboço da pintura antes de aplicar a tinta e para isso pega num lápis. Maia para no tempo. Não é um lápis qualquer. É um lápis vermelho. Vermelho-sangue. Sentiu a mão do seu pai no ombro e um abanão.



— Maia?

— Maia! Estás a pensar no quê?

— Hã? O quê? — espevitou como se de um pesadelo se tratasse, apercebendo-se do olhar preocupado do especialista.

Continuou a prestar atenção aos gestos do senhor e às tentativas de falar um inglês perceptível. No entanto, não consegue tirar do pensamento o motivo da sua inquietação. Ao longo da sessão tentou acomodar-se à ideia de pintar e descontraír, e não desviar a mente para outros assuntos.

No caminho para o hotel, Maia relembra o tempo de bullying.

Arrepende-se totalmente do mal que fez a Aria. Uma colega de turma que achava a pessoa mais esquisita do mundo. Não sabe como, mas contraiu de tal forma uma aversão à colega como se se tratasse de uma doença contagiosa. Era negra e ao mesmo tempo

de um país escandinavo. Onde já se viu? Os tempos mudavam e Maia tinha uma mentalidade que a fazia apenas aceitar o padrão.

Lembra-se da inveja. Do esquisito misturado com o perfeito. Como assim? A perfeita relação familiar. Ainda sente inveja. Ainda ressoam os comentários xenófobos. Ainda vê o lápis vermelho a voar fruto de uma ação totalmente impulsiva, impensada e precipitada. Ainda o grito de dor de Aria ecoa na sua mente. Ainda a imagem da ferida é tão viva como as pedras que vê no chão a desaparecerem à medida que caminha. Ainda vê o olhar desiludido dos pais sobre o seu rosto alarmado, assombrado.

— Maia, tudo bem? — perguntam os pais em uníssono, lembrando-se do apoio que têm de dar à filha.

Agora, a cicatriz no braço de Aria já não mostra tanta perfeição. Mas, a Aria ainda é atormentada por estes momentos de tortura.

— Oh! Acho que quem está com dificuldades de superação é a tua dona. E olha que esse não é o único defeito que ela tem. A minha também tem os seus próprios problemas e não os desconta em quem lhe convém, a seu bel-prazer.

— Coitadinha! — zomba o lápis vermelho.

— Os problemas da tua dona parecem minúsculos quando comparados com os da minha. Vou contar-te tudo para poderes ver o quão insignificante a tua história é.

— Conta, conta.

As férias mal tinham começado e a Aria encontrava-se mais entusiasmada do que o normal. Pela primeira vez em muito tempo, ela e os pais iam viajar, o que a deixou tão feliz que não conseguiu parar de falar da viagem por semanas.

A família de Aria não tinha muitas oportunidades nem recursos financeiros para viajar, mas os pais haviam juntado dinheiro durante algum tempo para fazer essa surpresa à filha. “Ela merece” — pensavam eles. E quem não pensaria?

Aria era simpática, tinha imensos amigos, era uma estudante que integrava o quadro de mérito da escola e praticava voluntariado sempre que podia, era perfeita e eles não sabiam o que tinham feito para merecerem uma filha assim.

Quando chegaram ao destino previsto, os olhos de Aria iluminaram-se, ela estava maravilhada, rodeada de imensas cores, cheiros intensos e agradáveis e sons únicos, que variavam desde a agitação da cidade às músicas que desconhecia.



“A China é realmente um país de sonho.” — pensou Aria.

Enquanto caminha pelas ruas da cidade, Aria aproveita para observar tudo à sua volta. Concentrou-se especialmente nas vestimentas e nas pessoas, que seguiam a sua vida como se nada fosse. Então, notou algo, algo que a deixou com a pulga atrás da orelha: havia muitos trajes diferentes, com cortes diferentes, coberturas diferentes, cores diferentes... Em Portugal, Aria não acharia tal coisa anormal, mas na China parecia estranho.

Em outros países, a China era retratada como um país sem diversidade, principalmente religiosa, mas o que ela via era uma realidade completamente diferente.

Decidiu, então, prestar mais atenção e descobriu que também as pessoas eram diferentes. Era óbvio que havia características predominantes, mas ali, Aria via também uma grande diversidade populacional. Contudo, o que realmente a impressionou foi que todos interagiam normalmente, era como se todos fossem iguais, mesmo que fossem igualmente diferentes.

Uma barraquinha na rua atraiu-lhe a atenção, era imensamente colorida e tinha uma diversidade de artigos impressionante, o que a levou a aproximar-se. Havia uma rapariga a tomar conta da mesma, a qual Aria pressupôs ter a mesma idade que ela e começou a perguntar à rapariga sobre os artigos na barraquinha.

O que seria só uma breve conversa sobre lembranças e bugigangas rapidamente se tornou num diálogo animado entre as duas raparigas e, quando os pais da rapariga a deixaram fazer uma pausa, ela decidiu apresentar-lhe a cidade. Mostrou-lhe os templos, as pinturas, as comidas, as brincadeiras e tudo o que aquele lugar tinha de melhor.

Um bom tempo depois, quando regressavam para a barraca, Aria questionou a rapariga sobre o que tinha observado antes. Num primeiro momento, a rapariga achou a pergunta estranha e confusa, pois para ela esta diversidade era costumeira.

— Aqui somos todos iguais — disse a rapariga.

— Mas não é isso que vejo. — Olhou em volta admirando uma vez mais a diversidade que a rodeava. — Quase todos aqui são diferentes uns dos outros e têm hábitos e culturas diferentes. Como é que todos podem ser iguais? — perguntou Aria.

— Sim, somos muito diferentes física e culturalmente, mas somos todos humanos, logo somos todos iguais — respondeu a rapariga sorrindo.

O resto da viagem foi feita em silêncio. Enquanto a rapariga apreciava a vista, Aria aproveitava para pensar. Apesar de, em Portugal, ter muitos amigos que a achavam incrível, ela não podia deixar de se sentir diferente de todos. Na escola, todos os colegas eram brancos e ela, com o seu tom chocolate, destoava do padrão. Não importava o que lhe dissessem ou o que fizessem para a incluir, ela sentia sempre que não pertencia aquele lugar. No entanto, depois daquela conversa, apercebeu-se de uma coisa: não necessitava de ser igual para pertencer. Ela nem sequer necessitava de pertencer

a algum lugar! Ela não é uma peça de um puzzle, ninguém é. Aria, assim como todos, pertence ao mundo e ao mundo apenas, o restante é ela que tem de descobrir e conquistar por si.



Foi com esse pensamento que Aria ficou quando finalmente chegaram à barraquinha.

Tinham acabado de se despedir quando a rapariga lhe deu um lápis amarelo.

— Leva este lápis amarelo como uma recordação — disse a rapariga enquanto lhe entregava o lápis com um sorriso nos lábios. — Aqui, o amarelo simboliza a alegria e a luz; então, sempre que te sentires triste ou na escuridão pega neste lápis e deixa-o iluminar-te!

Quando voltou para a escola, Aria estava mais feliz do que era habitual. Estava com os amigos a contar sobre as férias quando Maia passou por ela e deu-lhe um encontrão, seguido de um risinho estridente.

— Aquela rapariga acha-se mesmo a maior! — disse uma das amigas de Aria. — Até hoje não entendo porque é que ela te odeia.

— Provavelmente, deve ser pela cor dela ou algo assim — respondeu outra amiga.

— Não duvido nada que ela seja racista!

Aria tentou ignorar o comentário, mas este voltou aos seus pensamentos quando olhou para o seu braço durante a aula de História. A marca estava lá, perfeita e horrorosa, mas foi a mesma que rapidamente a fez descartar o comentário da amiga.

Aria sabia que o ódio de Maia por ela não era uma simples questão racial. “Estamos em pleno século XXI”, pensou enquanto revirava os olhos. Na verdade, Aria sabia exatamente qual era o motivo de todo o ódio que ela causava em Maia. Não era o facto de ter melhores notas, ou mais amigos, ou até mesmo a atenção dos rapazes. Não, não era isso que perturbava Maia. O que a perturbava era o facto de Aria ter uma família que a amava verdadeiramente. Maia também tinha uma família, que a comprava com coisas materiais que ela ostentava nos corredores da escola como se fossem a melhor coisa do mundo. Ela parecia feliz quando o fazia, principalmente aos olhares dos outros que invejavam tais coisas, mas, Aria sabia que aquilo não passava de uma encenação. Maia não tinha tudo como aparentava. Faltava-lhe uma coisa: o amor dos pais. E era isso que ela invejava em Aria.

Aria tinha o que Maia nunca conseguiria ter. Não importava quantas vezes a insultasse, ferisse ou humilhasse. Aria teria sempre alguém que a apoiaria, teria sempre alguém que a ouviria, teria sempre alguém à sua espera. Teria sempre alguém e Maia... — bem, talvez ela não tenha ninguém.

— Aria, estás a prestar atenção ao que digo? — O professor interrompeu os pensamentos de Aria.

— Não. Desculpe, professor — respondeu Aria antes do toque anunciar o fim do dia de aulas.

— Lembrem-se de trazer os vossos desenhos sobre a censura na próxima aula! E não se esqueçam de trazer os lápis azuis que vos foram emprestados! — disse o professor, enquanto os alunos se apressavam para arrumar as coisas e sair da sala.

(diálogo entre lápis)

— Espera, eu não me lembro de nenhum lápis azul... — diz o lápis vermelho

— Não o conhecestes? Aquele lápis azul era mesmo ríspido! Tinha de ser tudo como ele queria! Uma vez fez um discurso inteiro porque eu “expressei a minha cor demasiado forte no papel!” — disse o lápis amarelo indignado, enquanto fazia caretas para imitar o tal lápis azul.

Foi quando, de repente, o estojo voltou a abrir-se e outro lápis foi depositado no pequeno espaço.

— Era só o que me faltava! Este espaço está a ficar demasiado apertado. Chega-te para aí, ó azulado — resmungou o vermelho

— E eu conheço-te? — pergunta o azul, sisudo e autoritário. — Não conheces a minha origem, exijo-te mais respeito!

— Cuidadinho vermelho, que o azul é mais velho. Que ignorância! Conta—lhe a tua história, azulado; pode ser que ele ganhe alguma educação.

Sou o lápis azul do professor de História e acompanhei-o durante muitos anos, antes e depois do 25 de Abril. Antes daquele dia, escrever não era apenas colocar as ideias por escrito. Era medir cada frase e pesar cada ideia. Eu fazia parte desse limite que o regime de Salazar impunha a todos os portugueses.

O meu dono cresceu numa época em que tudo era vigiado e controlado. A escola funcionava de forma fiscalizada e regrada. Havia um único manual, com o nome de “Livro Único”, que chegava às salas já marcado, com páginas riscadas, outras cortadas e muitas informações simplesmente omitidas. As perguntas dos alunos ficavam quase sempre sem resposta e a História era apresentada de forma superficial e restrita para não suscitar as dúvidas ou inquietações. Eu estava presente em cada ação de escrita. Riscava frases inteiras, apagava palavras que falavam de liberdade, revolta, ideias opostas à ditadura, deixando apenas o vazio no papel quando algo não podia ser escrito.

O professor sabia que qualquer descuido poderia ter consequências graves. Não apenas para si, mas para as pessoas à sua volta. Cada palavra escrita tinha de parecer inofensiva ao regime. Eu permitia que ele ensinasse História, mas impedia que certas ideias crescessem e fossem transmitidas. Datas importantes eram omitidas e certos



acontecimentos eram contados de forma a favorecer o regime instaurado no país. A censura não explicava nem dava justificações, apenas limitava e castigava quem tentava expor pontos de vistas opostos aos de Salazar. E eu cumpria esse papel discretamente, riscando, corrigindo e impedindo que a verdade chegasse intacta aos portugueses.

Havia dias em que ele escrevia devagar, hesitava bastante. A mão era controlada pelo medo que estava sempre presente, como que a espreitar por cima do ombro. Obrigava-o a fazer pausas antes de escrever, a equacionar cada frase. Eu tirava o poder de algumas palavras e permitia que outras se espalhassem.

Com o passar dos anos, Portugal foi acordando. Depois do 25 de Abril, já não precisei de riscar nem apagar as ideias dos portugueses. Os livros deixaram de ser escolhidos pelo regime, os alunos podiam questionar, os professores podiam ensinar sem qualquer medo ou receio. Mas aquela sensação de medo permaneceu durante mais algum tempo. Ele ainda se refletia em cada frase, trazendo consigo as memórias de um tempo em que um simples lápis podia decidir o que era permitido ou proibido escrever e divulgar. Sirvo agora de lembrança para a pressão que era ensinar sob vigilância e os pequenos sorrisos que davam quando era possível transmitir algum fragmento de verdade, naquele tempo infeliz.

E agora, aqui ao vosso lado, vejo que o meu papel mudou de forma, mas não de importância. Não sou nem serei nunca usado para apagar ou controlar o que quer que seja. Servirei para ensinar e para contar o que antes foi proibido. Continuo a falar, de forma silenciosa, como testemunha de um tempo em que até escrever podia ser perigoso.

Fiquei ali, ainda a recordar os tempos antigos, quando rasurava e omitia informação, protegendo a História daqueles que queriam saber mais do que na altura lhes era permitido, protegendo as ideias de Salazar.

Ouve-se o estojo abrir-se novamente e sente-se uma nova presença estranha, fora do comum. Um lápis preto é inserido no estojo e, irritado, pergunta:

— Quem é que teve a audácia de me colocar aqui!?

— A ti e a todos! E, já agora, porque é que estás tão alterado? Conta-nos lá a tua história, ó irritadiço — pediu o lápis vermelho.

— Mal entrei e já me dão a vez e a voz. Cá vai, então:

Sempre foram uma família unida. Viviam em Xangai, na China, desde que uma portuguesa aventureira, Maria Sousa e um estoico chinês, Chen Yong, se cruzaram nos Jardins Yuyuan. Como eles diziam, foi “amor à primeira vista”, este amor durou muitos anos e resultou em duas crianças, Jin e Mei.

Tudo mudou quando o pai sofreu um ataque cardíaco, que o levou à morte. Era uma noite chuvosa, quando receberam a notícia. A esposa chorava, as crianças, assustadas e confusas, agarravam-se a ela, sem perceber como o seu mundo tinha acabado de desabar.



O dia menos esperado chegou, o funeral! A mãe não conseguia controlar o pranto.

Os dias passavam e a dor aumentava. Eu passei a ser a única escolha de cor. Era sempre deixado de lado, já que a escuridão não cabe num dia ensolarado, a não ser, claro, o cabelo espetado, que aparentemente todas as crianças fazem. A partir desse dia andei sempre colado a ele.

Maria amava tanto o marido que, lembrá-lo, era insuportável. Os familiares paternos já haviam morrido e a pressão de estar sozinha a criar duas crianças era maior a cada dia.

Lembro-me de um dia em que eles estavam a guardar as coisas do pai, num silêncio ensurdecedor, quando a mãe o quebrou, dizendo:

— Meninos, tenho uma notícia. Nós vamos mudar-nos para a casa dos vossos avós.

Quando eu ouvi isto fiquei incrédulo!

— Em Portugal? Na quinta? — Quis saber a Chen Mei, a filha mais velha.

— Sim! Vai ser divertido, lembra-te do cãozinho Max que tu adoravas.

Ela eu não sei, mas eu lembro-me bem. Da última vez que lá fomos, eu tornei-me o seu novo brinquedo de roer.

— Mas... e as coisas do papá? Vão ficar aqui? — Perguntou Chen Jin, o filho mais novo

— Sim, — respondeu a mãe, limpando as lágrimas — daqui a uma semana vamos para Portugal. Já tenho os passaportes e os bilhetes.

A semana passou a correr, eles nem tiveram tempo de se despedir dos amigos mais próximos. Sem me aperceber lá estava eu, no fundo de uma mochila cheia de migalhas, porque, claro, as crianças têm a necessidade de comer em cima de tudo.

— Mei, olha pelo teu irmão enquanto eu vou à casa de banho — disse a mãe.

Quando a mãe se afastou, as crianças começaram a remexer a mochila dos brinquedos, quando Mei encontrou o amuleto da sorte do Sr. Chen.

— Jin, a mãe disse que não era para trazer nada do pai! — disse a Mei

— Mas... era a minha coisa preferida do papá — lembrou Jin.

— Eu sei..., mas...

Assim que a mãe regressa, Mei esconde o amuleto na mochila do irmão.

O resto da viagem decorreu em silêncio. O som constante do avião misturava-se com o desconforto presente na cara deles.

Chegaram a Portugal e no aeroporto foram logo recebidos com beijos e abraços, foi muito estranho porque, de onde eles vêm, as saudações são mais discretas e contidas. Para além disso, não se viam desde o verão que me traumatizou.

Uma semana de muitas mudanças se passou. Enquanto estavam a brincar no jardim com os animais, a Sra. Chen chamou-os.

— Meninos, tenho de falar convosco, aqui em Portugal as coisas são diferentes e nós não podemos esperar que as coisas voltem ao normal. Eu estive agora a falar com a vossa escola nova, e matriculei-vos. Mas, para vos ajudar a integrar, resolvi mudar os vossos nomes na escola.

— Qual é o problema com os nossos nomes? — perguntou Mei.

— Nenhum, eu adoro os vossos nomes, até fui eu que os escolhi. Prometo que será mais fácil, tanto para vocês como para os outros.

Eu não percebo esta mulher! Primeiro, o pai destas crianças morre, depois ela não quer trazer nenhuma lembrança e agora, só porque uma vizinha qualquer disse que os nomes eram estranhos, quer mudá-los.

E, claro, como todos os pais fazem, tem de referir algum jogo idiota de espíões para convencer uma criança de 6 anos que “vai ser muito divertido mudar de nome”.

Os seus novos nomes são Melissa e João.

Eu entendo que chegar ao país que nós abandonámos e levar com as caras tortas das pessoas é difícil, mas mudar os nomes...é demais.

Finalmente, chegou o primeiro dia de aulas, pelo menos para eles, já que entraram a meio do ano. O Jin estava muito confiante porque já só falavam português em casa.

Nesse dia, apanhámos o autocarro das 8h; eu nunca tinha visto uma criança tão tagarela! O Jin só falava sobre as mil e uma perguntas que os colegas lhe podiam fazer.

Ao contrário, Mei estava muito nervosa, já que entrar no 1.º ano não é mesma coisa que entrar no secundário. Quando entrou na sala, os nervos ficaram piores, mas, do nada, uma rapariga chamada Aria começou a falar com ela e deram-se logo muito bem.

Depois da professora ter apresentado o Jin à turma, percebi que ninguém lhe ia perguntar sobre o que comia ou sobre o sítio onde vivia. Para além disso, não conseguiu responder ao nome João, o que o deixou mais chateado do que quando perdia os jogos em família.

Regressado a casa, foi para o quarto e chorou agarrado ao amuleto do pai. O Sr. Chen estava sempre a dizer que este amuleto seria dele, já que era passado de geração em geração, aos homens da família.

No mesmo instante, ele sentiu-se mais calmo e, com receio, falou pela primeira vez com o pai. No dia seguinte, como se fosse magia, todos começaram a falar com ele.

Com o passar do tempo, a dor e o sofrimento foram acalmando. As suas vidas atarefadas de criança deixaram de incluir um lápis como eu, um lápis que guardava o rancor das suas histórias passadas.



Numa manhã mais corrida do que o normal, lá estava eu na boca do Max, outra vez! A Mel (o novo nome que toda a gente a chamava) salvou-me, mas, muito sinceramente, preferia lá ter ficado naquele dia. Ela colocou-me no bolso de trás das calças e depois da aula lá estava eu, outra vez, esquecido por uma família que pensava ser minha.

Depois desta desilusão, só me lembro de ser agarrado por alguém e colocado neste estojo convosco.

O caos aumentava. Apenas quando se fez ouvir o fecho do estojo, que sinalizava a entrada de um novo lápis, é que a serenidade se restaurou novamente.

Da estreita abertura do estojo cai um lápis de aparência única.

Era pequeno, possivelmente em consequência de algumas quedas e tinha um corpo feito de um material macio, que cedia facilmente ao mais singelo toque e uma cor...

— Mas... E esta coisa de que cor é? — O silêncio é quebrado pela voz potente do lápis vermelho. — Se é que posso chamar a isto lápis.

É verdade que tinha uma bela coleção de manchas! Encarnado no centro, amarelado nas extremidades... Um risco aqui, outro acolá. Era quase impossível decifrar a cor que estava por baixo de tantas experiências.

— Cá para mim, isto é uma daquelas invenções futurísticas que não servem para nada. — O azul partilha a sua opinião antiquada que, surpreendentemente, é aceite entre os grafites.

— Julguei que os lápis multicolores fossem apenas um mito! — interveio o lápis amarelo.

O novo residente nada diz, apesar das provocações que lhe são dirigidas. Chega a ser cómica a paz de espírito deste lápis. O carácter pacífico deste objeto parece fomentar a confusão que se instalou dentro do estojo em vez de a tranquilizar.

E, sem que os lápis se apercebessem, passaram a noite em claro, entretidos numa interminável discussão irracional.

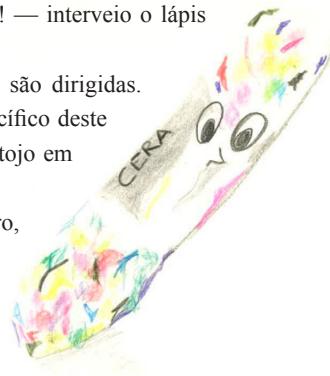
De manhã, a professora bibliotecária, depois de pousar o seu olhar no estojo, pergunta:

— Que tremores são estes? Estão todos a sentir isto? Vermelho, estás a rolar outra vez?

A bibliotecária pega no estojo, abre o fecho, despeja os lápis sobre a mesa, ao lado de uma folha branca.

Decide fazer um belo desenho para agradecer a participação da turma no projeto. Mostraria o desenho a todos, juntamente com os lápis que tinha recolhido.

Deixa-se, então, levar pelo seu lado artístico e começa a juntar todas as ideias na mente, optando por ilustrar um arco-íris numa floresta. Começa por usar o lápis misterioso, que acabou por se revelar



um lápis de cera branco, a fim de poder limpar a sua ponta. Aproveita o rastro colorido que este deixa para fazer o rascunho. Depois, utiliza apenas as cores disponíveis para colorir o seu desenho.

Verifica, porém, que o desenho está monótono e, por isso, conclui que precisa de brincar com as cores, misturando-as para obter novas.

No final, olha para o desenho, insatisfeita. Está pouco fluído e com uma textura irregular que não é agradável aos olhos. A sua natureza perfeccionista não a deixa descansar! Lembra-se de um ensinamento antigo de uma das suas professoras de artes plásticas.

Utiliza o lápis branco para uniformizar toda a dança de cores no papel.

O produto final é perfeito: um desenho harmonioso, coeso, fluído e vibrante!

Os lápis dispersos pela mesa admiram o desenho muito inspirados.

Assim, sem precisar de palavras, diálogos e argumentos percebem que a cor de cada um não os define. O vermelho contempla os tons de rosa que conseguiu originar enquanto o amarelo e o azul apreciam os tons de verde que criaram ao trabalhar em equipa. Naquele momento, o vermelho já não se compara com o amarelo; pelo contrário, tem orgulho nas diferenças que tornam possível tal criação artística.

A cooperação entre as cores resultou numa simples obra de arte imperfeitamente perfeita.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA SECUNDÁRIA ADOLFO PORTELA

Alunos 11.º A

Afonso Fonseca
Alexandre Silva
Ana Gomes
Bianca Costa
Carlota Sabino
Carolina Andrade
Ema Pinto
Filipe Almeida
Francisca Henriques
Francisco Figueiredo
Gabriel Pinheiro
Isabella Gojcaj
Jamila Morgado
Lara Morais
Lara Fernandes
Maria João Figueiredo Neves
Maitê Rés
Marta Lopes
Mateus Pires
Mélanie Almeida
Micaela
Sofia Conceição
Laura Ávila

Ilustradores:

Ema Pinto
Francisca Henriques
Lara Fernandes
Maitê Rés
Laura Ávila

Docente

Bruno Rosa

Professora Bibliotecária

Regina Gaspar

Marlene Ferraz


EM ATUALIZAÇÃO

e a urgência de nos fazermos
(mais) humanos



MARLENE FERRAZ

Com formação em Psicologia, tem vindo a dedicar-se à escrita, particularmente ao conto e ao romance, tendo publicado o primeiro em 2013, *A Vida Inútil de José Homem*, Prémio Agustina Bessa-Luís (2012), marcado por reflexões sobre a guerra colonial em Angola. Em 2017, é publicado o segundo romance, *As Falsas Memórias de Manoel Luz*, finalista do Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE), que explora a vulnerabilidade da condição humana e o deslumbramento do homem pelo poder no cenário da revolução dos cravos em Portugal. Em 2019, um novo conto infantil, *O Elefante com a Cabeça na Lua*, depois da maior andança literária: ser mãe. *O Vendedor de Tempo*, também alinhavado para crianças, chega no outono de 2023 e pergunta a todas as cabeças como tendemos a usar a preciosidade que é o tempo. *O livro Na Terra dos Homens* (contos) recebeu o Prémio Literário Miguel Torga (2008). Tem, também, contos incluídos nas coletâneas *Jovens Criadores* (2007), *Como Desenhar o Corpo Humano* (2018), *Mães Que Tudo* (2019) e outras publicações (revista Suroeste 2021, Biblioteca: Narrativas 2022). Aviva, ainda, oficinas de escrita e de histórias para a memória coletiva. Suspeita, com maior certeza, de que será a poesia o fio que une o visível e o invisível que fabricam o mais íntimo da humanidade.

 mundo parecia acordar cansado. Nós tão apressados, a passar uns pelos outros, em curvatura, como se cada passo fosse apenas mais um gesto automático. Parei. Levantei os olhos do ecrã. Não porque tivesse chegado ao meu destino, mas por ter sentido que alguma coisa em mim estava a ficar para trás, um silêncio estranho, como se a minha própria história estivesse a diluir-se, a precisar de ser ouvida.

Confesso ter pensado sempre que havia algo de errado comigo, mas nunca consegui dar um nome. Não seria tristeza, nem revolta, antes uma sensação constante de estar fora do lugar, como uma peça de puzzle que simplesmente não encaixa. A cidade fazia-me sentir isso mais do que qualquer outro território. Ruas movimentadas, prédios altos, luzes acesas e, ainda assim, a certeza de estar só.

O cinzento das paredes parecia ter vontade de engolir qualquer resto de esperança que carregava ainda no peito - não era apenas a cor, mas uma frieza que atravessava a pele e se instalava nos ossos, como se a própria cidade tivesse sido construída para nos lembrar, a cada esquina, de que a beleza era um erro ou uma distração desnecessária. Sentia-me sufocado por aquele betão mudo, que nunca devolvia o olhar, e transformava o meu desejo de pertencer num grito silencioso que ninguém podia (ou queria) ouvir.

Nenhum de nós caminhava, de verdade. Deslocávamo-nos. Avançávamos em linha reta, olhos metidos no dispositivo móvel, dedos a deslizar pelo vidro como se a vida estivesse ali, reduzida a notificações e quadrados luminosos. Corpos presentes, mentes ausentes. Era como se vivêssemos em modo mecânico, repetindo os mesmos movimentos todos os dias, sem já nem nos perguntarmos porquê.

A multidão movia-se como uma maré de fantasmas e o que mais doía era perceber que eu também me estava a tornar um deles. Não havia o calor de um esbarrão acidental, nem a humanidade de um pedido de desculpas, apenas o vácuo de uma coreografia perfeita e morta. Embora estivéssemos todos colados uns aos outros, as nossas almas estavam a anos-luz de distância, perdidas em labirintos de luz artificial.

Tentei, então, apreciar os rostos, à procura de algo que se parecesse com dúvida, curiosidade ou até exaustão, mas via apenas expressões vazias, plásticas, iluminadas pela luminescência falsa dos telemóveis. Ninguém parecia reparar no céu, no som dos próprios passos ou no facto de estarmos vivos naquele preciso segundo - estas constatações assustavam-me mais ainda do que a solidão.

Se eu desabasse ali mesmo, no meio do passeio, tinha a certeza de que passariam por cima de mim como se eu fosse apenas uma falha na cadeia de procedimentos, um obstáculo no caminho para a próxima notificação. O isolamento não era a falta de gente, era a presença de milhares de corações que tinham aprendido a não sentir nada para conseguirem sobreviver àquela frialdade digital.

Talvez o problema fosse eu. Provavelmente seria esperado que me ajustasse: baixar a cabeça, pegar no telemóvel e fingir que aquilo bastava. Mas cada parte do meu corpo recusava essa ideia: eu não queria apenas existir dentro da cidade, queria senti-la ou, pelo menos, sentir-me a mim próprio no meio dela.

Às vezes, tinha a impressão de que o mundo já não era comandado por cabeças humanas, mas sistemas invisíveis que, não de forma violenta ou explícita, dominavam num exercício subtil e silencioso. As pessoas obedeciam aos horários que surgiam em plataformas, acordavam por alarmes já programados, estudavam para testes marcados num calendário digital e viam os seus dias resumidos a prazos, notas e avisos. E eu, mesmo consciente, acabava por fazer parte.

Sentia-me como um prisioneiro de um tempo que não era meu, acorrentado a ritmos que me roubavam o fôlego e a identidade. Era uma angústia perceber que o meu dia já tinha sido decidido por máquinas que não conheciam a minha história. Eu não era uma pessoa; era um dado, uma estatística, uma mancha de humanidade a tentar não se diluir num mar de exigências invisíveis que me diziam quem eu deveria ser antes mesmo de poder respirar.

Passávamos os dias sentados em salas de aula, em frente a um quadro que mudava constantemente de matéria, perguntas e obrigações. A escola não me definia, mas prendia-me. Estudava conteúdos que nem sempre sentia como meus, decorava respostas para testes que decidiam mais sobre o meu futuro do que eu próprio. Precisava das notas para continuar a avançar naquela cidade que sempre se tinha mostrado estranha e inflexível.

Nesta tarde, acabei por sair depois da hora esperada. A cabeça cheia, o corpo esgotado, a alma a suplicar por vida. Estava com pressa de sair dali, quando percebi a ausência da minha mochila – devia ter ficado na sala. Dentro dela, um trabalho importante para entregar no dia seguinte. O professor virtual não aceitaria desculpas e receberia uma notificação a avisar a falha. Voltei para trás. A escola estava apenas a umas ruas de distância, ainda que o céu tivesse decidido desabar naquele preciso momento. Chuva violenta, grossa, fria. E, inesperadamente, trovoadas que faziam tremer o chão. Mesmo assim, avancei.

As ruas ficaram desertas, as luzes dos estabelecimentos a apagar, portas fechadas, persianas corridas, como se a cidade tivesse sido abandonada à própria sorte. O capuz do casaco não resistiu a uma rajada mais forte de vento e caiu para trás, deixando a chuva bater-me na cara. Corri, encharcado, com o coração acelerado, sentindo que a escola, aquele lugar que tantas vezes me sufocava, era, naquele momento, o único lugar de abrigo.

Foi, então, que um grande raio rasgou o fim de tarde, seguido por um estrondo. Durante uma fração de segundo, a vista ficou branca. O mundo, a escola, a cidade, tudo se calou ao mesmo tempo. Quando abri os olhos, já não havia chuva, nem vento, nem sirenes. O ar parecia mais leve. O céu, limpo. À minha frente, a rua parecia a mesma, mas não era. Os prédios tinham cores mais vivas, os carros eram de modelos mais antigos e as pessoas caminhavam com a cabeça erguida, sem máquinas nas mãos.

Levei a mão ao bolso, por instinto. O telemóvel não estava lá. O tempo tinha recuado e, pela primeira vez, senti que o universo me daria uma segunda oportunidade. Mas, desta vez, não para completar um trabalho, corrigir um erro ou subir uma nota e, sim para descobrir quem era eu antes de aprender a encaixar, antes de aprender a fingir, antes de deixar que o mundo me dissesse quem eu deveria ser.

A escola estava precisamente no mesmo lugar, mas com um tom rosa suave e ornamentos esculpidos nas paredes. Entrei com o entusiasmo de uma criança e, ao subir os primeiros degraus, estendia-se dentro de mim um aperto no peito, numa mistura de medo e fascínio. Os meus pés pareciam flutuar naquela pedra gasta e podia ouvir o eco de passos de gente que realmente sabia para onde estava a ir. Ao empurrar a porta de madeira, o som não foi o de um trinco frio e maquinal, mas de um suspiro profundo, como se o próprio prédio estivesse a dar-me as boas-vindas. No interior, o ar corria diferente, sem ser aquele ambiente sufocante de antes. O átrio estava iluminado por uma luz branda que abraçava as colunas, o que fazia tudo parecer um cenário pintado a aguarela. Em vez dos cartazes e avisos proibitivos, via agora desenhos feitos com mãos imperfeitamente humanas. O cheiro não era a produtos sintéticos, mas a papel dos livros, a vento primaveril, a abraços inteiros.

Caminhei pelos corredores com um vagar que seria insuportável no outro mundo apressado e o meu coração parou ao ver os outros a movimentarem-se sem serem sombras curvas sobre ecrãs brilhantes - pareciam dançar e riam-se de verdade. Ouvir uma gargalhada solta, tão pura e desarmada, fez-me perceber o quanto o meu outro mundo era austero e sorumbático. Mantive-me quieto, apenas a respirar, e a solidão pesada que tinha acumulado parecia estar, aos poucos, a ser substituída por uma leve paz.

Procurei a minha sala, mas o motivo que me tinha trazido de volta, a mochila, o trabalho, a nota, seria agora um apontamento tão mínimo e desimportante. Naquele corredor inundado de sol, tive a certeza de que não estava apenas à procura de um objeto esquecido, estava a reencontrar uma parte de mim que eu nem sabia que tinha perdido na correria do automático. Ali, finalmente, eu não era apenas mais um número num sistema - eu estava, simplesmente, presente. A viver. Sem restrição.

Parei junto a uma das janelas, a processar aquele frenesim de sensações novas, quando senti um toque suave no braço. Sobressaltei-me. No meu mundo, ninguém tocava no corpo do outro sem um propósito funcional ou um pedido de desculpas apressado.

— Estás perdido?

Virei-me e dei de caras com uma rapariga que segurava um caderno de desenho contra o corpo. Ela não olhava para mim com o julgamento frio de quem analisa um estranho na rua, mas a curiosidade de quem me encarava como um mistério que valeria a pena desvendar. O seu rosto não estava filtrado por nenhuma lente, nem falsamente iluminado pela luz de um ecrã. Era apenas pele, luz natural e uma expressão que se adentrava em mim.

— Eu... eu não tenho a certeza - respondi, e a minha própria voz pareceu-me inesperadamente mais vulnerável e humana naquele corredor.

Ela sorriu, com um sorriso lento de quem não tem pressa de desaparecer.

— Parece estar a ver tudo pela primeira vez, - riu-se - como se o mundo fosse feito de vidro e tivesses medo de o partir.

Aquelas palavras atingiram-me com a força de uma verdade que eu não sabia como explicar. Seria pertinente dizer de onde vinha, um lugar onde as pessoas se esqueceram do verbo olhar,

onde o silêncio era desespero e a beleza um detalhe a ser apagado, mas a única coisa que consegui foi ficar imóvel diante dela. Pela primeira vez, em anos, eu não sentia a necessidade de desviar os olhos para um ecrã.

— É que... os prédios - balbuciei, apontando vagamente para a estrutura rosa ao nosso redor - são tão bonitos! Nunca tinha reparado que a minha escola podia ser assim.

Ela soltou um riso ainda mais espesso, um som que parecia vibrar no ar aquecido pelo sol.

— A beleza está na direção do nosso olhar. Às vezes, precisamos de alguém que nos lembre de contemplar o mundo por um novo ângulo.

Ela estendeu a mão, num convite que, de tão agradável, parecia suspeito.

— Anda, o pátio está cheio de luz agora. Se vais ficar por aqui, tens de ver como o sol se põe atrás das tílias.

Naquele instante, a minha mochila e o trabalho incompleto pareciam pertencer a outra vida, a um pesadelo do qual eu tinha acabado de acordar.

Ainda hesitei com a minha mão, mas, ao sentir a mão dela, veio um calor mundano que me ancorava àquele chão de mármore. Caminhámos lado a lado. Ela parecia flutuar, num andamento leve e harmonioso, sem o peso da curvatura digital. Enquanto atravessávamos os corredores, ela ia apontando para ligeiros pormenores que eu, na minha antiga cegueira, jamais teria notado: o reflexo da luz num vitral colorido, o som das vozes vindas do anfiteatro, o rasto de giz deixado num apagador.

— O meu nome é Clara. - disse ela, sem parar de andar, olhando para mim de soslaio com um brilho divertido. - E tu pareces alguém que acabou de cair de uma nuvem muito escura.

Tentei sorrir, mas o meu rosto estava ainda tenso, a reaprender a usar os músculos necessários para um comportamento tão natural como o riso.

— Talvez tenhas razão. O sítio de onde venho é... mais cinzento.

Já no pátio, o cenário incluía um sol enorme e alaranjado a descer lentamente e que, ao ser filtrado pela ramagem das tílias, criava a ilusão de um rendilhado de luz e sombra sobre todas as coisas. Não havia o zumbido de transformadores elétricos ou os toques das notificações, apenas o farfalhar das folhas e a melodia ondulante de alguém a praticar piano.

Sentámo-nos num banco de pedra que parecia estar ali desde sempre. Clara abriu o seu caderno, apenas o chamamento do branco das folhas. Ela usava os dedos, sem pressa, para traçar linhas que deveriam sair do coração.

— Às vezes - começou ela, sem tirar os olhos do papel - as pessoas esquecem-se que o tempo não é algo que temos de vencer. O tempo é apenas a dimensão onde a vida acontece.

Mantive a minha boca em silêncio. Ali, sentado ao lado de uma estranha que me tratava como se eu fizesse parte daquele mundo, comecei a sentir que o “encaixe” que eu tanto procurava não dependia de um sistema, mas de momentos tão simples como aquele. O meu cérebro ainda aguardava o corte inesperado de um alerta no bolso, um reflexo fantasma de uma vida que se tornava, a cada hora, mais parecida com uma memória a desfazer-se. Ela estendeu-me uma folha, senti a aspereza do papel

bruto. Na cabeça, a vontade de voltar a escrever, sem ser a bater em teclas frias, mas a dar formas a palavras com o risco do carvão. O tempo deixou de ser um número que eu precisava de vigiar; era o éter que eu, simplesmente, habitava. Comecei a não fingir. Não tentava chegar a lado nenhum. Eu já tinha chegado.

De repente, Clara fechou o caderno e inclinou a cabeça, como se tivesse percebido um som que eu não conseguia ouvir.

— O tempo parece funcionar como uma rede invisível. Estamos, na verdade, todos ligados.

A palavra ficou no ar: ligados. A maneira como a disse, com uma naturalidade que não combinava com o mundo de papel e luz natural, deu-me um arrepio.

— Ligados como? - perguntei, tentando manter a voz calma.

Clara encolheu os ombros e, com o lápis, desenhcou riscos no caderno.

— Como se cada um de nós deixasse um rasto que outro consegue tocar.

Um rasto. A minha mente, quase contra a minha vontade, soletrou uma palavra que eu conhecia muito bem: dados. Afastei o pensamento como se espantasse um inseto. Devia estar apenas a projetar memórias antigas num mundo que não as continha, mas algo em mim começou a prestar mais atenção. Foi, então, que ouvi um som breve, agudo, metálico. Tão subtil que poderia ter sido o choque de duas pedras. O meu corpo reagiu antes da razão. O meu coração disparou, a minha respiração acelerou. Era impossível: o som de uma notificação. Olhei em volta, imediatamente. O pátio continuava sossegado, um rapaz corria com um catavento, duas raparigas conversavam perto do lago. O piano, ao longe, ainda transpirava a melodia.

— Ouviste? - murmurei.

Clara venceu o sobrolho.

— O quê?

O silêncio voltou, inteiro e redondo. Talvez tivesse sido apenas imaginação ou um eco fantasma da vida anterior. Tentei respirar devagar, mas senti um peso inesperado no bolso do casaco. Com cuidado, levei a mão até lá. Havia algo dentro. Os meus dedos tocaram no vidro liso e frio. Senti-me a ficar disperso, como se aquela coisa estivesse a puxar uma memória enterrada. Devagar, retirei o aparelho e, sem contar, tinha novamente um retângulo negro pousado na palma da minha mão. Estava apagado, sem luz. Mas eu sabia perfeitamente o que significava.

O ar à minha volta pareceu encolher e o som do piano ficou distorcido, como uma fita a ser rebobinada.

— Isso não pertence aqui. - disse Clara.

A voz dela já não tinha o mesmo calor. Não estava fria, mas havia uma tensão. Levantei os olhos para ela, atribulado.

— Como sabes o que é?

Ela demorou a responder. O piano falhou uma nota. Clara continuava fixa no meu objeto preto, com uma expressão difícil de decifrar.

— Porque - disse, finalmente, baixando a voz, - nada disto é tão antigo quanto pensas.

Nesse instante, a tela preta acendeu-se sozinha. Sem toque. Sem rede. Apenas uma palavra branca no centro: **ATUALIZAÇÃO.**

POEMA METIDO NO CORAÇÃO (COM MÍNIMA probabilidade de ser publicado em papel)

*Vivemos de imagem e aparência,
perdemos o valor da essência,
trocamos o sentir por aprovação,
cada gesto vira exibição,
afogamos a verdade na indiferença.*

*Há ruído em cada opinião,
mas silêncio no coração,
fala-se muito, pensa-se pouco,
cada argumento soa oco,
falta empatia na discussão.*

*Construímos muros de vaidade,
disfarçados de liberdade,
julgamos sem conhecer,
criticamos sem compreender,
alimentando a frieza da cidade.*

*E eu caminho entre multidões,
rodeado de distrações,
procurando algo real,
num cenário tão superficial,
onde se perdem as conexões.*



PARA FINAL 1, PRIMA TECLA X

A Última Nota

O pátio parecia o mesmo, mas o vento entre as tíliais tornou-se irregular e o piano ao longe voltou a falhar uma nota.

— Isto não devia acontecer... - murmurou Clara.

O telemóvel vibrou. Um som agudo atravessou o ar. Por um instante, pensei que fosse apenas uma notificação, mas a vibração voltou, mais longa desta vez, como um aviso distante que se aproximava.

— Ouviste agora? - perguntei.

Clara abanou a cabeça.

O pátio começou a tremer ligeiramente. As cores do edifício tornaram-se mais pálidas, como tinta a dissolver-se em água. Ao longe, o piano repetia sempre a mesma nota.

Bip...

Bip...

Bip...

Levei a mão à cabeça. Uma dor súbita trespassou-me o crânio e, entre as árvores e os bancos de pedra, surgiram imagens estranhas, com luzes azuis e vermelhas a piscar e vozes apressadas.

— Clara... - murmurei.

Ela olhava para mim com uma tristeza silenciosa. Estendi a minha mão, mas ela não correspondeu. Talvez soubesse que seria em vão.

— A nossa mente cria lugares para onde fugir quando o mundo se torna demasiado insuportável.

As tíliais começaram a desaparecer, folha a folha.

— Então... isto tudo não é real?

Clara hesitou. Depois respondeu, suavemente:

— Foi real para nós.

O banco onde estávamos sentados começou a desfazer-se numa luz pálida. As paredes da escola pareciam ausentar-se.

Tentei segurar a mão dela, mesmo assim, mas os meus dedos atravessavam o vazio.

— Eu não quero ir embora – disse, quase sem voz.

Clara sorriu.

— Eu sei. Também ficaria aqui para sempre.

O som ao longe tornou-se mais alto, agora. Uma sirene. Um grito. O piano transformou-se num ritmo mecânico.

Bip...

Bip...

Bip...

Clara começou a ofuscar-se, também, como um desenho apagado pela chuva.

— A beleza está na direção do olhar... – disse, antes de a perder por completo.

O mundo ficou branco, novamente. Depois, o silêncio.

Na rua molhada, iluminada pelas luzes intermitentes de emergência, os paramédicos rodeavam o corpo imóvel de um rapaz estendido no passeio, enquanto a chuva caía sobre o seu rosto.

Um raio tinha atingido o chão, a centímetros dele. Dentro da ambulância, uma máquina tentava encontrar uma cadência no silêncio do seu coração.

Bip...

Bip...

Biiiiiiiiip.

E, no último fragmento da sua mente, um pátio cheio de sol diluía-se, mas podia ainda ver os cabelos da rapariga a ondularem ao vento.

PARA FINAL 2, PRIMA TECLA Y

Antes dos 100%.

O meu telemóvel começou a atualizar e o piano retomou a sua música, como se nunca tivesse falhado uma única nota. 5%. A atualização parou. Normalmente, teria reclamado com o telemóvel por tal lentidão, mas, agora, parecia que precisava dela.

— O que queres dizer com isso? - perguntei, olhando para a Clara com todo o desespero com que olharia para um teste surpresa.

A luz do ecrã chamou-me a atenção, novamente. 50%.

— A realidade nem sempre é o que parece.

Os olhos de Clara fixaram-se no telemóvel.

— Que realidade? Clara, estás a falar de quê? - a minha voz quase não passava pela minha garganta, embora me saísse da boca à velocidade da luz.

O piano voltou a falhar uma nota. Clara olhou para mim e sorriu. Desejei estar errado, implorei por isso. Olhei para o telemóvel. 100%.

PARA FINAL 3, PRIMA TECLA Z

Sobre o Verbo Dormir

A palavra **ATUALIZAÇÃO** piscava no ecrã com a mesma insistência de um despertador numa segunda-feira de chuva. Olhei para a Clara, à espera de uma explicação profunda sobre o destino da humanidade, mas a voz dela mudou subitamente. Já não era um sussurro melodioso, era um grito rouco, que parecia vir do fundo de um túnel.



— Ó, Zé, acorda! Estás a babar-te todo em cima dos livros!

O cenário das tílias e o pôr-do-sol alaranjado desintegraram-se como um castelo de cartas num vendaval. O cheiro a flores deu lugar ao aroma inconfundível de lixívia barata e chulé de balneário. Abri os olhos e dei de caras, não com a Clara, mas com o senhor Arnaldo, o contínuo da escola, que me abanava o ombro com a pressa de quem está mortinho por ir ver o Preço Certo.

— Mas... e o pátio? E o silêncio? E a rapariga que desenhava? - balbuciei, ainda com a marca da espiral do caderno gravada na testa.

O senhor Arnaldo olhou para mim como se eu tivesse acabado de dizer que a Terra seria plana.

— O pátio está inundado, o silêncio foi à vida porque a turma do 9.ºC está a ter educação física e a única rapariga que desenha aqui é a tua colega do lado, que te rabiscou um bigode perfeito enquanto estavas a ressonar.

Olhei para o reflexo no vidro da janela. Era verdade. Parecia um pirata de baixo orçamento. A minha "viagem no tempo" tinha sido, afinal, uma sesta de vinte minutos provocada pelo excesso de verbos irregulares e ausência de cafeína. Tentei levantar-me com dignidade, mas, de repente, só ouço “RRRRÁC”, foram as minhas calças que decidiram rasgar e colocar à mostra os meus boxers do SpongeBob.

— Pronto, - suspirou ele, entregando-me a mochila encharcada que eu tinha esquecido - lá se foi a poesia. Leva isto e vai para casa, antes que decidas que és o Dom Sebastião e comeces a pedir um cavalo na secretaria.

Saí da escola acelerado, com a mochila a tapar o rasgão das calças. A chuva continuava a cair, as pessoas continuavam apressadas e o meu telemóvel... bem, o telemóvel tinha caído numa poça e, agora, só servia de espelho para tentar limpar o bigode feito a marcador permanente.

Afinal, o mundo não precisava de uma grande revelação metafísica. Precisava, apenas, que eu aprendesse a dormir na cama e não em cima de dicionários. Mas, enquanto corria para o autocarro (e falhava o degrau outra vez), senti que, no fundo, a Clara tinha razão: a beleza está em todo o lado, depende da direção do nosso olhar. Até na figura ridícula de um rapaz com bigode pintado, a tentar não cair numa poça.

FICHA TÉCNICA

**ESCOLA SECUNDÁRIA RAFAEL
BORDALO PINHEIRO,
AE RAFAEL BORDALO PINHEIRO**

Alunos

Anaísa Martins Cardoso
António de Aragão Pólvora Jacinto
Beatriz Calado Crispim
Catarina Moreira Reis
Érica Alexandra Ribeiro Diogo
Francisca Lopes Costa
Francisco Henriques Pina Matias
Gonçalo André Gomes Martins
Guilherme A. Leitão de Almeida Lopes
Izabelli Esteves da Silveira
Lea Brunet Pereira Coulange Borges
Leonor Monteiro Ferreira
Leonor Reis Duarte
Lucas Moiteiro Barbosa Cortez Neves
Luna Penas Pereira
Manuel Tiago Carvalho Van-Dúnem
Márcia Santos de Sousa
Maria Benjamim Bingre do Amaral
Maria Henriques Leitão
Maria Inês Enxuto Dinis da Mónica
Maria João Mendonça Carapucinha
Marisa Martins Alves
Martim Cipriano Costa
Pauline Vaillant
Rafaela Eugénio Lopes
Ryelle Nogueira Magalhães

Ilustradora

Pauline Vaillant

Docente

Rafaela David

Professora Bibliotecária

Lucília Lopes

Escritora

Marlene Ferraz



O GUARDADOR DE MEMÓRIAS

Mónica Menezes

MÓNICA MENEZES

Foi por culpa de uma extrema timidez que Mónica Menezes se apaixonou pela escrita. Entre ela e o papel não havia vozes à volta, ninguém se intrometia e o tempo esticava de uma forma única. Em miúda, quando se sentava a escrever, um minuto tinha mais de 60 segundos, uma hora tinha mais do que 60 minutos. Era um mundo só dela e do papel. Por isso, quando respondia o que queria ser quando fosse crescida, a resposta era sempre a mesma: escritora. Primeiro, escreveu em jornais, revistas e programas de televisão.

Depois, em 2011, escreveu o seu primeiro livro e, desde então, seguiram-se outros cinco. Agora, dá aulas de Escrita Criativa e Storytelling a pequenos e a crescidos. Gosta de envolvê-los nas histórias que cada um tem dentro de si. Acredita que todos conseguem escrever com o coração. Já não é tímida, mas é sempre no papel que encontra o seu espaço de paz e de conversas consigo própria

No coração de uma cidade dominada por luzes azuis e pensamentos programados, na qual a tecnologia se tornara o eixo de toda a existência humana, existe um lugar em que poucos reparam: uma biblioteca esquecida pelo tempo e ignorada pela sociedade. As paredes guardam pó em vez de dados e o silêncio, ali, tem um peso diferente, quase vivo.

É nesse espaço que habita Afonso, o Guardador de Memórias. Não protege livros comuns, mas histórias que não podem ser digitalizadas, lembranças contadas de voz em voz, emoções que só sobrevivem quando alguém se dispõe a escutá-las.

Sentado entre as estantes gastas, mantém viva a dor, a alegria, a saudade e o erro do passado, acreditando que, enquanto existir alguém disposto a recordar, a humanidade não estará perdida.

Durante anos, nada mudara naquela biblioteca. As paredes guardam o pó de todos os dias. As etiquetas que indicam tanto caminhos de Ficção como de Romance Histórico, tanto de Biografias como de Viagens, ainda vivem, quase sem cor, afinal, não se sabe há quantos anos alguém as colou ali, mas não deixam de orientar quem ali entra.

Afonso trabalha nesta biblioteca desde 2026. Chegou jovem, cheio de sonhos e com uma saca de palavras às costas. Papelinhos escritos à mão, letras mais ou menos infantis, todos dobrados com um preciosismo geométrico. Naquele dia, há 50 anos, carregava também o seu papelinho: “A minha infância esteve cheia de momentos e de memórias importantíssimas para a minha vida que ainda lembro com bastante carinho. E isso também se aplica a várias pessoas que estiveram presentes e me ajudaram e conviveram comigo, quer sejam os meus amigos, os meus professores ou outras pessoas.”

Há algum tempo, quando percebeu que aqueles pedaços de papel estavam cada vez mais frágeis, agarrou no computador e passou cada letra para um documento comum. No fim de cada passagem, assinalou o nome de quem escreveu aquele pensamento e transformou todas as memórias num livro. Guardou-o num lugar de destaque da sua estante preferida. Por baixo, colou um papel como todos aqueles que assinalam o estilo de obra que ali está exposto: “Memórias do Coração”.

Sabia que não existia esse género literário, mas também sabia que palavras como aquelas, vindas do coração em forma de memória, não tinham estilo uniformizado. Os papelinhos, esses, deixou-os dobrados, na mesma saca com que os levou pela primeira vez para a Biblioteca. Guardou-os numa gaveta. Em 2076, já com o rosto cheio de histórias, as mãos trémulas, os olhos cansados e aumentados por lentes que o ajudam a olhar o mundo de forma mais focada, gosta do ritual que lhe acrescenta minutos de vida ao coração: abrir cada papelinho e recordar o que está ali escrito. No entanto, de dia para dia, repara que as palavras estão cada vez mais gastas e os papéis, abertos e fechados rotineiramente, começam a perder elasticidade e tempo de vida.

Felizmente, há o livro. O livro onde as memórias permanecem intactas, protegidas do tempo e do esquecimento. Um dia, em vez de abrir os papelinhos, o Guardador de Memórias abre o livro.

O corpo estremece. As mãos folheiam-no com energia. As páginas, antes cheias de palavras, começam a ficar em branco. As memórias estão a desaparecer! Com papéis cada vez menos vívidos e páginas a perderem as letras, onde ficam as histórias que Afonso se comprometeu a guardar e a

tentar que nunca se percam no tempo, nas tecnologias e artificialidades do mundo?

Para onde vai o sabor da massa bolonesa que a Carolina guardou em palavras – “Sabe-me a velhos tempos, sabe-me a pequenos gestos que demonstram tanto carinho. É como uma humilde casa recheada de amor” –, ou a memória gastronômica que o Dinis sempre quis que perdurasse no tempo – “Apesar de ser simples, a “raclette” permite infinitas combinações com uma grande variedade de alimentos e, cada vez que a consumo, a experiência é sempre diferente, o que torna este prato ainda mais especial para mim.”?

Como reverter tudo isto?

Lá fora, a pequena Sofia, com apenas cinco anos, admira os espaços ajardinados e os edifícios singulares de S. João da Madeira. Tem um gosto peculiar pela arte. É uma perguntadora profissional e quer saber sempre mais sobre o que a rodeia. Naquele dia, a mãe prometeu levá-la à biblioteca, o sítio onde os livros dormem.

- O que são livros, mãe? O que são histórias, mãe? O que são memórias, mãe? O que são palavras, mãe? Os livros são pessoas, mãe? Os livros dormem, porque têm sono ou porque a mãe deles também os obriga, mãe?

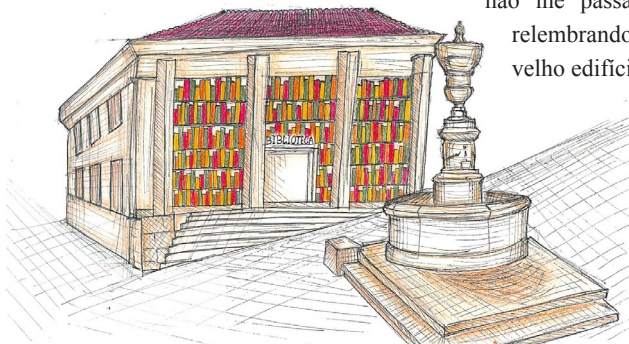
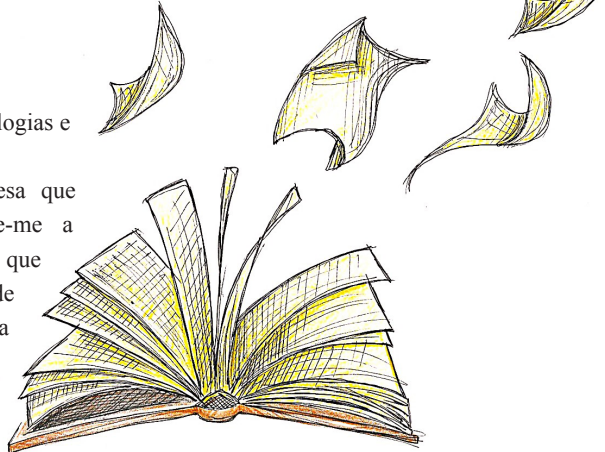
A mãe pede-lhe calma.

- Encontrarás nos livros todas as respostas a essas perguntas.

Após uma longa caminhada, ao fim da rua, Sofia avista a Biblioteca.

O edifício, numa verdadeira sintonia com o espaço envolvente, combinando vidro, betão e madeira, revela as suas linhas retas e simples, cuja porta parece chamar pela pequena Sofia. Antes de entrar, não lhe passa despercebido o imponente chafariz, relembrando tempos idos, assim como a dimensão do velho edifício que faz lembrar um antigo convento.

Entra. O teto chama-lhe logo a atenção e, num canto, perto de uma escada em caracol, está uma poltrona castanha com um homem de sorriso fácil, pele enrugada e cabelos cor de neve.



- Muito boa tarde, minha querida! Há muito tempo que não via alguém da tua idade aqui. - exclama Afonso Tavares.

- Boa tarde! Eu sei. A minha mãe disse-me que eu vou gostar muito de passar tempo aqui e que vou encontrar respostas a muitas perguntas que tenho dentro de mim. - responde, de forma carinhosa, a Sofia.

Afonso sorri. Por momentos, esquece-se das memórias que se estão a perder no livro mais especial que tem na Biblioteca.

- Então conta-me lá o que queres saber.

- Está com tempo, senhor bibliotecário? É que esta miúda tem perguntas que nunca acabam. – diz a mãe de Sofia.

- Quem vive rodeado de livros, minha senhora, nem sente o tempo passar.

Enquanto Afonso e a mãe de Sofia conversam, a pequena já está a rodopiar entre as estantes.

- O que está aqui escrito? – pergunta enquanto aponta para o único papel colado numa estante.

- Ui, escolheste a estante mais importante que há nesta Biblioteca. – afirma Afonso. – Aí diz “Memórias do Coração”.

- O que são memórias? – questiona Sofia.

Afonso agarra no livro com uma mão e dá a outra a Sofia, encaminhando-a para a poltrona castanha.

- Memórias, Sofia, são tudo aquilo que já viveste, que guardas no coração e que nunca queres esquecer. É como se fosse uma boneca de que gostas muito e que queres guardar para sempre.

Sofia olha atentamente para Afonso.

- E isso que tens na mão, o que é?

- Um livro.

- Ahhhhhh, quero muito saber o que é um livro. Explicas-me?

A mãe de Sofia ri-se.

- Eu avisei. Ela quer saber tudo.

Afonso senta Sofia no seu colo.

- Um livro é um mundo mágico, é um tesouro, é um melhor amigo cheio de histórias para te contar.

- Posso ser amiga do livro? – pergunta Sofia.

- Claro. Vou ler algumas páginas dele. É assim que melhor o podes conhecer.

Afonso abre o livro e escolhe uma memória para ler a Sofia.

- Neste livro, uma menina chamada Anaís escreveu: “Durante a minha infância, a minha brincadeira preferida era as escondidinhas. Após o almoço, saíamos todos para o recreio e brincávamos. Na verdade, é este tipo de memórias que irei guardar sempre no meu coração, com muito carinho e, por isso, estarei eternamente grata aos amigos que brincavam comigo e que tornaram a minha infância ainda mais bonita e repleta de amor.”

- Ah, essa menina já sabia guardar as memórias! Mais, conta-me mais.

- O Manel disse que, quando era novo, ele, os irmãos e os primos brincavam às apanhadinhas. “A minha casa dispõe de um quintal bastante espaçoso e verdejante, repleto de árvores enormes,

com estreitos caminhos ladeados por hortênsias. Por isso, quando nos reuníamos num dia soalheiro, achávamos o jardim ideal para brincar.” A Anne quis guardar uma memória sobre uma sobremesa: “Uma das comidas que mais me lembra a minha casa é o “pavê” de maracujá e de chocolate que a minha mãe faz todos os Natais (e em algumas ocasiões especiais). Era quase sempre a sobremesa preferida de todos, na minha família.”

- Eu nunca comi maracujá, Afonso, e a minha mãe só me deixa comer chocolate em dias de festa.

O Guardador de Memórias solta uma gargalhada.

- Se calhar, podes guardar o sabor do chocolate como uma boa memória. Assim, sempre que te apetecer comer um doce, lembras-te disso.

- Vou fazer isso. Ajudas-me a escrever?

- Sim, sim. Tu dizes e eu escrevo num papelinho.

- Então põe assim: gosto de quando a minha mãe me dá um quadrado de chocolate. Eu ponho-o na boca e não trinco. Gosto que se derreta na língua. Escreveste tudo, Afonso?

- Vês como já sabes o que é uma memória, Sofia?

- Pois é! Podes escrevê-la no teu livro mágico?

- Neste não, mas podemos criar um livro só para ti. Vamos pensar nisso!

- Sim! Mas agora conta-me mais memórias.

- Vou contar só mais uma. Depois, se a tua mãe deixar, vens cá noutros dias ouvir mais. Olha esta, da Matilde: “A massa de frango da avó Lena é um daqueles lugares onde o coração retorna sempre. Feita por mãos que já não posso tocar, mas com um amor que ainda consigo sentir. O conforto servido numa tigela quente, o abraço da avó transformado em comida, a certeza de que ali, à mesa, eu tinha sempre um lugar seguro no mundo.”

- Oh, é bonita, mas tão triste. Não quero sair triste da Biblioteca. Contas-me mais uma?

Afonso e a mãe de Sofia sorriem.

- Só mais uma, Sofia. O Afonso tem de trabalhar.

- “Na minha infância, a minha brincadeira preferida, que escolhia para brincar com os meus amigos na escola, era o futebol. Não importava se era com uma rolha, um pacote de leite meio amassado ou, até, a gloriosa bola, o mais importante era começar o jogo e divertirmo-nos.”, escreveu o André. São todas memórias bonitas, desde as mais tristes às mais gulosas e divertidas.

Sofia salta do colo de Afonso e promete que volta no dia seguinte. O Guardador de Memórias dá-lhe um abraço.

- Amanhã temos mais memórias para descobrir. Até amanhã!

Quando Sofia sai, Afonso fica emocionado a olhar para o livro e só aí repara que as páginas, que antes estavam a ficar brancas, estão cheias de letras. “Que estranho”, pensa. “Será que vi mal há pouco?”

No dia seguinte, à mesma hora, Sofia volta a entrar na Biblioteca.

- Afonso, Afonso, onde estás? Já cheguei! Quero ouvir mais memórias.

- Olha, quem ela é! A menina cheia de perguntas. Estás bem-disposta?



- Estou! Podemos ir para a poltrona?

O livro já está pousado na poltrona castanha. Afonso senta-se e Sofia salta para o seu colo.

- Vou começar pela memória do Pedro. “Desde a minha infância até aos dias de hoje, a minha mãe tem sido a minha maior inspiração. Sou profundamente grato por tudo o que ela fez e continua a fazer por mim, por cada gesto de amor e por cada sacrifício que passou em silêncio só para me ver bem.” Que memória tão bonita, não achas?

- Sim, muito! Sabes que eu já sei escrever “mãe”?

Sofia faz as letras no ar, com um ar muito compenetrado.

- Escrevi bem?

- Só faltou a ondinha por cima do

A. Chama-se til.

Sofia repete baixinho: til.

- Vamos continuar, pequenina?

Ouve bem esta memória da Luana:

“Quando eu era pequena, ia para a Suíça, para as montanhas, o que sucedeu durante muitos anos, apreciando a neve, as casas de madeira e as luzes, na época de Natal, um cenário perfeito que parecia fazer parte apenas da minha imaginação.”

- Gostei muito. Lê mais, mais, mais!

Sempre que Afonso lê, as páginas ganham cores e as letras ficam mais nítidas.

- A Margarida diz que “Há pratos que não são apenas comida, são memórias, ternura e afeto. O arroz de polvo da minha mãe é, para mim, exatamente isso: o sabor de uma casa cheia à volta de uma mesa. É mais do que uma comida, é tradição, é memória, é aquele sabor que me lembra quem sou e de onde venho.” E a Maria Carolina fala de uma pessoa muito especial na sua vida: “Sinto falta dos seus abraços todas as manhãs, de a escolher ao invés dos meus pais para ir dormir, quando estava com medo à noite. A minha irmã é e sempre será a minha pessoa favorita e sei que, mesmo afastadas, mesmo estando longe uma da outra, estaremos, para sempre, juntas.” Estás a gostar de ouvir estas memórias, Sofia? O que estás a aprender?

- Estou a gostar muito, Afonso. São memórias muito lindas, mas ainda não percebi como é que tu as guardaste aqui.

Os olhos do Afonso humedecem-se por trás dos óculos.

- Um dia, há cerca de 50 anos, eu e estes meus amigos fomos desafiados a escrever uma memória que nunca queríamos esquecer.

- Porquê, Afonso?



- Nessa altura, as pessoas começaram a desinteressar-se pelas histórias de cada um. Apareceu a Inteligência Artificial, uma espécie de ferramenta que faz com que as pessoas pensem menos ou, pior do que isso, pensem todas de forma igual, sem emoções.

- Não percebo o que são essas palavras, mas não me parecem coisas boas.

- Não são, Sofia. Estavam a roubar aquilo que de mais bonito e único cada pessoa tem: os seus sentimentos e as suas histórias.

- Ahhh, acho que estou a perceber. Então vocês escreveram os vossos sentimentos, as vossas memórias, as vossas histórias para essa Inteligência não vos roubar?

- Sim, foi mais ou menos isso.

- E depois tu guardaste aqui tudo. Acho que és muito corajoso, Afonso.

Abraçam-se.

- Agora conta-me mais uma memória!

- Olha, esta é bem gira. “No “Tudo”, cada um podia ser o que e quem quisesse. Era como se fosse uma coisa mágica que juntava todos os heróis e vilões das séries e filmes sem ninguém querer saber a que estúdio pertenciam, em que canal eram transmitidos e se eram ou não famosos. A memória desta brincadeira pode parecer uma estupidez de miúdos, mas, para mim, acarreta uma estranha sensação de regresso à infância”, escreveu o João Pedro.

- Não conheço essa brincadeira, mas parece muito gira. Há mais memórias parecidas com essa?

- Há a da Mariana. Imagina que ela fazia um desporto muito especial: “Quando era mais nova, andei num clube de escalada, tendo participado num torneio desta modalidade, na Serra da Estrela. Agora, recordo esse momento como um conforto, destacando-se a lembrança de amigos que continuam a fazer parte da minha vida, mesmo que a distância e os objetivos futuros nos tenham separado.”

- Uau, adoro!

- Sofia, vamos. Por hoje já chega. Deixa o Afonso trabalhar.

- Oh, só mais uma, mãe, por favor!

A mãe pisca o olho a Afonso.

- Só mais esta, Sofia. A memória que a Lara escreveu diz assim: “Todos nós já tivemos o nosso herói na infância, aquela pessoa que foi muito importante para nós nessa época que, no meu caso, foi o meu pai. Eu era a sua princesa e ele o meu herói.”

- A minha mãe e o meu pai são os meus heróis, Afonso. E tu também és! Posso voltar amanhã?

- Se a tua mãe deixar, claro que sim. Até amanhã.

Estas visitas de Sofia deixam o coração de Afonso Tavares tão feliz. Há muito tempo que não conhecia alguém tão interessado por livros como aquela pequenina e isso dá-lhe esperança na humanidade.

Volta a abrir o livro. Sorri sozinho ao reler a memória do Daniel. “Tive vários momentos importantes na minha infância, mas, de todos eles, houve um momento que mais me marcou: quando consegui andar de bicicleta sozinho, pela primeira vez... Senti-me livre ao andar cada vez mais depressa, sentindo o vento a bater em mim, já para não falar da felicidade do meu pai, ao assistir

à minha conquista.” Que momento mágico deve ter sido aquele. O Guardador de Memórias quase sentiu o vento a bater-lhe na cara, quase voltou a sentir a felicidade de andar de bicicleta pelo campo.

Continua a folhear. Cada página parece que tem um cheiro próprio, uma textura única, um formato diferente, como se cada página fosse cada pessoa, com as suas especificidades. A página do Pedro é muito colorida. Diz assim: “Por volta dos meus três ou quatro anos, lembro-me que adorava brincar com legos. Lembro-me de passar horas a construir qualquer tipo de coisa, fosse o que fosse. Construía e desmanchava, tornava a construir e tornava a desmanchar, era incrível!”. A da Sara cheira tão bem! “Um prato de comida que me sabe a casa e conforto é lasanha, porque, quando a refeição é lasanha, faz-me lembrar a minha infância, para além dos tempos que eu passo e passava com a minha família, porque quase sempre comemos todos juntos ao domingo.” A da Maria João está cheia de amor e saudade: “Se tivesse de falar sobre uma pessoa que marcou a minha infância, sem dúvida, falaria do meu avô materno, um exemplo, um porto seguro e, acima de tudo, alguém que sabia amar sem precisar de grandes palavras. Por isso, gostaria de recuar à minha infância, para poder colecionar mais momentos ao seu lado.”

O sol já se pôs. Afonso olha lá para fora. Já não há quase ninguém na rua e quem por ali anda nem repara na biblioteca. Vão todos de olhos postos em aparelhos eletrónicos, sem ligar às árvores, ao chafariz, ao som dos pássaros.

Guarda o livro na estante “Memórias do Coração”. Amanhã lerá mais para a Sofia.

- Afonso, Afonsoooooo, meu herói, cheguei!

Abraçam-se. O livro já está na poltrona castanha.

- Queres ouvir primeiro a memória da Emanuelle ou da Mafalda?

- Pode ser da Mafalda.

- “Um momento importante da minha infância foi a viagem a Paris com os meus amigos, na viagem de finalistas do quarto ano. Voltei dessa viagem com o coração cheio e com a sensação de que tinha deixado para trás um dos meus medos. Adorei a viagem e o facto de a ter partilhado com os meus amigos tornou tudo ainda mais especial”, escreveu a Mafalda. A memória da Emanuelle tem a ver com o país onde ela nasceu. “Uma das comidas que mais me lembra a minha casa é a canjiquinha. Trata-se de uma iguaria brasileira, típica do Estado de Minas Gerais, feita com milho triturado e carne de porco. Juntávamos tudo, risadas, friozinho, histórias de vida e aquela sensação boa de que, por mais simples que fossem, aqueles momentos ficariam guardados para sempre.” Se a Emanuelle é brasileira, nasceu em que país, Sofia?

- Essa é fácil, Afonso! No Brasil. Eu sei muitas coisas, Afonso. Não tenho livros, mas tenho um computador onde a minha mãe, quando não sabe, procura as respostas às minhas perguntas.

- Temos de arranjar um livro para teres em casa. Hoje acabamos de ler estas memórias e depois, se ainda tivermos tempo, vamos procurar um livro para ti.

- Fico tão feliz, Afonso! Agora lê mais memórias, por favor.

- A Marília escreveu esta: “Todas as semanas, a rotina era sagrada: "Two tuna sandwiches and an orange juice, please". A frase do meu pai soava-me a um mantra familiar, repetida a cada sábado, no café. Era uma sandes de atum simples, um prato que se come em qualquer esquina do mundo, mas ali, naquele espaço, ganhava um sabor único, inconfundível, transformando o meu exílio numa espécie de lar.” Já a Marta fala de um momento mesmo muito especial na vida dela. “Na minha infância, tive vários momentos importantes. Aprendi a ler, a escrever, tive a minha primeira melhor amiga, viajei, mas nenhum destes momentos foi tão importante quanto o nascimento do meu irmão que será sempre o meu melhor amigo, o meu verdadeiro companheiro e eu terei sempre a certeza de que nunca estará só e que poderá contar comigo para o resto da sua vida.” Tens irmãos, Sofia?

- Não, mas gostava muito. Mas tenho muitas bonecas que dormem comigo.

Afonso solta uma gargalhada.

- És engraçada, Sofia. E sabes o que também é engraçado? A última memória que falta ler é de uma menina que também se chama Sofia. Diz assim: “A minha segunda viagem à Ucrânia, com apenas sete anos, marcou-me, uma vez que pude reencontrar a minha família distante, conhecer e experienciar uma cultura completamente diferente e encantadora. Era e sou uma rapariga nascida e criada numa cidade, mas a experiência de ter estado em casa dos meus avós, durante duas semanas, fez-me descobrir a minha paixão pela natureza, sentindo-me viva e não sugada pela agitação do dia a dia.”

Sofia sai do colo de Afonso.

- E agora? Já não posso vir cá mais vezes?

- Claro que podes, Sofia. Olha bem à tua volta, nem consegues contar quantos livros estão aqui. Hoje já é um bocadinho tarde, mas quando voltares, amanhã ou depois, escolhemos um livro para levars para casa e outro para lermos aqui. Combinado?

- Combinado, Afonso.

Sofia não volta no dia seguinte, nem dois dias depois. A menina só volta a aparecer duas semanas mais tarde.

- Afonso, Afonsoooooo, meu herói, voltei!

Afonso pega-a ao colo e rodopia-a no ar.

- Já tinha saudades tuas, pequenina. Vamos escolher os livros?

- Não. Quero que me sentes ao teu colo na nossa poltrona castanha. Tenho uma surpresa para ti.

Afonso obedece. Sofia tira um papel do bolso. Lê.

- Tenho uma memória que considero muito querida, a qual, quando olho para trás, me transforma. Trata-se da tradição que tínhamos, noutra escola onde andei, no dia de São Martinho, não só de comer castanhas, mas também de as assar numa fogueira gigante que acendíamos no meio do recreio, reunindo-nos à sua volta, dando as mãos e cantando numa só voz.

E continua.

- Depois, quando as funcionárias não estavam perto de nós, saltávamos a fogueira e ficávamos com os dedos enfarruscados, para fazermos desenhos nas nossas caras e nas dos nossos amigos. Confesso

que nem sou muito fã de castanhas, mas, nesse dia, até fazia um esforço para comer todas as que conseguia apanhar e colocar as mesmas no meu saquinho personalizado.

- Como é que tu já sabes ler, Sofia?

- Foste tu que me ensinaste. Sempre que lias as memórias, eu ia guardando dentro de mim o som das letras e das palavras. Também fui eu que escrevi, Afonso.

- Também? Tu só tens 5 anos! Como é possível já saberes ler e escrever tão bem?

- Tu disseste-me que os livros fazem magia e são nossos amigos. Acho que foi isso que aconteceu. Achas que esta minha memória também pode ir para o livro mágico ou fazemos mesmo um livro só para mim?

- Acredito que tens de estar junto a todos os que decidiram, um dia, escrever as suas memórias mais bonitas para nunca se perderem no tempo.



Com uma caligrafia bonita e com a ajuda de Afonso, Sofia passa a sua memória para o livro. No fim, coloca o livro na estante. No fundo, ela sabe que não é apenas um mero livro, mas não consegue deixar de ter uma sensação estranha.

- O que é isto que estou a sentir?

- Acabaste de deixar uma memória que será preservada para sempre e não há nada melhor do que saber que serás lembrada durante muitos e muitos e muitos anos. - respondeu o velho bibliotecário.

- Uau, para sempre!

Sofia despede-se de Afonso com um abraço caloroso e sai pela grande porta da biblioteca.

No regresso a casa, já com o sol a começar a pôr-se, Sofia revela um sorriso de orelha a orelha, sentindo-se uma criança diferente daquela que entrara na biblioteca. Reconhece, agora, a importância de guardarmos todas as memórias que construímos ao longo das nossas vidas. Aprendera também que não devemos deixar que as máquinas dominem as nossas experiências, os nossos sentimentos, as nossas emoções e muito menos as nossas memórias, porque, se as perdemos, perder-nos-emos a nós próprios, sem saber o que sentir ou como expressar esses sentimentos.

No final desse dia, entre estantes gastas e histórias sussurradas, o Guardador de Memórias sorri como há muito não sorria. Percebe que a humanidade não se havia perdido nas luzes frias da tecnologia, porque, enquanto uma criança tivesse curiosidade e alguém estivesse disposto a lembrar as memórias do passado, haveria sempre esperança e essa esperança tem um nome: Sofia Guimarães.

Com apenas cinco anos, aprendera a ler ao som das histórias que Afonso lhe contara, mais do que informação, Sofia descobriu nas palavras sentimentos e emoções.

Enquanto a Inteligência Artificial organiza dados, calcula padrões e armazena milhões de ficheiros sem os sentir, Sofia aprende que uma memória tem cheiro, tem dor, tem riso e tem silêncio.

E é nesse contraste, entre o que apenas se arquiva e o que verdadeiramente se sente, que o guardador encontra a sua maior certeza: a tecnologia pode conservar dados, mas só o coração humano sabe interpretar o verdadeiro significado da própria vida.

Afinal, as memórias, quando partilhadas, não pertencem apenas ao tempo, pertencem àquilo que nos torna humanos.



Conto elaborado por Mónica Menezes com a colaboração das palavras e memórias inesquecíveis dos alunos Afonso Tavares, Anaís Vasconcelos, André Matos, Anne Porto, Carolina Maia, Daniel Campos, Dinis Costa, Emanuelle Assis, João Pedro Silva, Lara Silva, Luana Silva, Mafalda Guerra, Manuel Teixeira, Margarida Perestrelo, Maria Carolina Carregosa, Maria João Castro, Mariana Oliveira, Marília Vitória, Marta Silva, Matilde Santos, Pedro Leite, Pedro Santos, Sara Silva, Sofia Guimarães, Sofia Zara, e o apoio inexcedível das professoras Dina Sarabando e Ângela Resende.

“Sozinho ninguém é uma história”, Mia Couto

FICHA TÉCNICA

**ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA
DR. SERAFIM LEITE**

Alunos

Afonso Tavares
Anaís Vasconcelos
André Matos
Anne Porto
Carolina Maia
Daniel Campos
Dinis Costa
Emanuelle Assis
João Pedro Silva
Lara Silva
Luana Silva
Mafalda Guerra
Manuel Teixeira
Margarida Perestrelo
Maria Carolina Carregosa
Maria João Castro
Mariana Oliveira
Marília Vitória
Marta Silva
Matilde Santos
Pedro Leite
Pedro Santos
Sara Silva
Sofia Guimarães
Sofia Zara

Ilustradora

Mariana Oliveira

Docente

Dina Paula Sarabando

Professora Bibliotecária

Ângela Resende

Nuno Camarneiro

AÇÚCAR NO LEITE



NUNO CAMARNEIRO

Nasceu na Figueira da Foz em 1977. Licenciou-se em Engenharia Física pela Universidade de Coimbra, trabalhou no CERN e doutorou-se em Ciência Aplicada ao Património Cultural pela Universidade de Florença, Itália. Foi investigador no Departamento de Química da Universidade de Aveiro e é actualmente docente da Escola das Artes da Universidade Católica do Porto e investigador integrado do CITAR (Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes).

Em 2011 publicou o seu primeiro romance, *No Meu Peito Não Cabem Pássaros*, em 2012 venceu o prémio Leya com o romance *Debaixo de Algum Céu*. Em 2015 publicou o livro de contos *Se Eu Fosse Chão* e em 2018 publicou o seu mais recente romance *O Fogo Será a Tua Casa*. Publicou ainda três livros infantis: *Não Acordem os Pardais*, *O Que Veem as Estrelas*, e *A Casa das Perguntas*.

É autor e co-autor de diversas peças de teatro, entre elas *Ainda Hoje Era Ontem* (Teatro Académico Gil Vicente, 2015), *Eu, Salazar* (Teatrão, 2018), *O Que Vêem as Nuvens* (CCB, 2020), *Amanhã ou Depois de Amanhã* (Comédias do Minho, 2021) e *Ónus* (Convento de São Francisco, Coimbra, 2022).

A capital francesa acordou esta manhã sob o som estridente de sirenes. Fontes oficiais do Museu do Louvre confirmaram o desaparecimento daquela que é considerada a obra mais famosa do mundo: a *Mona Lisa*.

De acordo com testemunhas, o principal suspeito terá abandonado o local num tuk tuk rosa-choque, circulando a alta velocidade pelas ruas estreitas da cidade em direção ao rio Sena. A polícia francesa classificou o sucedido como "um ataque ao património da humanidade" e ativou de imediato um plano de emergência para bloquear as principais saídas de Paris. Até ao momento, o paradeiro da pintura permanece desconhecido.

Nas redes sociais, começou a circular o nome do alegado responsável: Amir, antigo pintor ao serviço das elites, originário do Bangladesh, conhecido por trabalhar no...

— São sempre esses indianos, só se sabem aproveitar! — disse Paulo.

Na escola de Paulo, o assunto dominava os corredores. Entre alunos e docentes, multiplicavam-se versões contraditórias do sucedido. Cada aluno acrescentava um novo detalhe, muitas vezes sem grandes certezas.

Rapidamente, as suspeitas começaram a apontar para "estrangeiros" e comentários carregados de preconceito espalhavam-se de grupo para grupo. O tom deixava de ser apenas curioso e tornava-se acusatório. O que começara como um debate sobre um roubo transformava-se, pouco a pouco, em algo menos correto.

Todos faziam a mesma pergunta: por que razão Amir teria roubado um quadro tão valioso e admirado?

Antes do assalto à *Mona Lisa*, Amir fora um importante artista no Bangladesh, criador de obras destinadas a membros da alta realeza e a compradores ricos. Durante anos, dedicou-se intensamente à pintura, produzindo peça após peça com rigor e talento. No entanto, apesar do trabalho árduo, era frequentemente visto apenas como um executante ao serviço de figuras influentes, sem o devido reconhecimento público.

Ainda assim, a verdadeira razão permanecia um mistério. Entre especialistas e jornalistas multiplicavam-se teorias sobre as possíveis motivações. Na verdade, apenas Amir sabia o que realmente o levava a planear um roubo tão ousado. Cá fora, o mundo especulava, mas na sua cabeça a explicação permanecia guardada em silêncio.

Passaram 15 minutos e os alunos estavam agora na sala de aula.

O Professor Joaquim, responsável pela disciplina de História, tomou uma iniciativa após observar o episódio do intervalo.

— Hoje teremos uma aula diferente. Durante o intervalo observei o discurso de ódio que foi proferido por muitos de vós. Penso que me cabe, enquanto cidadão e professor, consciencializar-vos para a diversidade e para o respeito que devemos manter com qualquer pessoa, independentemente da sua origem, situação, cor de pele, etnia ou religião.

— Chamei, para hoje se apresentarem na aula, vários alunos da nossa escola que vieram para o nosso país para terem uma vida melhor e que não devem ser discriminados por isso.

Entram três alunas na sala do professor Joaquim: a Maryam, a Zara e a Nadiya. Os olhos dos alunos fitavam-nas como se fossem animais exóticos de origem estranha e incomum.

— Podemos começar contigo, Maryam — disse o professor encorajando a jovem.

— Olá, chamo-me Maryam e vim da Palestina. Lembro-me de ouvir bombas a caírem ao meu redor, as pessoas que eu mais amava partiram e fiquei sozinha num país em guerra, faminto e reduzido a destroços. Nunca quis abandonar o meu país, sempre fui muito feliz lá. Toda a minha vida e todo o meu coração lhe pertencem, mas Gaza tornou-se numa zona de sofrimento tal que fui obrigada a fugir de tamanha crueldade.

— Cheguei a Portugal a 25 de março de 2025 sem nada. Não compreendia a vossa forma de falar nem os vossos costumes. Não tinha roupa, não tinha lar, não tinha família, tinha apenas apoio financeiro por ser refugiada de guerra. Fui colocada nesta escola por estar perto da casa de acolhimento que, apesar de ter esse nome, nunca senti como sendo a minha casa.

— Quando cheguei à escola não conhecia ninguém, não tinha os meus amigos, não tinha roupas da moda e, para ser sincera, senti inveja de outros alunos como vocês, com aquelas mochilas e sapatos novos e a serem levados à porta da escola pelas vossas famílias. Cheguei à aula de Português Língua Não Materna e a única coisa que percebi foi:

“Maryam?” dizia a professora ao fazer a chamada.

“Eu!” respondi ao reconhecer o meu nome.

— As primeiras pessoas que conheci foram o Ivan e Nadiya, que muitos de vocês já devem conhecer. Senti-me bem naquela turma. Todos pareciam estar interessados em conhecer-me. Senti algo que já não sentia há muito: a esperança de que as coisas poderiam melhorar e que poderia voltar a encontrar a felicidade. Cheguei à casa de acolhimento com um sorriso no rosto. Fiz muitos amigos e todos eles de culturas diferentes (portugueses, brasileiros, marroquinos, ...). Já não me sentia sozinha.

— Quando chegou a hora do jantar encontrei um rosto familiar. Era o Ivan, sentado ao fundo da mesa de jantar com um olhar triste. Decidi sentar-me junto dele e tentar animá-lo de forma a recompensar a sua amabilidade na escola. Descobri que, tal como eu, o Ivan também tinha fugido da guerra, mas da Guerra na Ucrânia.

— Depois desse dia passámos a ser a família um do outro. Ele mostrou-me que, mesmo durante a tempestade, existe um raio de sol a espreitar por entre as nuvens. Todos os dias penso no meu país, na minha família... - dizia Maryam, com lágrimas nos olhos - a comida que a minha avó costumava preparar como Mansaf, Fatayer e Mahshi. Experimentem, é tudo delicioso!

— Agora, Portugal já é a minha casa. Posso não ter nascido cá, o português pode não ser a minha primeira língua e posso não ter crescido com as vossas tradições, mas este país recebeu-me bem e foi graças a pessoas boas que nunca me diminuíram que hoje posso chamar a este país a minha segunda

casa e apelo a que vocês se tornem pessoas boas que aceitam aqueles que são diferentes e que só querem uma vida melhor.

— Muito obrigado, Maryam! A tua história foi realmente inspiradora. — disse, sorrindo, o professor Joaquim.

— E tu, Nadiya? Qual é a tua história? Como foi a tua experiência como refugiada?

Nesse instante todos os olhos se fixaram nela.

— Eu posso ir contigo se quiseres — sussurrou o Ivan à Nadiya, encorajando-a.

— Não é preciso, дякую!¹ - disse ela, levantando-se e levando consigo o seu diário de girassóis.

— Eu não tenho o à-vontade da Maryam para falar – disse, sorrindo para a colega.

— Mas melhor do que contar a minha experiência é ler-vos passagens do meu diário onde escrevi os meus sentimentos e vivências.

19 DE DEZEMBRO DE 2022

Querido Diário,

Não consigo dormir, não param de cair bombas aqui em Kiev. No meio de estrondos e de gritos, parece-me ouvir a voz dos meus pais que dizem que encontraram uma família de acolhimento para mim em Portugal. Porquê... porquê?! Não os quero deixar aqui sozinhos no meio deste inferno. Já lhes disse mil e uma vezes, mas eles continuam a insistir que é para o meu bem. Para o bem de quem!? Eu estou bem se estiver junto a quem eu amo!

22 DE DEZEMBRO DE 2022

Querido Diário,

Душа в н'ямах, já não há nada a fazer.

Nadiya levantou a cabeça e reparou nos olhares confusos de quem a ouvia. Depois de alguma hesitação, perguntou: “Ivan, sabes como é que isto se diz em português?”

— Acho que significa ter o coração nas mãos. —respondeu o rapaz.

— Exato! Bem, continuando...

Estou no meio do aeroporto da Moldávia à espera do voo que vai levar o meu corpo para Portugal. Sim, ouviste bem, só o corpo porque o meu coração vai ficar eternamente com os meus pais.

São cinco da tarde, acabo de embarcar no avião e não consigo parar de chorar. Vejo o rosto dos meus pais uma última vez pela janela do avião com um sorriso amarelo que transmite uma sensação de falsa esperança. Só o Bezpeky, sentado ao meu lado, mantém aquele ar brincalhão e tolo de sempre.

¹*ДЯКУЮ* – “obrigada”

Dizem que a época natalícia é uma época de milagres, mas isto parece mais um pesadelo. Só peço mais um momento para dizer tudo o que nunca disse e devia ter dito aos meus pais...

4 DE JANEIRO DE 2023

Querido Diário,

Tenho andado ocupada estes dias, não ando a conseguir escrever-te muito. Já se passaram duas semanas desde que me separei dos meus pais e o vazio dentro de mim é cada vez maior. Fui acolhida por um jovem casal, o Rodrigo e a Mariana. Eles fazem de tudo para me sentir em casa, o único problema é que... por mais que tentem... não são os meus pais.

Ontem foi o meu primeiro dia de aulas e eu sei que um olhar vale mais do que mil palavras... mas com tantos postos em mim foi difícil entender algum, exceto um: o Ivan, um rapaz ucraniano que conheci nas aulas de português. Dei-me logo bem com ele, talvez porque ambos estamos a passar pela mesma coisa.

A minha turma aqui é muito maior do que a que eu tinha na Ucrânia. Seria uma turma muito sossegada se não fosse o Paulo, o snobe da escola, e o seu grupinho lá atrás na sala. Para piorar, fiquei ao lado de um desses, o Afonso. Até agora não falamos muito, mas ele é o melhor amigo do Paulo por isso não deve ser melhor do que ele.

Para o primeiro dia, as coisas não estão assim tão más...

6 DE JANEIRO DE 2023

Querido Diário,

*Nem sei o que escrever. Sabes aquele rapaz popular de que te falei? O Paulo? F*****, gosto cada vez menos dele! Já não bastava o troca-pés que ele me deu de manhã, ainda teve o descaramento de começar a gozar comigo, pelo menos pareceu-me pelos gestos insultuosos e humilhantes que fez em frente à turma toda (quem me dera poder entender o que ele estava a dizer). E mais!!!! Ainda se riram com ele, à exceção do melhor amigo dele. Afinal, acho que é a única pessoa minimamente decente nesta turma.*

É tudo por hoje, espero que amanhã seja melhor.

10 DE FEVEREIRO DE 2023

Querido Diário,

O meu português está cada vez melhor! Finalmente consegui ter uma conversa sem dizer uma única palavra em inglês! Além disso, a cada dia que passa, aumenta o meu carinho por Portugal, mas não é a mesma coisa sem os meus pais. Recentemente, aprendi uma palavra em português que caracteriza perfeitamente o que eu estou a sentir: “saudade” (acho que é assim que se escreve).

O Paulo continua a chatear-me, mas agora já não me afeta tanto porque o Afonso e o Ivan aparecem sempre para me dar algum conforto. Por acaso, hoje tive a falar com o Afonso sobre um grande ataque que se prevê que a Rússia faça numa região perto de Kiev e apercebi-me que, mesmo com tanto problema lá fora e mesmo que eu esteja a passar por muitas dificuldades, estar com o Afonso sossega-me a alma e traz-me esperança de que ainda há uma luz no fundo do túnel. A Mariana e o Rodrigo estão a chamar-me para jantar e o Bezpeky não para de ladrar. Por mais que não fale muito deles, fica sabendo que não imaginaria a minha vida cá sem eles, são mesmo muito importantes para mim.

14 DE FEVEREIRO DE 2023

Querido Diário,

*Hoje foi, sem dúvida, o melhor dia desde que aqui estou!! Acordei com um telefonema dos meus pais e nem acredito... se tudo correr bem, os meus pais vêm cá na Páscoa! E vou poder, finalmente, comer *Комлета по-київськи*² que é simplesmente a minha comida preferida! O Rodrigo bem tenta, mas não consegue chegar aos calcanhares do frango da minha mãe. Também tenho que começar a pensar no *Pysanka*³ que lhes vou dar de presente, bem sabes que nós temos essa tradição de trocar os ovos durante esta época festiva.*

Como se as saudades de casa já não fossem muitas, o Afonso deu-me um presente do dia de São Valentim que me deixou com uma lágrima no olho (mas isto fica entre nós!): um girassol.

Para teres noção, o dia foi tão bom que nem as picardias do Paulo me deixaram em baixo.

— Só um aparte, meninos, desculpa estar a interromper, Nadiya — diz o professor Joaquim —, para quem não sabe, os girassóis são um símbolo de paz, resiliência e esperança na Ucrânia, sobretudo neste tempo de guerra, porque, em 1996, foram plantadas algumas destas flores numa base de mísseis em Pervomaïsk para assinalar o fim do uso das armas nucleares. Podes continuar.

²*Комлета по-київськи* – Comida típica ucraniana: “Frango à Kiev”

³*Pysanka* – Ovo de Páscoa tradicional ucraniano pintado à mão

23 DE MARÇO DE 2023

Duas semanas! Duas” Só faltavam duas semanas para poder sentir o calor do corpo deles outra vez. Um abraço, só um, era tudo o que eu queria, mas nem isso vai acontecer... Os ataques de drones que aconteceram ontem atingiram um prédio no bairro da Бабуся⁴ e do Дідусь⁵ e, naturalmente, os meus pais não vão conseguir vir para Portugal. Eu compreendo o lado deles, e faria exatamente a mesma coisa, e claro que estou preocupada com os meus avós, mas... estava tão empolgada com a vinda deles. Será egoísmo da minha parte? Já cá estou há três meses e, desde então, não os vejo cara a cara. Há três meses que não sinto o abraço de urso que só eles sabem dar. Há três meses que não temos a nossa habitual noite de jogos à sexta que acabava sempre em discussão. Há três meses que... já nem sei... já não vale a pena.

Com a voz abafada e os olhos aguados, Nadiya levantou a cabeça soltando um riso nervoso. — Acho que já deu para entender como foi parte da minha integração aqui neste país, que, tal como a Maryam, já se tornou a minha segunda casa. Apesar de nem tudo ter sido um mar de rosas, eu não guardo rancor a ninguém pois tenho uma família, tanto de sangue como de acolhimento, que me trata com muito carinho; amigos, como o Ivan e a Maryam, que me conhecem e me entendem como ninguém e o Afonso, que está ao meu lado nos piores e nos melhores momentos. Todos eles me ensinaram como tratar o próximo e é por isso que tenho o sonho de vir a ser família de acolhimento para retribuir o carinho e o amor que recebi quando mais precisei e para fazer com que as crianças que estejam nestas situações possam ter o sentimento de pertença que eu vivenciei por vossa causa.

— Obrigado, Nadiya, foi uma partilha corajosa e estou certo de que todos vamos refletir nas tuas palavras. Disse o professor Joaquim.

— Agora vamos ouvir o testemunho de Zara.

Zara levantou-se, tímida, mas inspirou fundo e ganhou coragem para falar.

— A minha jornada não começou com a maravilha de quem escolhe viajar, mas com a gravidade de quem precisava de partir. A migração, motivada por uma economia que já não sustentava os sonhos da minha família, foi um rasgão entre o que eu era e o que teria de me tornar. Ao trocar o calor de Marraquexe pelo inverno húmido de Coimbra, senti o peso do silêncio. Na escola secundária, as palavras portuguesas soavam como pedras rugosas na minha boca e a distância entre a minha cultura e a dos novos colegas parecia um oceano. Sentia-me uma sombra estrangeira num cenário de granito e calçada.

⁴**Бабуся** – Apelido carinhoso para avó

⁵**Дідусь** – Apelido carinhoso para avô

A mudança de maré na minha vida deveu-se à persistência da Inês. A amizade entre nós não se baseou em grandes discursos, mas em pequenos atos de tradução da língua, dos costumes e dos afetos. Inês foi o porto de abrigo que me permitiu transcender a mera sobrevivência para começar, finalmente, a "viver". Com o apoio da minha amiga, percebi que a minha história não era uma página em branco. O momento da libertação aconteceu no auditório da escola. Perante uma plateia curiosa, decidi abrir as portas da minha memória. Com confiança, levei os colegas até ao coração de Marrocos. Falei da energia das praças, do som dos tambores e das calmas montanhas do Atlas, onde a neve toca o céu. Ali, o tempo passava com calma enquanto se bebia um chá de hortelã. Era a forma de darmos as boas-vindas. Com esta conversa, percebi que mudar de país, mesmo tendo sido por falta de dinheiro, acabou por ser uma sorte. Ao juntar Marraquexe e Coimbra, vi que não tinha de escolher um lado, podia perfeitamente fazer parte dos dois mundos.

A partir daquele momento, a minha história deixou de ser apenas a de uma rapariga que mudou de país por necessidade. Percebi que a minha identidade não era algo que tinha de estar parado num sítio só, mas que funcionava mais como uma ponte. As minhas raízes já não estavam presas apenas a um solo. Era como se eu conseguisse agora tirar o melhor de dois mundos: sentia-me em casa tanto a ouvir o fado nas ruas de Coimbra como a ouvir as músicas berberes, que representam a rica tradição musical dos habitantes do Norte da África, como Marrocos, que vinham do Sul. Transformei-me no ponto de encontro de dois destinos diferentes. Hoje, sou uma mulher que traz o deserto no olhar e o rio Mondego nas mãos. Com isto, provei que a verdadeira riqueza de uma pessoa não tem a ver com o dinheiro ou com o que deixamos para trás quando partimos. A verdadeira riqueza é mesmo esta nossa capacidade incrível de juntar mundos diferentes e de criar algo novo com isso.

O professor Joaquim agradeceu o seu testemunho e todos ficaram em silêncio, a pensar no que tinham ouvido.

Após a notícia do roubo da Mona Lisa ter vindo a público, instalou-se um burburinho inquietante. Os jornais multiplicavam teorias e, quase sem se perceber como, uma revolta difusa espalhou-se pelo mundo. Imigrantes passaram a ser alvo de suspeita, de comentários venenosos, de olhares acusadores. Maryam, Nadiya e Zara sentiram-no na pele. Circular pelos corredores da escola transformara-se numa prova de resistência e almoçar no refeitório era já um território a evitar.

Consumidas por uma tristeza silenciosa, decidiram procurar o professor de Português Língua Não Materna. Ele ouviu-as com atenção e, depois de um momento de reflexão, falou-lhes da lenda do açúcar no leite, um dos relatos mais emblemáticos da tradição indiana e da comunidade Parsi. Explicou-lhes como, nessa história, a diferença não destrói: integra-se, adoça, transforma. Propôs-lhes, então, que se inspirassem nessa mensagem para criar um conto mitológico capaz de abrir os olhos de quem as magoava e, quem sabe, mudar consciências. O objetivo seria apresentá-lo à escola e, se a receção fosse positiva, tentar a sua publicação.

Dias depois, diante de toda a escola reunida no auditório, Maryam segurava as folhas com mãos firmes, embora o coração lhe batesse acelerado. E começou: “Conta a lenda que há muitos, muitos anos, mesmo antes da existência daquilo que designamos universo se ter formado, existia um mundo paralelo. Um mundo diferente daquilo que se pudesse imaginar: em vez de floral, onde os seres coabitam em harmonia, rodeados de felicidade, e onde a luz nunca se ausentava, era negro, obscuro, medonho e um lugar onde nem a palavra alegria tinha significado.

Inicialmente, era tudo um conto de fadas, mas quando começaram a surgir seres provindos de outros lugares, seres com diferentes culturas, os locais revoltaram-se, rebaixaram e maltratavam os imigrantes. Mas Aqua não seguiu esse caminho. Enquanto as outras fadas lutavam para criar o seu mundo “ideal”, ela refugiou-se e criou uma pequena comunidade num recanto escondido desse mundo.

Nesse canto esquecido desse mundo paralelo, Aqua abriu o coração a todos os que eram rejeitados, usando a sua magia suave para criar um lugar calmo, onde a escuridão já não assustava tanto e a esperança começava a nascer devagar. Ali, pela primeira vez, muitos imigrantes sentiram-se aceites. No entanto, essa paz despertou o desagrado de Tempestira, a fada do caos, que não suportava ver bondade onde sempre existira medo.

Quando as tempestades de Tempestira rasgaram o céu escuro, Aqua permaneceu firme junto da sua comunidade. Com a sua magia, ergueu um escudo de água luminosa que protegia os mais frágeis. Os ventos do caos chocaram violentamente contra essa barreira, fazendo o mundo paralelo estremecer. Cada impacto libertava energia primordial, impossível de conter ou ignorar.

Quando a tempestade cessou, Aqua caiu de joelhos, a tremer. Não por medo, mas pelo peso de proteger tantos corações frágeis. As criaturas à sua volta aproximaram-se em silêncio, algumas choravam, outras apenas tocando-lhe as mãos para garantir que ela ainda estava ali. Tempestira recuou, não derrotada pela força, mas por não compreender o poder daquele laço.”

Quando Maryam terminou, instalou-se um silêncio denso. Não era um silêncio de indiferença, mas de reflexão. Depois, como uma onda que se levanta, surgiram os aplausos. Pela primeira vez em muito tempo, as três amigas sentiram um calor que não vinha do exterior, mas de dentro: o reconhecimento.

O conto revelou-se um sucesso inesperado. Editoras demonstraram interesse e, pouco tempo depois, a história foi publicada.

Entretanto, Amir, agora em liberdade e a tentar reconstruir a sua vida, soube da existência daquele livro. Movido pela curiosidade e por algo mais profundo, procurou-o. Ao terminar a leitura, as lágrimas correram-lhe pelo rosto. Recordou a lenda que a avó lhe contara em criança. Só então, já adulto, compreendeu plenamente o seu significado: tal como o açúcar no leite, também ele não precisava de desaparecer para ser aceite, bastava integrar-se, contribuir, adoçar o mundo à sua volta.

FICHA TÉCNICA

**ESCOLA SECUNDÁRIA FERNANDO
NAMORA , AE DE CONDEIXA**

Alunos

Afonso Fidalgo Soares Branco
Daniela Branco Santos
David Lucas Roque
Diana Lima Carvalho
Francisca Oliveira Ferreira
Francisca Sofia Mendes Marques
Francisco Rodrigues Pinto
Gabriela Ribeiro Moniz
Henrique Palos Mendes
Jaime Gouveia Caridade
João Miguel Pinheiro Antunes
Leonardo Izydorczyk Pires
Maria Cordeiro Costa Ferreira
Maria Inês Duarte Canelas
Maria João Simões Deus
Martim Palrilha Bastos Pimentel
Matilde Silva Pereira
Miguel Pires Leitão
Rafael Veloso Costa
Rodrigo Miguel Travasso Santos
Tomás Tarrafa Santos
Vitória Maria Rodrigues Dias

Ilustradores

Maria Inês Duarte Canelas
Vitória Maria Rodrigues Dias

Docente

Sandra Galante

Professora Bibliotecária

Ana Rita Amorim

Escritor

Nuno Camarneiro



OS NOMES QUE O VENTO APRENDEU

Olinda Beja

OLINDA BEJA

De seu nome completo Maria Olinda de Beja Martins Assunção, nasceu em Guadalupe (S. Tomé e Príncipe - 1946) e veio muito jovem para Portugal onde estudou e passou a residir.

Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade do Porto e em Literaturas Africanas pela UA fez ainda, na Suíça, Formação Superior em várias áreas de carácter cultural.

Professora do ensino secundário em Portugal e na Suíça, redescobriu aos tinta e sete anos a sua ilha natal. É a ela que dedica a maior parte das suas obras literárias. Por todo o seu trabalho literário desde 1992, o governo do seu país nomeou-a em abril de 2022 Embaixadora da Cultura de S. Tomé e Príncipe.

A escritora divide o seu tempo entre Portugal e São Tomé e Príncipe e corre o mundo a falar das Ilhas divulgando assim não só a sua cultura ancestral mas também a Língua Portuguesa que enfeita com a sua língua mátria onde, refere sempre, está inserida a língua lusa. Escreve livros, conta e canta histórias sempre que o seu coração lhe pede.

Com 27 obras publicadas tem recebido imensos prémios e reconhecimentos como a condecoração em 2005 pelo então Presidente do Brasil e na presença do ex-Presidente de Portugal Mário Soares, com a Ordem da Comenda dos Países Irmãos (S. Tomé e Príncipe/Brasil). Olinda conta no seu palmarés 2 Prémios “Bolsa de Criação Literária” 2002 e 2007, um Prémio Literário Francisco José Tenreiro a juntar a mais cinco Prémios do mesmo teor.

O seu livro infanto-juvenil “Um grão de café” integrou o Plano Nacional de Leitura Ler+ bem como “À Sombra do Oká” (poemas), ambos por um período de dez anos.

Durante o ano escolar, Olinda Beja desloca-se a estabelecimentos de ensino do universo lusófono onde faz conferências, entrevistas e outras atividades culturais.

É à boleia da viola do conterrâneo Filipe Santo ou Luís d’Almeida que Olinda Beja pisa diversos palcos do mundo para fazer recitais de poesia. Brasil, França, Austrália, Angola, Cabo Verde, Timor, Dubai, Espanha, Luxemburgo, Liechtenstein, Portugal, Suíça, Alemanha, Marrocos, são alguns dos países que compõem o seu roteiro. Tem algumas das suas obras traduzidas para espanhol, francês, inglês, árabe, hindu, russo, grego, italiano, húngaro, japonês, mandarim e esperanto.



Quando eu era criança vivia numa vila muito bonita onde todos se conheciam, se respeitavam, se ajudavam. Não fiquem admirados mas era mesmo assim. A vila chamava-se Pedra Clara, um nome estranho mas o meu avô José contou-me um dia que aquele nome era muito antigo e que o avô dele lhe disse que era por causa das pedras que havia no monte ao redor da vila e que eram muito brancas. Daí o nome de Pedra Clara.

Apesar de ser uma vila muito bonita para mim tinha um pequeno defeito, era muito ventosa. E então no inverno, em noites de vento suão, era horrível aos meus ouvidos o ranger das portas velhas e lá fora o bater dos ramos das árvores nas paredes das casas. Eu nunca gostei muito do vento mas há quem diga que ele é útil. Talvez seja, quem sabe?!

O meu avô que se chamava José tinha nascido em julho de 1932 numa aldeia do

norte chamada Envendos e trabalhou sempre na CP, isto é nos Comboios de Portugal. Numa dessas viagens conheceu a minha avó Maria dos Prazeres que, dizem, era muito bonita e ficaram logo apaixonados. Foi amor à primeira vista como agora se diz por aí. E como ela vivia em Pedra Clara foi para lá que resolveram ir viver quando se casaram. A minha mãe que se chama Maria Estrela, contou-me que a avó fez ela mesma o seu vestido de noiva que foi admirado por toda a gente. Um conjunto simples de saia e casaco mas que fez dela uma noiva bonita e elegante.

Com muito trabalho e muito sacrifício fizeram a sua casinha num sítio muito bonito quase à beira do rio onde tinham por vizinhos a família Moreira mais conhecida por “os Moreiras do rio”. Era assim naquele tempo que todos se conheciam. Não era pelos seus nomes verdadeiros – era pelos apelidos ou por alcunhas que o povo lhe pusesse. Na Pedra Clara havia além dos meus avós conhecidos mais pelo nome do meu avô - O Zé Comboio – por trabalhar na CP, os Silvas da Padaria que eram muito ricos pois além de serem os donos da única padaria da vila tinham sido emigrantes na Venezuela e depois nos Estados Unidos e por lá se encheram de dinheiro.

Havia também a Maria d’Anadia, uma senhora velhota que me fazia sempre uns biscoitos muito bons para eu levar para a escola. Tinha fama de boa cozinheira e muito amiga das crianças. Ainda

hoje me lembro da história que ela me contava. Uma história triste mas que eu gostava de ouvir. No regresso da escola eu sentava-me na soleira da porta e ela falava do seu passado em Douro Calvo, uma aldeia muito pequenina para os lados de Viseu. Mas como a família era muito pobre ainda ela não tinha sete anos quando os pais a deixaram ir com um senhor de Anadia para lhe tomar conta de dois filhos que andavam na escola. Imaginem só a dor daquela criança que deixava para trás os pais, os irmãos e o avô de quem ela gostava muito. Maria, a pequenita Maria chorou muito todo o caminho e quando lá chegou viu que os meninos eram mais velhos que ela. O menino tinha nove anos e a menina oito. E para tomar conta das crianças não pode ir à escola. Um desgosto que ela nunca esqueceu pois não saber ler nem escrever por causa de ter de trabalhar para ajudar os pais e os irmãos doeu-lhe sempre. Foi uma ferida aberta que penso que ela nunca a fechou. Depois com os olhos marejados de lágrimas Maria Anadia pedia-me para cantar com ela. E começava a cantar:

“Indo eu, indo eu, a caminho de Viseu
Indo eu, indo eu, a caminho de Viseu
Encontrei o meu amor! Ai Jesus que lá vou eu
Encontrei o meu amor! Ai Jesus que lá vou eu”

Pois foi o que lhe aconteceu. Em Anadia, na casa do Presidente da Câmara onde trabalhava conheceu o “Manel Caiador” com quem casou e veio viver para aqui que era a terra dele. Hoje, já com noventa e tantos anos, tem Alzheimer mas ainda me conhece bem quando cá venho passar as férias do Natal e do verão. É a pessoa com o coração mais puro que eu conheço nesta terra de Deus. Lembro-me perfeitamente quando o meu avô morreu que foi ela a primeira pessoa a chegar a casa dos meus pais e oferecer os seus trabalhos para tudo o que fosse preciso. Um coração cheio de caridade. Meu avô teve um fim triste. Caiu de uma ponte no trabalho da CP e minha avó ia enlouquecendo. Sempre apaixonada por ele gritou dia e noite “Deus levou-me o amor da minha vida! Deus levou-me o amor da minha vida!” Mas apesar disso continuou sempre a ir à missa ao domingo e não perdeu a fé.

Na Rua da Igreja morava a Dona Lurdes que o povo chamava Dona Lurdes Gaiteira e sabem porquê? Ela estava em Angola casada com um mestre de obras natural da Pedra Clara e quando ele morreu ela voltou para a terra pois ele já cá tinha feito uma grande casa. Mas, apesar de viúva, vinha com vestidos todos floridos, lembro-me de um vermelho às pintinhas brancas, as saias pelo joelho e dizem que até ainda se ria tanto para os homens que eles ficavam deslumbrados... imaginem só naquele tempo em que as mulheres andavam com as saias bem compridas e a Dona Lurdes já com elas pelo joelho! Havia quem a chamasse também de “viúva alegre” mas era amiga de ajudar toda a gente. E à noite ia para a fonte, sentava-se lá e falava só de Angola. Infelizmente ela já está na terra da verdade mas eu vejo-a ainda de cabelos pretos cor da noite tal como os seus olhos. Tinha até cara de índia, sotaque de angolana e mãos de costureira. Bordava toalhas que depois eram o presente que

ela dava pela Páscoa a toda a gente da vila. Ainda agora quando chega essa festa eu digo sempre à minha mulher “Não te esqueças de por na mesa a toalha que nos deu a Dona Lurdes Gaiteira”. E a mesa onde o “tio” Adelino pousa a cruz de Cristo ao fim de todos a beijarmos tem a beleza e a alegria de quem a ofereceu.

Dona Lurdes nunca disse de onde era natural. Apenas falava muito de Angola dizendo sempre que era uma terra onde dava gosto viver e que lá tudo era mais livre. Teve uma grande alegria quando vieram os filhos e os netos do Zé Fortuna, um homem que, na vila, negociava em gado. Comprava, vendia mas um dia um tio chamou-o para ir até África. Ainda hesitou pois já era casado e pai de uma menina chamada Ana que tinha apenas um ano de idade mas lá embarcaram todos rumo a terras de Angola. Parece que lá a sorte continuou a bafejá-lo. Quando Ana fez sete anos o pai mandou-a estudar em Portugal e cá fez em Pedra Clara a instrução primária.

Ao regressar a Angola os pais meteram-na num colégio, longe das fazendas de tabaco e algodão que o Zé Fortuna já tinha adquirido e onde fazia grandes negócios de venda para a África do Sul e para a Rodésia. Ajudado por três empregados portugueses e cerca de quatrocentos africanos a sua vida era faustosa e Ana vivia feliz entre as crianças da fazenda e as flores do algodão.

Casou aos vinte anos e deu uma netinha aos seus pais. Mas em setenta e quatro, com a independência de Angola vieram até Pedra Clara onde seus pais já se encontravam desde setenta e um. Chamavam a essas pessoas os “retornados” e Ana e a família sofreram muito com isso.

Só Dona Lurdes Gaiteira ficou extremamente feliz. Agora tinha alguém com quem partilhar as belezas da terra que ambas amavam. Uma sempre a falar de Nova Lisboa e Ana sempre a falar de Benguela onde viveu e como ela dizia “a cidade das acácias rubras é a mais bela do mundo!” enquanto Dona Lurdes ria muito e afirmava que a mais linda do mundo era Nova Lisboa onde o vento era quente de noite e de dia. E eu que não conhecia sequer a Lisboa de Portugal ficava a sonhar como seria aquela Nova Lisboa. E confesso que apesar de ser muito jovem naquela altura gostava de ter sido o caçador brasileiro por quem Dona Lurdes Gaiteira teve o coração partido.

No Largo da vila, o lugar mais típico de Pedra Clara é que se reuniam à noite, todas as famílias e a essas horas passadas a falarem das suas vidas chamava-se serão. O serão era para mim um momento mágico. Hoje penso que os mais jovens já nem sabem que tal palavra existe. Ao serão faziam-se trabalhos simples como descascar o feijão, as avelãs, dobar a lã mas sobretudo contavam-se histórias, mágoas, liam-se cartas à luz da vela ou do candeeiro de petróleo, cartas de quem estava noutras terras, no Brasil, na América, em Moçambique...

Moçambique, outra palavra mágica pois havia o casal Antunes que estava em Moçambique numa cidade com nome bem português – Beira – onde tinham um restaurante famoso – dizia-se. E vinham à terra de dois em dois anos carregados de ananases e fardos de roupas lindas, vistosas, que os filhos e as filhas já não queriam mas que para nós ainda brilhavam e cheiravam tão bem... que perfumes seriam aqueles? Então minha mãe, Maria Estrela, dizia “São perfumes de África! São perfumes de

ananás”. E eu ia para o colégio da vila e dizia às colegas que o meu perfume preferido era o perfume de ananás. E, sem saber, servia de risada e de chacota das mais velhas. Mal elas sonhavam que um dia, as filhas delas haviam de ir a Moçambique, não para encontrar o tal perfume de ananás mas para ajudarem os que lá viviam e precisavam de ajuda. Foram como voluntárias e levaram um mundo de solidariedade. Levaram brinquedos, roupas, materiais escolares e voltaram felizes pois aprenderam também uma cultura diferente, hábitos, gastronomia, línguas nativas, tudo o que Moçambique lhes ofereceu. Só que não encontraram o tal perfume com que as mães me tinham feito sofrer!!!

E assim a vida em Pedra Clara corria ao sabor do vento como em quase todo o país. Até ao dia em que... José, o filho mais velho do “tio” Domingos, apareceu, ao fim de um estágio num país de Leste, com uma moça que ninguém conhecia. Tinha cabelos castanhos, presos numa trança simples, olhos profundos de cor clara e um rosto marcado pelo sol do campo. As pessoas da vila olhavam-na como se ela fosse um bicho raro.

–Chama-se Navenka! – disse bem alto José perante os que a olhavam – e é minha esposa.

Mas nem esta informação fez com que as mais velhas deixassem de olhar para aquela jovem. Então José acrescentou:

–Ela não fala português, é natural da Hungria mas faz tapetes e bordados muito bonitos! Se alguém precisar...

Os pais receberam o filho e a esposa numa grande alegria e com o tempo Navenka começou a absorver cada palavra em português enquanto o vento agitava os tapetes que bordava para quem lhe pedia. Algum tempo depois já era Navenka que contava como tinha conhecido José, o quanto gostava dele e a diferença quando chegou a Portugal. Achava o ar diferente, o ritmo mais rápido nas ruas, o burburinho das pessoas que aos poucos se foram chegando a ela. Mas lamentava também as saudades dos pais que tinham ficado tão longe, em Ballatonlelle, uma pequena cidade na Hungria, e as dificuldades que ainda sentia na Língua Portuguesa. Foi então que Lia que vivia na cidade mais próxima e trabalhava na Biblioteca que ao saber de que havia uma rapariga de Leste que tinha dificuldade na língua portuguesa resolveu começar a trazer livros e a ler uma vez por semana uma história não só para Navenka mas também para as outras pessoas de Pedra Clara que se comprometeram a contar uma história no Largo da vila.

Mas o vento continuou a trazer novos nomes. Depois de Navenka chegou Amina, com um lenço colorido a cobrir-lhe o cabelo e uma língua cheia de sons desconhecidos. Meses mais tarde veio Diego, trazendo de um país distante músicas antigas guardadas na memória. Vieram também Mei, Yara e Hassan. Cada um trazia uma história interrompida, como livros deixados a meio.

No início, houve hesitações. Alguns tinham medo de não serem compreendidos, outros achavam que as suas histórias não interessavam a ninguém. Mas, aos poucos, tudo foi mudando e as histórias abraçavam os rostos dos que afinal estavam ali a iniciar uma vida nova. Um pescador contou como o mar lhe ensinara a ter paciência, uma mulher recém-chegada falou da dor de deixar a sua terra natal.

Uma criança leu um texto simples sobre o desejo de fazer amigos. No entanto nem todos se sentiam ainda bem vindos.

Eu sei que nem sempre é fácil aceitar-se o outro. Seja pela cor da pele, pela classe social, seja até por algum defeito físico. E eu sei do que falo. Quando era jovem, com 15 anos, gostava de correr e sonhava até ser um grande corredor. Então passava as tardes a fazer corridas. Saía do Largo, descia pelas ruas mais íngremes da vila e chegava ofegante às margens do rio. Ganhei até uma medalha numa corrida na altura do Natal. Mas uma tarde a sorte não me protegeu. Foi, no inverno, tinha caído muita geadada durante a noite, o piso estava escorregadio mas quando se é jovem esquece-se todo e qualquer obstáculo. Minha mãe, Maria Estrela, bem me avisou: “Cuidado meu filho, esta noite a geadada cobriu tudo.” Indiferente ao seu conselho na descida para o rio escorreguei e a queda foi tão desastrosa que fui levado para o hospital de Coimbra. Apesar de ter estado internado dois meses, a perna direita nunca mais cicatrizou como devia e fiquei a coxear até hoje. Daí, logo, me começaram a chamar “o coxo” e assim fiquei sempre conhecido. E que eu saiba o meu nome é bem bonito, Gabriel, um nome bíblico cheio de história. Mas é assim a sociedade que continua a não respeitar o outro, o que é diferente por qualquer motivo. Pode ser que os jovens que vão ler este texto tirem o proveito dos meus conselhos.

Ravi, um dos últimos a chegar de outro país, sentava-se sempre sozinho. Algumas pessoas olhavam para ele com desconfiança, apenas por ser uma pessoa mais reservada. Ravi, com sua pele acastanhada sentia-se invisível, como se não tivesse lugar naquela vila.

Apesar disso, Ravi observava tudo com atenção. Gostava de passar tempo no Largo, ouvir as conversas e perceber como as pessoas viviam. No fundo, acreditava que, com o tempo, conseguiria integrar-se.

Certo dia, no mês de maio, uma forte tempestade de chuva intensa, trovoadas medonhas e vento com rajadas de por medo, atingiu a vila e as aldeias em redor, deixando várias famílias desalojadas. Sem pensar duas vezes, as pessoas começaram a ajudar-se umas às outras, sendo Ravi um dos primeiros a oferecer ajuda, demonstrando-se uma pessoa muito simpática e com um grande coração. Começou então por recolher alimentos e limpar as ruas da vila, voluntariou-se também para realojar as famílias que mais precisavam e a pouco e pouco os olhares foram mudando.

As pessoas começaram a conversar com ele, a ouvir histórias sobre o seu país de origem e a perceber que apesar das diferenças tanto culturais como as de personalidade, todos partilhavam os mesmos medos, sonhos e esperanças.

Assim, Ravi demonstrou uma grande bondade e espírito de ajuda, e ensinou que se fizermos o bem para com o próximo esse bem vai nos ser retribuído.

Uma noite houve festa grande na vila. E sabem quem foi o músico que tocou e cantou toda a noite? Foi Diego, o chileno que cantava canções que falavam do mar, da pesca e das belas mulheres do seu país. E mesmo com ritmos diferentes os pares rodopiaram felizes na noite quente de Pedra Clara.

À medida que as palavras ecoavam pela vila, algo ia mudando em todos os corações. As pessoas começaram a reconhecer-se umas às outras. Perceberam que, apesar das diferenças culturais, partilhavam sentimentos comuns como o medo, o amor, a alegria e a esperança. A multiculturalidade deixou de ser apenas a coexistência de culturas diferentes e passou a ser a troca de respeito e aprendizagem mútua onde afinal a diversidade não separava, mas unia. E assim, guiados pelo humanismo, os habitantes aprenderam que compreender os outros é uma das formas mais profundas do ser humano.

E Pedra Clara revestiu-se de muitos mundos. Com o passar do tempo, Amina abriu uma pequena oficina de costura. As suas mãos transformavam tecidos simples em roupas que pareciam conter histórias. Certa tarde, Dona Antónia, a senhora que tinha a varanda mais linda de Pedra Clara pois que

a enchia de flores, ela que nunca tinha saído da vila entrou na loja por curiosidade.

Amina não falava bem a língua local, e Dona Antónia não falava nenhuma outra, mas sorriram. Entre gestos, linhas e agulhas, descobriram algo em comum: ambas costuravam para não esquecer quem eram.

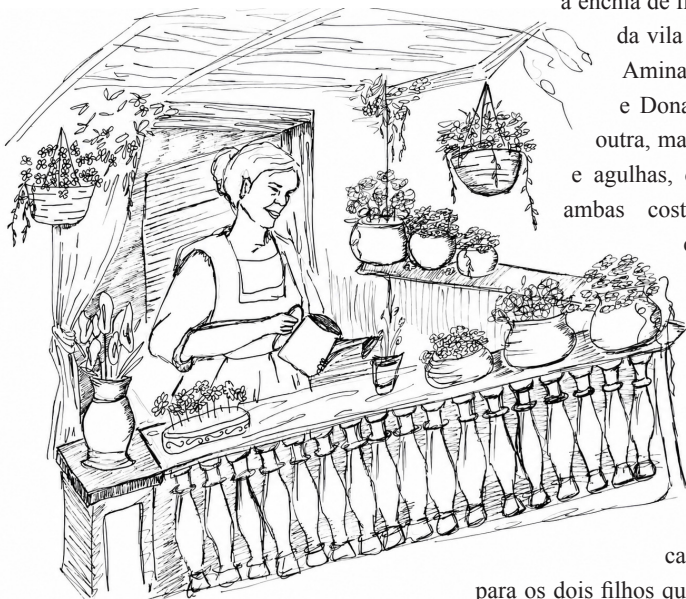
E Navenka? Ela, que foi a primeira a chegar a Pedra Clara, continuava a fazer tapetes que enfeitavam salas e quartos com desenhos e cores que faziam lembrar outros países... Nas horas livres ajudava José nos trabalhos do campo além de fazer as roupas

para os dois filhos que entretanto nasceram em terra

lusa. Com as economias que ambos fizeram, mandaram vir os pais que de boa vontade deixaram a Hungria para passarem uns tempos junto da sua única filha.

Aos poucos, os nomes novos deixaram de soar estranhos. Misturaram-se com os antigos. E o vento, suave e dócil aprendeu-os.

Nas maiores festas da vila, que são sempre em junho em honra de São João, houve um arraial de arromba. Alguns jovens mais ousados quiseram reavivar todas as tradições para mostrarem a quem tinha vindo de longe como outrora se vivia aqui nos castelos. Fizeram grande surpresa, uma viagem no tempo quando entraram na vila vestidos a rigor, túnicas e capas largas de linho e seda de



cores entre o verde e o azul, tocando cítaras, charamelas, flautas e tambores, fazendo cambalhotas, dançando como outrora nos salões dos castelos na Idade Média. Os jovens quiseram reavivar bem as tradições e o espetáculo foi tal que veio gente de aldeias vizinhas e eles tiveram que repetir as suas habilidades.

Com essa festa a mesa ficou muito maior: havia pão de milho, de trigo, de centeio, pão tradicionalmente português ao lado de pratos desconhecidos, nunca antes provados. Os pais de Navenka fizeram gulash, Diego fez cazuela, Ana e a família trouxeram uma panela de moamba, Ravi ofereceu pastéis fritos de nome samossas fartos de corcuma, piri-piri e cominhos, Mei e Yara puseram em cima da mesa uma travessa de xauming, Hassan trouxe kebab que sua mãe cozinhou, sabores e paladares exóticos mas que todos degustaram, músicas diferentes a partilhar o mesmo silêncio atento. Mas nós todos, os que sempre aqui vivemos em Pedra Clara, quisemos que Portugal estivesse bem misturado nesta festa multicultural: sardinhas assadas, frango de churrasco, cabrito e leitão assados no forno e arroz de feijão foram devorados e saboreados por todos. Aquela noite de São João ficou como um estandarte onde se recolheram e se abraçaram todas as diferenças num hino de amor e de esperança.

Pedra Clara não perdeu o que era. Pelo contrário, aprendeu que a identidade não se desfaz quando se partilha, amplia-se.

E assim, com o tempo, o vento deixou de trazer apenas nomes. Passou a levar histórias. E todas tinham espaço para ficar.

E se eu, o velho Gabriel, mais conhecido em Pedra Clara por “o coxo” não tivesse contado todas estas histórias que ouvi em Anadia, em Portalegre, em Marvão, em terras de África onde vivi e convivi, nunca elas teriam sido escritas por jovens que um dia as contarão aos seus filhos e aos seus netos.

E, dizem os mais velhos, os que ainda vivem em Pedra Clara que nas noites de muito vento, ouvem uma voz doce que canta sempre a mesma canção:

“Indo eu, indo eu, a caminho de Viseu
Indo eu, indo eu, a caminho de Viseu
Encontrei o meu amor! Ai Jesus que lá vou eu
Encontrei o meu amor! Ai Jesus que lá vou eu”

FICHA TÉCNICA

ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA DE ANADIA

Alunos

Maria Luís Almeida
Maria Estrela Pereira
Abigail Cardoso
Francisca Lopes
Mélanie Neves
Constança Cunha

ES MOUZINHO DA SILVEIRA, AE DO BONFIM

Alunos

Bruna Wang
Joana Damasceno
Maria Henriques
Mariana Morais
Teresa Guiomar
Leonor Reia
Viviana Cornieles
Ana Ferreira
Constança Salabert
Eduarda Póvoas
José Pinto
Lúcia Paixão
Maria Caseiro
Santiago Maia
Leonor Jesus
Matilde Sérvo
Maria Augusto
Mariana Alves

Francisca Luz
João Ricardo
Leonor Silva
Miguel Crespo

Ilustradores

Constança Cunha
Viviana Cornieles

Docentes

Isabel Santos
Marcolina Guerra

Professoras Bibliotecárias

Fernanda Maria M. Alves Pereira
Marcolina Guerra

Escritora

Olinda Beja



LANÇA-CHAMAS

Ricardo Fonseca Mota

RICARDO FONSECA MOTA

Nasceu em Sintra em 1987, cresceu em Tábua e acabou de crescer em Coimbra.

O seu primeiro romance “*Fredo*” venceu o Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís em 2015, foi semifinalista do Oceanos - Prémio de Literatura em Língua Portuguesa em 2017.

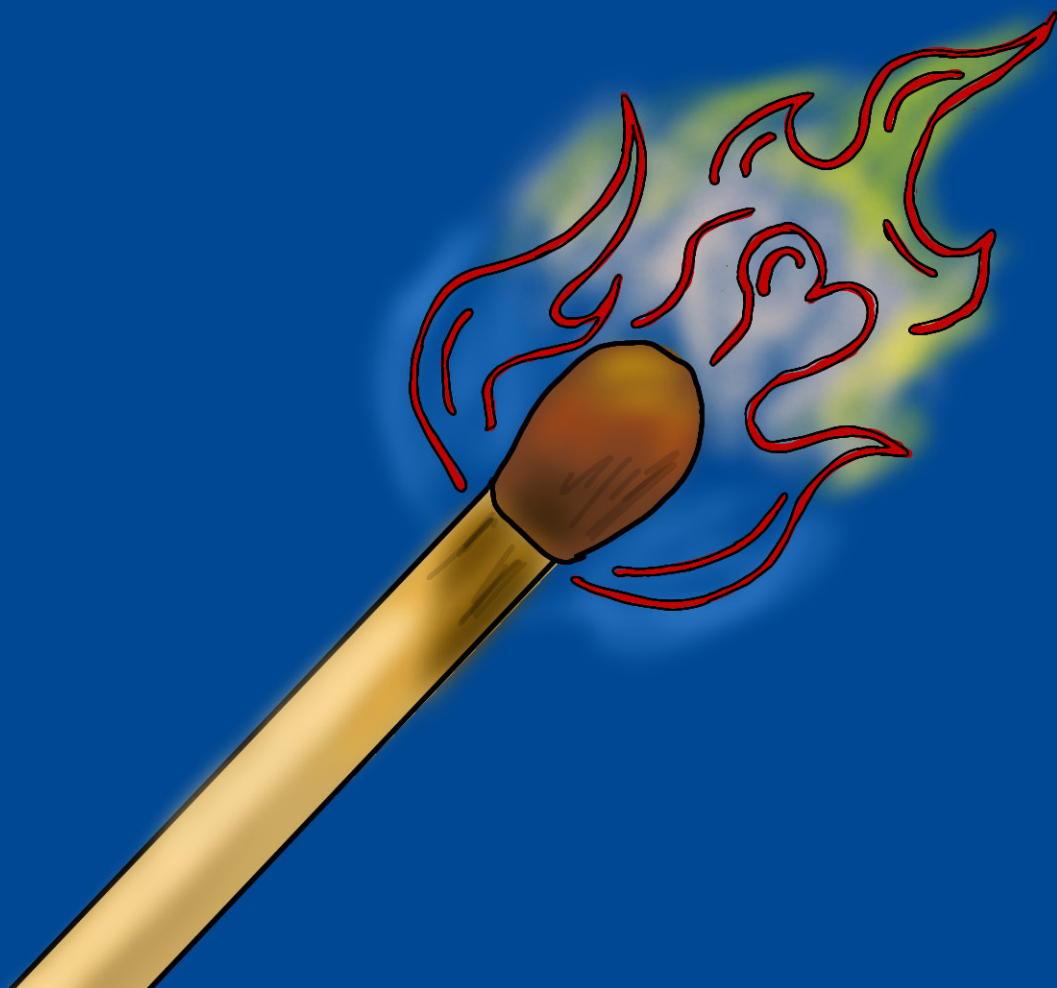
“*As aves não têm céu*” é o seu segundo romance, vencedor do Prémio Círculo 2021 e semifinalista do Prémio Oceanos 2021.

Publicou também “*Germana, a begónia*” (2019), “*A mão e a grandeza*” (2023), “*Almagre*” (2024), “*Salvar o tempo*” (2024) e “*Canção para enganar a morte*” (2025).

Formado em Psicologia pela Universidade de Coimbra, é autor, psicólogo clínico e promotor cultural.

“Para que queremos lança-chamas se não temos fósforos?”

Karl Kraus



O sótão sempre teve o cheiro de um tempo sem pressa. Pó, madeira antiga humedecida e a fragrância leve que os livros ganham quando passam tempo suficiente à espera de alguém. Um odor de tempo guardado, como se o passado tivesse escolhido aquele lugar para descansar.

Miguel subiu as escadas numa tarde de chuva sem grande intenção. O sinal de internet falhara novamente e a casa parecia maior com os ecrãs desligados.

Aos vinte e dois anos, estudava literatura num mundo onde quase ninguém escrevia frases inteiramente suas. Novos e potentes programas sugeriam metáforas, sistemas calibravam emoções, plataformas sabiam exatamente onde colocar uma reviravolta narrativa. Chamavam-lhe progresso. Miguel não tinha a certeza. Talvez fosse culpa da avó Helena.

Ela dizia que as histórias são como pão.

— Se não se amassam com as mãos, não sabem a nada.

Miguel caminhou pelo sótão entre caixas e móveis antigos. Num canto, meio escondido por uma mala de viagem, encontrou um baú que não se lembrava de ter visto antes. Era pesado, de madeira escura, com ferragens gastas. Levantou o tampo com algum esforço. Encontrou roupas antigas, um relógio parado e uma caixa de cartão. Miguel sentou-se no chão e abriu-a.

Um álbum de fotografias.

Uma cassette com uma etiqueta desbotada.

Um caderno de capa negra.

O diário.

Na primeira página, com uma caligrafia inclinada e paciente, estava escrito “Helena – 1972”.

Miguel sorriu, triunfante, com a descoberta. Folheou algumas páginas. Pequenas descrições do quotidiano, a mercearia da aldeia, tardes junto ao rio, um rapaz chamado António.

Encostou-se à parede inclinada do sótão e começou a ler com maior atenção.

A atmosfera transformou-se. A poeira foi substituída pelo cheiro a terra molhada.

Miguel levantou os olhos, confuso, visto que já não estava na casa da cidade. Estava agora num caminho de terra batida, entre campos e árvores dispersas que o vento agitava devagar. Ao longe, ouviu um riso familiar.





A avó Helena tinha dezoito anos e estava sentada num muro baixo com uma cesta de pão no colo. Ao seu lado, um rapaz falava depressa, gesticulando como se cada frase fosse importante.

Era estranho ver duas pessoas que sempre conhecera velhas existirem ali com a leveza de quem não sabe o que vai perder.

Miguel aproximou-se com a cautela absurda de quem entra num sonho e teme acordar.

— Avó?

A palavra saiu sem peso. Nenhum deles reagiu.

Miguel compreendeu, então, que era apenas um observador.

Uma sombra dentro do passado. Uma espécie de leitor dentro da própria história.

Helena partiu um pedaço de pão e ofereceu-o a António.

— Um dia vamos sair daqui — disse ela. — Quero

ver o mundo.

António encolheu os ombros.

— O mundo é grande demais. Aqui, pelo menos sabemos quem somos.

Miguel pensou na livraria que eles abririam anos depois numa rua estreita da cidade. Pensou nas tardes da sua infância entre estantes altas e no cheiro a papel que lhe parecia, naquela altura, tão natural como o ar.

No diário havia uma frase sublinhada:

Às vezes pergunto-me como seria a vida se tivéssemos ficado.

O vento soprou com mais força. O cenário tremeluziu. Miguel percebeu algo que não tinha considerado. Aquilo não era apenas memória. Era território.

Na noite seguinte, Miguel voltou ao sótão. Desta vez, levou o portátil.

O assistente narrativo instalado no computador chamava-se Orfeu. Quase todos os estudantes o usavam.

— Estás a trabalhar numa história? — perguntou a voz suave e obediente do sistema.

— Talvez.

— Posso sugerir estruturas dramáticas.

Miguel pousou a mão sobre o diário.

— Prefiro descobrir sozinho.

— As histórias humanas contêm inconsistências.

— Eu sei.

— Posso corrigi-las.

Miguel sorriu.

— Talvez seja isso que as torna verdadeiras.

Abriu novamente o diário, transportado para a cozinha da avó onde um cheiro a caldo de peixe se insinuava no ar, irresistível.

Helena mexia uma panela com uma colher de pau enquanto provava o tempero com a concentração serena dos gestos repetidos.

Na mesa, um menino empilhava bolachas com ambição, mas pouca estabilidade.

— Avó! Avó! Consegui!

A torre caiu.

— Não faz mal, meu filho — disse Helena. — Fazemos outra.

Enquanto apanhava bolachas do chão, os olhos do menino, nivelados com a cómoda, poisaram no caderno preto que repetidas vezes vira em cima do álbum de fotografias.

— Avó, por que tens tantas fotos com o avô e um diário?

Helena sentou-se.

— Ah... esse diário.

Sorriu.

— Eu e o teu avô escrevíamos lá as nossas aventuras.

— Aventuras?

— Uma vez, perdemos o último comboio e tivemos de dormir na estação.

— Que nojo!

— Concordo.

Helena piscou o olho.

— Mas foi divertido.

Nesse momento, ouviu-se a porta de entrada, cujas dobradiças miavam levemente. Entrou um homem com uma boina torta e um casaco demasiado pesado para a estação.

— Cheguei.

— Trouxeste metade do inverno contigo — comentou Helena.

— O inverno é que se agarrou a mim.

O menino correu.

— Avô!

Miguel observava tudo com uma sensação difícil de nomear. Era como assistir à origem de algo que sempre existira na sua vida. Um aperto no peito. Uma estranha sensação de saudade antecipada.

Algumas páginas depois, o diário levou-o a uma noite diferente.

Um quarto pequeno. Um menino deitado na cama.

— Avó, avó... podem contar outra vez como se conheceram?

Os avós trocaram um olhar cúmplice. António pigarreou com a solenidade própria de quem se pronuncia sobre algo importante.

— Já lá vai muito tempo, mas lembro-me perfeitamente.

— A primeira vez que me viste — interrompeu Helena — ficaste com um sorriso pateta.

— Foi amor à primeira vista — disse ele.

— Não foi nada.

O menino sorriu.

— Para mim foi — explicou António. — A tua avó demorou mais a perceber que estava perdidamente apaixonada por mim.

— Não diria perdidamente...

— Não enganas ninguém!

Helena sorriu.

— Talvez estivesse bastante apaixonada.

— Claro que estavas.

O menino bateu palmas.

— E o primeiro encontro?

— Foi... inevitável.

Miguel fechou o caderno.

Na caixa encontrara também uma cassette. Depois de alguma luta com cabos antigos, conseguiu fazê-la funcionar.

No ecrã apareceu um título:

“Projeto Memória Viva: Entre Ontem e Amanhã.”

Uma voz explicou:

— Entrevistámos cinquenta crianças portuguesas.

Trinta e cinco anos depois, voltámos a fazer as mesmas perguntas.

A primeira imagem mostrou uma menina sentada numa cadeira. Miguel reconheceu, imediatamente, a avó.

— Como te chamas?

— Maria Helena!

— O que te faz feliz?



— Leite com chocolate — disse a criança.

Corte.

— A minha família — disse a adulta.

Corte.

— Tens medo de alguma coisa?

— Do escuro.

Corte.

— Sempre tive medo de perder quem amo.

No final, a entrevistadora perguntou:

— Se pudesses dizer alguma coisa à Maria Helena do passado, o que dirias?

Helena adulta olhou para a câmara com os olhos humedecidos.

— Não me esqueci de ti.

O ecrã escureceu.

Miguel ficou imóvel.

Era estranho perceber que a avó tinha sido uma menina com medo do escuro e sonhos maiores do que o mundo.

As visitas ao diário tornaram-se mais frequentes. E mais perigosas. Miguel começou a interferir. Pequenas frases, pequenos gestos.

Um dia, Miguel sussurrou uma frase perto do avô jovem. António ouviu e alterou a sua decisão. Quando Miguel regressou ao presente, a fotografia da família tinha mudado. A livraria tinha desaparecido. Agora havia uma oficina.

— Mãe — disse Miguel na cozinha — a livraria dos avós!...

— Qual livraria? — respondeu, com o sobrolho intrigado.

Miguel compreendeu, desta forma, que cada interferência alterava a realidade.

Numa noite particularmente estranha, António apareceu no quarto, encostado à parede. Não o avô do passado, mas o avô que já tinha morrido.

— Sempre foste péssimo com despedidas — disse.

Miguel suspirou, evitando encará-lo.

— Se eu voltar atrás outra vez, talvez consiga evitar tudo isto — atirou, com a mão sobre o diário.

— Se voltares atrás outra vez — disse António — talvez consigas estragar tudo de uma forma nova.

— Não suporto saber que algo correu mal e não fazer nada.

— Chama-se a isso, envelhecer.

Silêncio.

— Eu só queria que vocês tivessem mais escolhas.

O avô sorriu.

— Tivemos.

Fez uma pausa.

— Só não sabíamos.

— Se pudesses voltar atrás, alteravas alguma coisa?

António pensou.

— Talvez.

Fez uma pausa.

— Ou talvez não.

— Porquê?

— Porque às vezes o erro é o que nos trouxe até aqui.

Miguel compreendeu. Era essa a resposta.

Nessa noite, Miguel falou com Orfeu.

— Sabes quando os humanos descobriram o fogo?

— Aproximadamente há um milhão de anos.

— Imagina o primeiro homem que o controlou.

— Uma revolução tecnológica.

— Exacto.

Miguel abriu o diário.

— Mas também podia incendiar florestas.

— Sim.

— A inteligência artificial é o nosso fogo.

Silêncio.

— Então devemos usá-la com eficiência — respondeu Orfeu.

Miguel abanou a cabeça.

— Não.

Fechou o diário.

— Primeiro precisamos de aprender a acender fósforos.



Miguel regressou ao diário. Agora, sem interferir. Apenas observou. Viu Helena escrever. Viu António ler na pequena livraria. Assistiu a erros, discussões, reconciliações.

E compreendeu, finalmente, algo simples. As histórias não existem para corrigir o passado. E, se todas as narrativas fossem perfeitas, limpas, optimizadas, perderíamos a imperfeição. Quem sabe, o único ângulo possível para a compreensão dos outros.

Sem fósforos, o fogo não aquece, apenas destrói.



FICHA TÉCNICA

ESCOLA SECUNDÁRIA JOSÉ FALCÃO DE COIMBRA

Alunos

Alexandra Januário Santos
Ana Leonor Rodrigues
Ariana Pascoal Tejo
Beatriz Mendes Gonçalves
Francisco João Pimentel Fernando
Gonçalo Maria Melo Horta M. Franca
João Miguel Matos Moreira
João Pedro Campelo Brito
José Baldeiras Vicente Cunha
Lara Ventura Rodrigues
Laura Sofia Moreira Pascoal
Leonor Melo Borges Pedras Branco
Mafalda Andrade Matos
Maria Madalena Pires B. Resendes
Matilde Silva Van Velze
Rodrigo Sanches Amaral
Rui Daniel Campos Garrote
Sofia Cadete Almeida Batalha Cascão
Sofia Ferreira Freitas
Sofia Paciência Matos

Ilustradora

Alexandra Januário dos Santos

Docente

Manuela Pirré

Professora Bibliotecária

Maria Lucinda Lavouras Polícia



UM OUTRO QUE SOU EU

RITA TABORDA DUARTE

RITA TABORDA DUARTE

Nasceu em Lisboa, em 1973. É poeta, professora do ensino superior (Escola Superior de Comunicação Social) e escritora de livros para a infância. Em 1998, publica o seu primeiro livro de poesia (*Poética Breve*, Black Sun Editores). Em 2003, vence o prémio Branquinho da Fonseca *Expresso-Gulbenkian*, com o livro *A Verdadeira História da Alice*. A partir daí, tem escrito com regularidade para crianças e jovens, contando com mais de uma dezena de obras publicadas. O seu último livro para crianças, *Gaspar com os pés bem assentes na lua* (Caminho, 2024) obteve a menção especial do Prémio Ibérico Álvaro Magalhães e venceu, em 2025, com o original inédito *Os Dentes dos três Tristes Tigres* (no prelo), o Prémio de literatura infanto-juvenil Maria Rosa Colaço.

Em 2015 publica o livro de poesia *Roturas e Ligamentos* (Abysmo) em parceria com André da Loba (ilustrações) e em 2019 o livro *As Orelhas de Karenin* (Abysmo), finalista dos prémios Correntes de Escrita e SPAutores 2020. Reúne 25 anos da sua obra poética em 2023 no volume *Não Desfazendo*, que conta com um livro inédito, «Uma Pedra na boca» (prémio Nacional João de Deus, 2025) e um posfácio do poeta e professor Fernando Guerreiro. A esta sua obra reunida foi atribuído prémio Fundação Inês de Castro.

Há coisas que todos sabemos que existem, ainda que não as vejamos com olhos de ver: por exemplo, o tempo que, por vezes, passa devagar, devagarinho e, por outras, voando, como se tivesse pressa de chegar até amanhã. E há outras que se vêem demasiado bem a assombrar o mundo, por aí, e que preferíamos que não existissem, como a maldade, a desconfiança, o medo da diferença. Esta história que aqui lemos foi escrita a muitas mãos: foram muitas as cabeças que a pensaram, cada qual com as suas memórias, as suas experiências, as suas vivências. A partir do exemplo de *A Metamorfose*, de Kafka, cada pequeno grande escritor foi convidado a imaginar o que sentiria se acordasse e se descobrisse no corpo de um outro, por exemplo um animal selvagem, ou um objeto, ou aquilo que fossem capazes de imaginar. A partir daí, cada qual, com o seu estilo, a sua voz, as suas dúvidas e preocupações, mesmo com diferentes variantes

da mesma língua, tentou imaginar como nos veríamos se fôssemos outros e como nos veria o outro que connosco se depara. Se mudássemos de pele por um dia, o que, afinal, mudaria em nós? E será que um renovado olhar poderia ajudar a construir um outro mundo, em que pontes e caminhos substituíssem muros e tapumes?



PRÓLOGO

Por vezes, no início da primavera, quando o mundo promete equilíbrio e recomeço, basta um instante para tudo mudar. Pode ser uma faísca que transforma uma cidade inteira num amontoado de cinzas. Ou uma ligação à internet que aproxima, num segundo, dois continentes bem distantes. Pode ser, até, um simples despertar diferente: acordar, por exemplo, com outras penas, coloridas e esvoaçantes e não pesadas de aflições. Ou acordar com asas a fingir horários e rotinas.

Entre o fogo que destrói casas e memórias, a amizade que nasce num jogo online e a liberdade inesperada de um dia vivido como papagaio, ouriço ou jibóia, há um fio invisível. É esse fio que une todas as histórias da história que vos queremos contar. Aqui falamos de mudança. Também de perda e descoberta. As palavras que semeamos mostram que, mesmo o que julgamos seguro, pode

desaparecer num instante, e que, ainda assim, algo novo pode florir das cinzas. Talvez até mesmo do silêncio.

Enquanto uma cidade arde e as pessoas percebem que só lhes resta o que guardam na memória, dois jovens de realidades opostas aprendem que as fronteiras são uma linha imaginária entre nós e o outro. E, ao mesmo tempo, alguém descobre a leveza de voar: É que, tantas vezes, voar não significa fugir do mundo e da terra firme, mas, sim, saber olhá-lo de outra maneira. Ou... aprender a vivê-lo de uma forma mais leve, sem os minutos pesados do relógio.

No meio do caos, da distância ou da transformação, coloca-se sempre a mesma questão: quando tudo muda, o que realmente permanece? Talvez sejam as memórias. Talvez sejam as amizades. Talvez seja a verdadeira liberdade do ser. Porque, no fundo, quer estejamos a fugir das chamas, a atravessar oceanos reais ou digitais ou a voar por um dia, todos buscamos o mesmo — um lugar onde possamos respirar. Simplesmente ser.

A PRIMEIRA PARÁBOLA

Foi a 20 de março de 1760. Equinócio de primavera. Mas poderia ter sido hoje, neste exato momento em que dizemos a palavra “agora”. Um dia de equilíbrio pendular. Saí de casa, inspirei o ar de Boston e esperei pelo doce equilíbrio da normalidade prometida.

No entanto, em pouco tempo, gritos de desespero chegaram-me aos ouvidos: Voltei-me e vi-a: Uma imensa nuvem de fumo a cobrir toda a cidade, engolindo o azul do céu ... caí ao chão, sendo derrubado por aquele homem em fuga, que procurava afastar-se do epicentro da nuvem. Ainda lhe pude ver a cara, totalmente transmutada, em parte pelo medo e pelo choque, em parte por uma queimadura demasiado recente que lhe atravessava a testa, o olho, a face esquerda. Caí de costas. O impacto na nuca foi tão forte que fiquei momentaneamente cego. Pouco depois, uma multidão de homens, mulheres e crianças aproximava-se fugindo. De quê? Não sei, mas levanto-me e corro também.

Nessa altura, viviam em Boston milhares de habitantes, cada qual com a sua pequena casinha iluminada por velas. Pequenos e médios incêndios diários faziam parte da normalidade numa cidade sem espaço para albergar tantos habitantes. Não seria novidade; e cada um de nós sabia-o bem: éramos cabeças de fósforos andantes. O perigo estava iminente...

Dou, então, por mim a correr por ruas à toa numa cidade que em tempos conhecera, mas que, com o fumo, os gritos e o choque se transfigura. Lembro-me da minha casa, da



mobília, que já era dos meus avós, da minha cama. Do retrato do meu avô pendurado na sala. Nunca o conheci e tudo o que me restava dele era o quadro. Compreendo, nesse momento, que perderei tudo; só ficarei com o que retenho na memória.

O incêndio extinguiu-se, enfim, mas as ruas desapareceram e tudo se tornou um informe amontoado de escombros irreconhecíveis. Todas as nossas vidas mudaram repentinamente. As crianças vasculhavam os restos mortais das suas humildes casinhas, à procura dos seus brinquedos. Os homens e as mulheres choravam perante uma visão do apocalipse: todos nós, na mesma posição; a natureza, nesse aspeto, foi democrática: tirou tudo a todos sem excluir ninguém. Avisto um homem pequeno e mal vestido, embora a roupa mal lavada e rasgada pudesse até ser uma das consequências do fogo. Coxeava, notando-se uma mancha negra nos cabelos cor de mel. Este aproximou-se de um casal com um aspeto muito limpo e cuidado – decerto não haviam presenciado o incêndio– e pousa a mão no ombro do homem, dizendo calmamente: "Meus amigos, é uma tragédia, é horrível, não há palavras suficientes para o descrever! Mas não se preocupem, vamos todos unir-nos e superar esta catástrofe!". A mulher e o homem entreolham-se por um momento e depois o homem, tornando toda a frustração em raiva, ataca o homenzinho sujo com um soco que o eleva no ar e depois o faz cair ao chão em posição fetal.

Que ninguém se engane. Estamos todos no mesmo barco a afundar, mas não estamos juntos, neste caminho. Algum dia iremos estar?

E A NOSSA HISTÓRIA JÁ VAI COMEÇAR...

Séculos mais tarde, também em Março: começar de novo. Os tempos mudavam numa vertigem, mas... e as pessoas? Seriam as mesmas? Que novas pontes se erguiam entre nós e o outro? Séculos mais tarde, sim, alguém tentava remar em conjunto, teimava em não permitir que o barco afundasse ou navegasse à deriva. Tudo começou em menos de nada, num mero blog, um jogo online, em que os jogadores – cada qual em sua casa, sua cidade, país ou continente, cada qual um falso nome atrás de um ecrã – assumem o papel de personagens em conflito– sempre a guerra e o conflito, mesmo enquanto se afunda o barco. De um lado, terroristas, do outro, contraterroristas: todos com uma grande gama de armas virtuais e complexas estratégias. Mas foi nesse espaço de distância feita proximidade que duas pessoas de diferentes cantos do mundo se ligaram por um fio invisível de amizade. O Isaque vivia em São Paulo. Tinha uma vida de conforto, com uma família estável, com acesso facilitado à internet: com um só clique, chegava a todo o lado do mundo, mesmo que, por vezes, esquecesse do que ia acontecendo mesmo ao seu lado; já o Yaube, um nome só, a piscar luminoso no computador, morava em São Tomé e Príncipe, órfão de pai, vivia com a mãe: ele próprio uma ilha rodeada de dificuldades por todos os lados. O jogo, para ambos, era uma ponte, um lugar de passagem para outros mundos, outras vidas. Amizades fictícias, virtuais, que aos poucos

ganharam consistência física e real. Com o tempo, o jogo e suas estratégias de luta e de combate passaram para segundo plano. Isaque e Yaube começaram por conversar sobre a escola, a família e os problemas do dia a dia de cada um, no fundo, sobre a vida para lá das táticas de jogo. Foi aí que Isaque compreendeu que nem todos têm as mesmas oportunidades, enquanto o Yaube sentiu que podia falar da sua realidade honestamente, sem ser julgado. Entre eles, nunca houve sentimentos de pena, rancor, inveja, ou superioridade: apenas respeito e compreensão. Isaque procurava ajudar como podia: primeiro dentro do jogo... mais tarde fora dele. Tornavam-se amigos, sem nunca se terem visto, sequer. Mesmo vivendo realidades tão distintas, aprenderam muito um com o outro. O Isaque passou a conhecer melhor a cultura e as dificuldades de São Tomé e Príncipe, enquanto o Yaube começou a ver o mundo para além da sua própria realidade. As diferenças culturais não os afastaram. Tornaram, sim, a amizade mais forte e mais real. Quando finalmente se encontraram, o abraço foi simples e sincero, provando que uma amizade, mesmo num jogo online, podia ultrapassar fronteiras, diferenças sociais e culturais. Dentro do jogo, o mundo, distópico e violento, parecia um barco quase a ponto de afundar. Fora do jogo: um outro passo – todos no mesmo barco, segurando o leme a duas mãos. Isaque pagara a viagem ao amigo, ajudara-o dentro e fora do jogo; Yaube tinha também algo muito valioso para oferecer ao amigo: uma história bem antiga que o pai lhe contara em pequenino e que ele nunca mais esqueceu: o dia em que todos mudaram de corpo, de vida e de aparência e começaram a olhar o mundo com outros olhos, descobrindo o que era ser-se visto, através do olhar alheio. Yaube pouco tinha para oferecer a Isaque: ofereceu-lhe esta história e fê-lo compreender que, muitas vezes, uma história bem contada transforma o modo como pensamos o mundo e transforma, também, a forma como o mundo nos vê.

ERA UMA VEZ

Yaube fecha os olhos. Com os olhos cerrados é mais fácil encontrar as palavras certas para dizer ao ouvido do amigo. Em voz baixa começa a contar, lentamente, devagar, com a cadência dos contos antigos:

– Naquele dia em que tudo aconteceu, só a Matilde pareceu reparar: O sol, mesmo antes de desaparecer atrás do horizonte, antes de se pôr a andar, que se faz tarde, para a outra parte do mundo, ainda por iluminar, de repente, parou um bocadinho, estacou quieto atrás de um monte recurvo e brilhou um pouco mais forte. Foi nesse momento exacto que, em todas as casas daquele lugar, a vida amanheceu um tudo nada diferente. A primeira a dar conta disso foi a Matilde, no jardim da sua casa, no cimo dum monte. Dali, do alto, parece, até, que vê um pouco mais longe... Só – pensa ela – não se vê, por vezes, a si mesma. E, naquele dia, ao reparar no sol muito vermelho, quase suspenso no firmamento, queixava-se de si para si:

– Sinto-me tão pequenina. É verdade: gostava de ser um bocadinho mais alta. – repetia, sentada num muro branco, a olhar para o vazio.



Tinha uma flor na mão e, ao suspirar, ouviu um pequeno sibilo no meio do silêncio: devia ser a serpente que vagueava por ali, perto de casa durante a noite. Foi então que voltou para dentro numa pressa: vestiu o pijama, colocou a gaiola do seu pássaro perto da cama e esperou que a sua mãe lhe fosse desejar boa noite. Adormeceu rapidamente: uma ponte de sono até ao dia seguinte.

Acordou cedo, mesmo cedíssimo...o sol ainda estava a preguiçar, com um olho aberto, outro fechado. Bocejou e levantou-se. Porém, reparou... não tinha braços! Nem pernas: apenas uma cauda com um estranho chocalho. Olhou-se ao espelho. E ela... não era ela, mas, sim, uma cobra gigante! Soltou um grito assustado, que atraiu a mãe até si.

– MãE! - gritou, a levantar a cauda num gesto de rendição - TEM CALMA, SOU EU!

A mãe pára e observa-a cautelosamente, embora assustada.

– Matilde... - murmura com a voz a tremer - És mesmo tu?

A Matilde acenou rapidamente que sim e baixou a cauda.

– Não sei o que aconteceu, eu...simplesmente acordei assim...

A mãe baixou a vassoura e, de um momento para o outro, desmaiou. A Matilde apressou-se a enrolar a cauda à volta do seu corpo e foi até à sala de estar. Deitou a mãe o mais levemente que conseguiu no sofá e ficou à espera que ela acordasse. Passado um bocado, despertou e observou a filha. Sentou-se no sofá e aclarou a garganta:

– Então...és mesmo tu aí dentro, não és, filha?

– Sim, mãe...Sou eu. Sei que não parece, mas sou mesmo eu... Mas, e se eu ficar assim para sempre? - murmuro, a choramingar:

A minha mãe enxuga as lágrimas, procurando acalmar-me:

– Neste momento, podes ter esta forma...estranha e assustadora, mas não é isso que faz com que deixes de ser a minha menina...

Não muito longe da casa da Matilde – continua Yaube, num sussurro – mas no vale, junto ao rio, onde cresce um campo de papoilas sob a sombra vigilante da montanha, numa casa com uma barra tão azul que compete com a cor do céu e do rio, uma outra rapariga desperta no seu quarto, ainda antes do despertador tocar...num sobressalto, tenta lembrar-se do próprio nome; sentada na cama tenta recordar-se, mas... até isso tinha ela perdido, naquele dia:

Meu primeiro pensamento, ao acordar, era de que tinha algo de muito errado acontecendo comigo. Me levanto e vou para a frente do espelho, mas o que vi (na verdade, o que não vi) me deixou em choque. Na verdade, o que não vi. O reflexo, que antes me era tão familiar, que eu conhecia como a forma da palavra EU, de repente não existia. Nem o rosto, nem o corpo. Nada! Conseguia enxergar tudo ao meu redor, mas o mais importante, minha aparência, já não existia. Dor, dor e dor. Não reconheço o quarto onde me encontro, não sinto a sensação reconfortante da pertença. E, de repente, me dou conta. E se a existência da minha pessoa nunca



existiu? E se eu for apenas uma ilusão bem construída e alucinada, criada a partir do desejo de ser? Saio à pressa, com o coração apertado e lágrimas nos olhos, vejo a vida, que antes era tão conhecida, acontecendo em frente aos meus olhos, como se fosse normal: Minha mãe brigando com meus irmãos, como sempre. A loiça na pia para lavar, a casa que antes era minha, de repente, se tornou fria e desconhecida. Vejo minha mãe passar por mim como se não me visse, como se eu nunca tivesse existido, tento tocá-la, mas minha mão passa através dela. Não posso me ver, não posso tocar em nada nem em ninguém. Todos os que costumavam estar próximos, vivendo suas vidas como se aquele fosse apenas mais um dia. E eu? O que está acontecendo? Por que ninguém me vê ou ouve? Por que, de repente, já não existo?

O tempo passa, anos talvez (quantos anos por vezes cabem num minuto...quantos minutos parecem durar séculos...). Ainda invisível, sozinha, esquecida para sempre. Um castigo ou uma forma de conexão comigo mesma? A dor de perder tudo o que conhecia nunca vai desaparecer, mas vou aprender a conviver com ela. Todos os que amo estão bem e felizes. Acho que gostaria que eu também estivesse. Talvez devesse estar feliz: vejo pessoas se apaixonarem, vejo pessoas tendo seus corações quebrados, vejo o mundo se tornar um lugar pior do que um dia já foi. Vejo dores, vejo o amor reinar mesmo quando as circunstâncias indicam fracasso, vejo corações com uma beleza pura e única, vejo o quanto nunca parei para admirar a beleza da natureza, dos animais, da vida. Começo, numa vertigem, a dar-me conta de que estava tão ocupada tentando provar aos outros quem eu era que, no fim, talvez me tenha tornado invisível para perceber o quanto isso é irrelevante se nem eu souber quem sou. Talvez, nesta manhã, possa compreender que a pessoa que fui fora moldada, construída, para ser exatamente quem era. Talvez já não doa tanto saber que, no meio de tanta dor do passado, mágoas, injustiças, inseguranças, incertezas e dificuldades, me encontrei naquilo que tanto temia: a solidão. No silêncio que tanto evitava, encontrei minha voz; na mudança que tanto odiava, vi uma oportunidade de encontrar minha identidade; nas lágrimas que pensei não mudarem nada, encontrei conforto e alívio. Me dei conta de que a vida continua, com ou sem mim. Que as pessoas que amo seriam felizes com ou sem mim. Que eu sou a única responsável pela minha felicidade, pelas minhas escolhas e por tudo o que faz de mim ser quem sou. E, neste dia, começo a pensar: agora ninguém me vê, mas quando tinha rosto e corpo e um nome, alguém realmente me via?

Na casa do cimo do monte, Matilde, no seu corpo de cobra, não poderia adivinhar as estranhas metamorfoses que iam acontecendo, a pouco e pouco, em cada uma das casas em seu redor; sabia lá ela que, naquele lugar, o sol, a mando dos tempos, mudava cada qual aos olhos do outro:

Pela maneira como a minha mãe me observa, compreendo que está a ser sincera e ganho coragem para me erguer e enrolar a cauda à volta dela num abraço. Ela sorri no meio das lágrimas e abraça-me de volta: Nunca me tinha ocorrido que as cobras também conseguissem sentir e dar abraços... Mas, lembro-me de repente: É claro que não posso ir para a escola assim! Toda a gente vai ter medo e ninguém vai acreditar que eu sou eu... mas quem sou eu, afinal?

Yaube puxou o amigo para mais perto de si e, baixinho, em surdina, explicou-lhe que também na outra margem do rio, do lado de lá da ponte – mesmo em frente da casa da menina que acordara sem

nome, sem corpo – numa casa acolhedora com um jardim em que viviam dois gatos preguiçosos e sonolentos alheios à azáfama frenética dos seres humanos, também o Álvaro acordara bem diferente nessa manhã, perante a desconfiança um tudo ou nada indiferente dos seus gatos gaiteiros:

Depois de o meu pai me acordar com a luz fria de uma manhã de inverno, tudo à minha volta parecia mais nítido, quase acelerado, como se eu tivesse adquirido algum tipo de poder mágico. Sentia o corpo mais pequeno do que antes. Podia ser um erro meu, mas aquela mudança de tamanho era demasiado evidente para ser apenas uma sensação... Foi então que reparei em algo ainda mais estranho: A menos que eu fosse o Pé Grande, ou algo similar, não fazia sentido ter tanto pêlo a cobrir-me o corpo. O meu olhar pousou nas minhas mãos... ou deveria dizer...nas minhas patas? Não sabia ainda ao certo no que me tinha transformado, mas tinha a certeza de que eu, agora, já não era eu... o Álvaro. Que me importa, agora, o meu nome...Recordo, então, uma fala de Romeu e Julieta: «Uma rosa com outro nome teria o mesmo cheiro...»

Encho-me de coragem e olho o espelho de frente: o reflexo faz-me gelar. Um focinho pequeno e bicudo encarava-me, envolto em pelo laranja, com orelhas pontiagudas. Os olhos que me olhavam do lado de lá do espelho, apesar de tudo, ainda os reconhecia como meus. Parecia impossível, mas eu era agora uma raposa.

O medo apoderou-se de mim, ao pensar no que os meus pais fariam, se me vissem naquele estado. Mesmo que tentasse falar com eles, provavelmente não me entenderiam. Foi então que me lembrei de alguém que talvez conseguisse comunicar comigo: os meus gatos! Mas será que ficariam eles contentes ao ver um animal assim como eu, à sua frente? Mas que outra opção teria... e no que toca à estranheza... uma coisa eu sabia: os animais costumam ser mais benevolentes, por vezes, do que os humanos. Junto à porta de vidro, lá estava o focinho cor de rosa da Vivi, a minha gata. Ficou imóvel, fitando-me por alguns segundos. Rosnou, mas eu insisti, confiante: aproximei-me da porta. Podia estar a cometer o maior erro possível... Forcei a fechadura e consegui, finalmente, destrancá-la. Só tinha agora de dar o passo seguinte: abrir a porta. Claro que os bichanos não colaboraram nem por um momento. Fizeram a força que conseguiram, do lado de dentro, para a manter bem fechada. E o Sírius, naquele momento, tinha claramente mais vantagem do que eu.

– Sírius, por favor, deixa-me entrar. Sou eu, o Álvaro! Vivi, por favor — implorei baixinho, tentando que me deixassem passar. Eles pareceram estranhar.

E lá em cima, uma voz irritada, cada vez mais impaciente:

– Álvaro, toca a andar, tens de te despachar. Ál-va-ro!

– Ele está a dizer a verdade. — disse o Sírius.

– Estás louco? – riposta Vivi – Mesmo que fosse o nosso Álvaro, porque haveríamos de o deixar entrar?

Foi tão estranho senti-los falar... era, aliás, como se falassem em silêncio e como se eu, de alguma maneira, compreendesse o que queriam dizer. Finalmente, deixaram-me entrar... na verdade este seria o dia ideal para me transformar numa raposa livre e sem responsabilidades: teria um teste de Português e, à tarde, iria à biblioteca municipal receber um prémio: aí era suposto que lesse um texto em frente a várias pessoas — um texto que tinha ensaiado a noite inteira e que não me tinha saído tão bem quanto eu queria. Nesse aspecto, as raposas são mais livres. Afinal, pouco mais se pode esperar de uma raposa do que ser...uma raposa.

Yaube, num tom baixo, como quem sussurra uma confidência, vai contando a Isaque todas as estranhezas que iam sucedendo naquele sítio surpreendentemente mágico, onde o mundo parecia renascer na experiência dos jovens; do vale à montanha, no segredo de cada casa, cada qual experimentava o que era ser outro.

Até mesmo lá muito ao fundo, à beira do horizonte, passando o campo de girassóis, para lá do rio, junto às portas da cidade, junto à foz larga do rio, Marco lançava-se, sem medo, da janela do penúltimo andar do prédio, um andar alto, quase rasgando as nuvens: feliz, conseguia voar. Sem peso, com penas, mas sem penar, via agora o mundo lá de cima; tão diferente aquela perspectiva sobre a vida, sobre o chão:



*Viver esta capacidade de voar sem limites,
de atravessar céus abertos e alcançar lugares onde os
humanos só poderiam chegar sonhando.
Ser uma ave significa não estar presa
a caminhos ou fronteiras,
mas sim seguir o vento e o instinto.*

*Gostaria de acordar todos os dias no alto,
sentir o ar fresco nas penas e observar o mundo de uma
perspetiva diferente.*

*Cá de cima, tudo parece mais simples e tranquilo.
Sem as preocupações tão terra a terra
que vivia no chão, encontro paz no
silêncio do céu
ao mover-me livremente
entre montanhas, rios e florestas.*



*Ser uma ave
implica sentir a verdadeira liberdade:
viver sem correntes, guiada
apenas pelo céu aberto e pela vontade
de ir sempre um bocadinho mais l o n g e.*

E sempre voando, seguindo o rumo do vento, depressa alcança o jardim dos plátanos em que a passarada, cada qual no seu ramo, descansa as asas dos voos mais longos. No galho mais alto, ao cimo da copa, repousa o olhar irónico de um papagaio um tudo-nada diferente dos demais, trazendo a ironia no bico, não se deixando enganar: Era o Santiago tornado papagaio, mas com a mesma cabeça

pensante: tinha-se transformado num pássaro falante e, no fundo, sentia-se feliz por deixar de ser como aquela gente papagueando frases à toa, sem nelas pensar, sequer. Preferia-se, assim, um papagaio de certa maneira diferente: que soubesse pensar e, por vezes, bem melhor do que muita gente:

*Um dia acordei diferente, mais contente,
com menos trabalho, mais inocente.
Mais descontraído,
ao contrário de anteriormente,
pois agora não era mais gente.*

*Agora imitava tudo o que ouvia,
mas era mais sincero na melodia,
agora tinha penas ao invés de sentir pena.
Voava mais baixo, sem relógios para seguir,
porque quem é livre consegue prosseguir.*

*Aprendi que a leveza não é fugir,
é só deixar o tempo fluir.
E mesmo sendo ave de repente,
descobri que não perdi o que era dantes,
só não era livre o bastante,
para sorrir como toda a gente.*

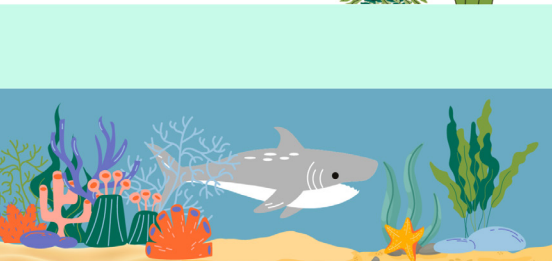
*O problema maior,
é o facto de ser somente um dia,
ao contrário da maioria,
que vive em constante harmonia.*

E Yaube, entusiasmando o amigo com esta sua história, conta-lhe que as mudanças se davam mesmo em todo o lado. Até lá em cima, bem perto do sol, junto aos penhascos mais altaneiros, se distinguiu, muito ténue, uma sombra negra sobrevoando os jardins, em círculos lentos, planando, com um porte altivo, um bico recurvo. Ninguém sabia de onde havia chegado aquele pássaro sábio, que começava a entender, lá nas alturas de onde observava a vida, que se nos afastarmos do mundo, vendo-o de longe, talvez o consigamos compreender melhor do que se o olharmos de demasiado perto...

*Acordei de súbito e senti o corpo estranho.
Onde antes tinha braços, agora havia asas enormes.*

*Percebi, com espanto, que tinha acordado como uma ...águia.
O meu quarto parecia pequeno demais.
As garras tocavam o chão e as penas tremiam.
Mas a minha mente continuava humana e confusa.
A janela aberta deixava entrar o vento frio.
Senti um chamamento silencioso do céu.
Dentro de mim nascia uma liberdade desconhecida.
Subi lentamente para o parapeito da janela.
A cidade movia-se lá em baixo, sem notar nada.
Abri as asas com medo e curiosidade.
Quando me lancei no ar, tudo ficou distante.
A terra parecia cada vez mais pequena.*

Eu, aprendendo, em silêncio, a viver como águia.



Lá das alturas, percebia-se bem que muito havia mudado no mundo lá em baixo; animais estranhos, nunca antes vistos, iam misteriosamente surgindo naquela região, com comportamentos diversos do que seria normal: ali, por exemplo, refugiado num eucalipto, um coala procurava passar despercebido, receoso e meio perdido:

*Acordo agarrado à árvore, meio a bocejar,
O eucalipto chama-me, não me deixa fugir.
O mundo lá em baixo insiste em acelerar,
mas eu fico aqui em cima, sem pressa de descer
ou ir.
Todos me acham fofinho e simpático,
Sempre solitário a ver o tempo a passar.*

Acolá, mais adiante, *um urso pardo, a aprender a ser urso num mundo desconhecido, que, com certeza, não o irá compreender; um pobre urso perdido, a tentar aprender, pela primeira vez, a comunicar pelos cheiros, a sentir, de outra maneira, os sons.* E mais adiante, no rio, correndo para o mar, um

estranho tubarão branco e que decerto, naquela estilha de rio, se sentiria, literalmente, como um peixe fora de água:

Um dia, acordei e vi-me um tubarão-branco, assim, no meio do rio, em vez de estar no mar. A água atravessava-me o corpo como se fosse ar, fria e profunda e, a cada movimento, fluía antes do pensamento, sentia as vibrações dos outros animais distantes. O campo magnético do oceano a guiar-me, lá longe, ao longe: o cheiro da vida a quilómetros de distância e a pressão do ambiente, que antes era um desafio, agora só era uma sensação que sentia, mas que não me prejudica mais. Não havia medo, nem nome, nem palavras. Havia apenas corpo, instinto e o agora, nadando, caçando e existindo como se toda a água fosse minha. Sendo um tubarão, sentia-me simplesmente só eu. Mas pela primeira vez percebi que me faziam sentir que não era ali o meu lugar.

Isaque admirava-se com a história que Yaube lhe ia contando sobre aquele sítio em que os jovens se transformaram nos seus maiores sonhos ou nos seus mais profundos temores, enquanto aprendiam a viver de novo na pele de um outro; sentindo que um dia lá chega o momento em que o outro, afinal, somos nós. Ao fim do dia – continua Yaube– na margem do rio, até se chegou a ver um leão-menino, assustado, com o próprio rugido e coçando uma juba que lhe arrepanhava o pescoço. Um leão, que, na verdade, sente medo ao sentir o medo que todos lhe têm:

Tentando falar, só consegui emitir um som que fez vibrar o ar. Olhei para o reflexo do rio e assustei-me. Um tubarão ali a passar, também aflito, a tentar descobrir um caminho para o mar. Mirou-me e assustou-se também; e talvez tivesse um olhar parecido com o meu, assim que o vi. Depois compreendi, cada qual de nós era um outro de um outro. Olhei para o meu reflexo na água e vi um leão de olhos dourados, a olhar para mim: forte por fora, tão confuso por dentro. Apenas mudara de corpo: tinha sido forçado a descobrir uma nova forma de coragem, aquela que surge, quando já não sabemos quem somos...

E, além, junto ao campo de margaridas, rasando as pétalas – continuava Yaube, puxando o amigo para mais perto de si– esvoaçavam asas bem leves e coloridas, como se voar fosse um sopro de brisa sussurrando cores. Era a Maria Inês a borboletar em liberdade, como se tivesse chegado, assim, azul, de dentro de um sonho triste e belo ao mesmo tempo:

Acordei exaltada, pulando da cama com suores por todo o corpo. A borboleta, o meu pai: o mesmo sonho todas as noites, sempre a repetir-se na minha mente como um disco riscado. É provavelmente a minha memória mais feliz, mas também não possuo muitas para haver competição. Fomos visitar o borboletário de Londres; eu era pequena nessa altura. Desde a morte do meu pai, o sonho deixou de ser apenas uma lembrança e passou a ser um aviso. Acordava sempre no mesmo instante, antes do abraço dele, antes do riso se ouvir, como se a memória se recusasse a avançar depois desse momento. O quarto, ao despertar, parecia demasiado grande para alguém tão vazia por dentro. A ausência dele instalou-se em mim como um órgão novo e inútil. Falava pouco, respirava alto por hábito, e cada dia repetia o anterior com a mesma

perfeição cruel. Foi numa dessas manhãs — repetitivas, silenciosas, definitivas — que percebi que o meu corpo não respondia como antes. As minhas pernas estavam leves demais, quase inexistentes. Os braços, estranhamente largos, tremiam sem esforço.

Levantei-me devagar, com o medo de quem já sabe que perdeu algo e não quer confirmar outra perda. O espelho do meu quarto devolveu-me uma imagem impossível: onde antes havia pele cansada, agora havia asas. Azuis. Do mesmo azul daquela borboleta no borboletário de Londres. Do mesmo azul que os olhos do meu pai refletiam quando me olhavam serenamente.

Não falei. Não gritei. A morte ensina-nos que há transformações que não pedem escândalo, apenas aceitação. Compreendi, então, que eu não estava a fugir da dor — estava a dar-lhe forma. Tornara-me uma borboleta porque o peso de continuar humana era insuportável demais sem ele. Voei pelo quarto, tocando as paredes como quem se despede. Cada batida de asas arrancava de mim uma memória: a mão grande segurando a minha, a voz que me chamava pelo nome como se fosse um segredo, o riso engraçado diante de coisas pequenas. Não doía mais perdê-las. Elas, finalmente, tinham lugar onde pousar. A janela estava aberta. Não me lembro de a ter aberto. Talvez nunca tenha estado fechada. Atravessei-a sem esforço, e o mundo lá fora pareceu menos desagradável visto do ar. Pensei no meu pai, imaginei-o a apontar para mim e a dizer, com aquele sorriso calmo. — Olha, filha: É azul!



Desta vez, foi o Isaque a comentar, pensativo, percebendo o rumo por que seguia aquela história antiga que o amigo lhe contava: sabemos lá nós que sonhos, medos e segredos e desejos se escondem na aparência e mesmo nos actos daqueles que vemos... Yaube, ouvindo o suspiro do amigo, deu-lhe razão e explicou que, lá do alto, com um golpe de asa, aqueles que voavam e borboletavam em novos corpos, iam compreendendo o esforço e a dificuldade, de quem, preso à terra, e ao seu corpo, sente afastar todos os outros. E lá em baixo, rente à superfície do mundo, era, agora, a vez do Bruno despertar em pele alheia. E a verdade é que sofria, com um peso no peito e um outro, mais literal, nas costas: um problema bicudo, de difícil resolução:

*Acordei com relevo nas minhas costas,
levantei-me, olhei para o espelho e lá estava eu: um porco espinho.
No início, não achei estranho, mas isso tinha-me deixado
incapacitado abraçar os outros.
Senti-me excluído, rejeitado por todos,
ninguém queria andar com alguém tão
lamentável e “sádico” como eu.
Eu não nasci para ser assim, eu era alguém
que todos amavam, mas ao longo do tempo
virei uma pessoa miserável e infeliz.
Tendo em conta todo o mal que aconteceu
e acontece na minha vida, não vejo mais
sentido em continuar vivendo com esse fardo em
forma de espinhos nas minhas costas.
A correnteza do rio me admirava, uma noite
tão linda como aquela... não é algo que se
possa ignorar e esquecer.
Lembro de todos os bons momentos e
pessoas que me amavam antes de eu virar
essa coisa, e assim, dou um mergulho no rio.
O peso sumiu, eu adormeci enquanto a
corrente me levava.*

Yaube e Isaque, juntos, um ouvindo o que o outro contava, cada vez compreendiam melhor os sentidos ocultos que nos ensinam as histórias... E sem saber o que se passava com os restantes jovens das redondezas, Matilde, que se sentia pequenina, tornada agora desmesurada cobra, tenta ainda perceber, conversando com o pai, o que lhe acontecera:

– Não sei o que aconteceu: só queria voltar a ser eu própria; que cada qual me visse como eu sou e não como deveria ser...

Fungo levemente e olho para o meu pai com os olhos ainda cheios de lágrimas.

Enrolo a minha cauda à volta do seu braço musculado e ele observa-a, fascinado e assustado ao mesmo tempo. Minutos depois, largo-lhe o braço e ele põe-se de pé.

Ao menos, as cobras podem aprender a dar abraços, suspira Isaque, lembrando-se dos picos de Marco. Yaube sorri, mas, com a sua voz de mistério, continua por entre os caminhos cruzados desta história antiga que queria oferecer ao amigo. É que noutras casas, lentamente, devagar, algo ia mudando também. Dentro das quatro paredes de uma casinha, dissimulada entre o parque dos plátanos, onde os

três gaiatos alados davam ao bico numa liberdade nunca antes vivida, outra metamorfose acontecia, numa sala escura, com as persianas corridas, a meia luz. Ali, morava Fausto, ou melhor, talvez tivesse morado ontem, e anteontem, e todos os outros dias antes desse. Hoje, mal compreendia até o que seria; só sabia que se sentia pregado a um corpo rígido, minuto a minuto, do início do dia, até ao fim. E Yaube, sempre em surdina como que acendendo na voz um brilho de estrela cadente, explicava que Fausto se descobria um outro, em silêncio e no escuro, sem compreender que outro era esse em que se tornava. O certo é que mal conseguia pensar, só sentia o tempo a passar, martelando-lhe os ouvidos.

08:03

Quando acordei, estava de pé. A primeira coisa que notei foi o escuro. A câmara onde me encontro está praticamente encoberta por uma obscuridade e a pouca luz que se infiltra, fã-lo pela estreita abertura do que parece ser uma grande porta dupla de madeira. Estando no meio da divisão, não consigo distinguir os detalhes do resto do espaço. Vendo apenas uma possível saída daquela escuridão, fiz o óbvio. Tentei andar na direção da porta, mas não me mexi um centímetro. Os meus pés estão presos ao chão, como se se tivessem fundido com a madeira que integra o soalho. Tentei debater-me durante algum tempo, mas foi um esforço fútil. Enquanto o resto do meu corpo se mexe sem qualquer resistência, os meus pés não permitirão qualquer dissidência acerca do local onde estou. Resta-me apenas, aprisionado e sozinho, esperar por que algo aconteça. A única coisa que me acompanha é o barulho. Agora que penso nisso, é semelhante ao ruído de engrenagens a girar, rodando mecanicamente sobre os seus centros, ligadas entre si. Oiço isso e o som curto e repetitivo, com intervalos de um segundo, característico de um relógio. É curioso. O som do relógio vem debaixo de mim, uma vez do meu lado esquerdo e outra do meu lado direito, alternando com cada repetição. Seria um daqueles relógios antigos com pêndulo? Mas quão grande teria de ser para eu o ouvir com o volume com que o oiço agora? E o barulho das engrenagens, não vem de nenhum ponto em específico, parece circundar-me, como se eu me encontrasse dentro de um mecanismo gigante. Estarei eu dentro de um enorme relógio de pêndulo? Soa absurdo só de pensar; mas esta situação inteira é ridícula em primeiro lugar. Como acordei aqui? Vou tentar lembrar-me do que aconteceu antes de ter dado por mim aqui.

08:59

Não sei quanto tempo passou, mas ainda não fui capaz de recordar o que ocorreu para eu acabar neste lugar. Terei morrido? Se sim, isto é um pouco desapontante para o que eu imaginava que seria o pós-vida. Estou sozinho num espaço quase desprovido de luz, sem conseguir andar um passo de onde estou. Esperava algo mais entusiasmante, nem que fosse um poço de fo...

Não tive tempo de acabar a minha frase. Fui interrompido pelo som ensurdecedor da melodia que toca nos sinos das igrejas a cada mudança de hora. Senti as vibrações a ecoarem dentro da minha cabeça e todo eu estremeci, como juncos ao vento, perante aquela badalada infernal. Mas tão repentinamente como começou, do mesmo modo aquele coro metálico chegou ao fim. Também não me foi dada a chance de me recuperar. Assim que o som dos sinos cessou, a porta dupla de madeira abriu-se abruptamente, deixando entrar um mar luminescente que inundou a sala inteira e cegou-me momentaneamente. Ao mesmo tempo, o chão debaixo da sola dos meus sapatos moveu-se, deslocando-se na direção da porta agora aberta, levando-me rapidamente para o exterior.



Assim que transpus essa fronteira, o piso que me transportou revelou ser uma plataforma, que me suportou por cima do precipício que se situa para lá daquele portão de madeira, parando finalmente após percorrer uma determinada distância sobre o vazio.

Aqui, tudo é gigante. Como se uma divisão habitual tivesse sido ampliada artificialmente até tudo ter um tamanho descomunal. Isso, ou eu fui reduzido até ser pouco maior que um simples pardal. Não sei qual das opções é mais reconfortan...

Nem dois segundos haviam passado desde que me encontrara fora daquela câmara escura, quando o soalho que me havia trazido até este ponto retrocedeu rapidamente. Quando voltou à posição em que despertei, a porta dupla fechou-se sem qualquer cerimónia, trancando-me uma vez mais naquele negrume familiar, assim como um pássaro é fechado na sua gaiola após um breve sabor de liberdade... Espera. Um pássaro numa gaiola... A gaiola é neste caso um relógio antigo de pêndulo. Um pássaro que não se pode mexer, mas sai de um relógio antigo de pêndulo uma vez por hora... Ah, sou o cuco de um relógio de cuco... Que piada cruel. Tomara eu poder rir desta situação, mas o nó que sinto na garganta mal me permite respirar.

09:15

Já fui capaz de me acalmar um pouco. Eis o que vou fazer: Assim que a porta dupla voltar a abrir-se e eu for movido para o exterior, vou tentar gritar o mais alto que puder para chamar a atenção de alguém. A casa não me pareceu abandonada. É pouco provável, mas alguém pode ouvir-me e vir ajudar-me. É melhor do que não fazer nada.

14:58

Acho que não está a funcionar. Tentei o que planeei cada vez que fui lá para fora, ou seja um total de cinco vezes desde a primeira vez. Ninguém veio. Não sei se os donos não conseguem ouvir-me ou se estão fora de casa, mas ainda ninguém me veio socorrer. Aliás, ainda não vi uma pessoa este tempo todo. Sempre que saí, a iluminação estava ligeiramente diferente, o gato tinha-se movido um pouco, porém, não notei mais nenhuma diferença no panorama da sala de estar. Vou tentar outra vez.

15:03

Nada. O sol moveu-se mais rumo ao anoitecer, o gato estava à frente do relógio a olhar para este (ou seria para mim?), mas nem uma alma avistada. Mais uma hora de breu se segue.

15:59

Os sinos devem estar quase a tocar. Não espero muito, mas tenho de continuar determinado.

16:00

Os sinos bradaram outra vez a sua música cerimonial e o portão abriu-se. Fui introduzido uma última vez ao ambiente fora daquela prisão mecânica.

A sala parece igual, a televisão continua desligada, a porta de vidro permanece fechada e o gato... O gato não está aqui. Onde terá i...

Ouvi o estalido de uma tábua de madeira a partir-se. O gato tinha saltado na direção do relógio, provavelmente para tentar apanhar aquilo que saía de lá a cada hora e voltava velozmente para dentro, agarrou-se à plataforma de madeira que me havia trazido para fora do meu confinamento sete vezes já e partiu essa plataforma. Eu caí e estou a cair agora, agarrado pelos pés ao que me segurou tantas vezes por cima do abismo para onde me precipito neste momento. Não vou sobreviver à queda. Seria pouco mais de metro e meio numa sala de tamanho normal, ou para uma pessoa de tamanho normal, mas para mim é como cair de cabeça do vigésimo andar de um prédio. Estou a ver a vida a passar-me à frente dos olhos. Vejo muita coisa que já não lembrava, e francamente, alguns momentos que preferia não relembrar...

Finalmente cheguei às memórias de hoje. Devo estar quase a atingir o fundo. Pelo menos, posso concluir a história que vivi durante estas horas. Hoje, acordei como algo que não sou eu e não voltarei a adormecer. Adeus.

O tempo – vai explicando Yaube ao seu novo amigo – parece avançar, mas às vezes está simplesmente preso e às voltas num mostrador do relógio, sempre igual. Parece que avançamos, no tempo, com máquinas novas, tecnologias, invenções, mas, no fundo, temos sempre o mesmo olhar para dentro, que só se vê a si mesmo; e sempre temendo o peso do olhar alheio. Até a Matilde se estranha a si mesma e às suas ações no seu novo corpo...portanto, como reagiriam os outros de modo diferente perante si mesma?

Decido ir até à rua outra vez e aí encontro um rato vivo ao pé da roupa estendida. Sou de repente invadida por uma fome enorme e, num impulso, lanço-me até ao pequeno animal e devoro-o sem remorsos. Surpreendo-me com a minha própria ação e tapo a boca com a cauda. O meu pai acaba por chegar ao local e observa-me, bastante confuso.

- Eu comi um rato... - admito num tom envergonhado.

O meu pai também fica surpreendido, mas depois ri.

- Olha que isso até faz sentido, tendo em conta que agora és uma serpente - comenta ele.

Enrolo-me e, para minha surpresa, consigo aconchegar-me na perfeição. O meu pai observa-me e ri, sentando-se ao meu lado.

- Andas muito dorminhoca - afirma ele.

- Não tenho culpa de agora ter mais facilidade em aconchegar-me no chão - respondo com um sorriso matreiro

- Tenho de aproveitar esta capacidade enquanto durar.

- Não me digas que estás a gostar de ser uma serpente! - o meu pai ri ainda mais alto.

- Não foi isso que eu quis dizer! - rio-me com ele, mas depois acalmo-me e continuo a falar - É só que, ao início, isto parecia estranho, ainda é, mas agora parece que as coisas já estão a acalmar... Aliás, estou a tentar perceber o porquê de ter acordado assim. Acho que estou a aprender a ver as coisas de maneira diferente... deixo-me ficar com a cabeça no colo do meu pai, em silêncio. - Amo-te, minha querida... - sussurra numa voz rouca.

Sorrio e aconchego-me mais ao ponto de ficar toda enrolada sobre o meu corpo longo. Começo a adormecer. Momentos depois, uma voz ecoa as seguintes palavras na minha cabeça: “És incrível tal como és, que importa o tamanho que tens”. Lembro-me de um verso de Fernando Pessoa:

Tu és do tamanho do que vês, não do tamanho da tua altura

Caio num sono profundo.

No dia seguinte — recomeça Yaube contando— Matilde-a-serpente-desmesurada acorda, e espreguiça-se. Esfrega os olhos com as mãos. Sim, as mãos! Parece ter voltado ao normal: uma pessoa de novo: uma face, dois braços, duas mãos, duas pernas, sem cascalho.

Gostava de saber como aquela transformação em serpente acontecera, mas se calhar tal acontecimento já nem precisava de resposta. Os meus pais conseguiram ver-me numa cobra gigante e isso, para mim, já é a melhor coisa do mundo. Eu só acho que isto me serviu de lição para não vermos apenas as coisas negativas nas nossas características físicas. A vantagem de ser uma cobra é não precisar de ir para as aulas...Hoje já não posso faltar. Vou gostar de os ver, aos meus amigos, meus colegas, a professora: eles continuarão a olhar para mim sempre da mesma forma, porque justamente não viram a forma que eu antes tinha.

Yaube faz uma pausa lenta antes de continuar.

E depois? – insiste Isaque...

Depois, aliviada, Matilde entra na sala, um bocadinho atrasada. Foi a última a chegar; todos os seus colegas já lá estavam sentados, a ouvir o início da aula. Sentia-se feliz por já não ser uma cobra, contente por rever os amigos. Está atrasada, sim. É claro que a professora já terá ditado o sumário. Matilde está ansiosa, mas não quer incomodar. Abre a porta lentamente, entra na sala, levanta a cabeça e é aí que os vê: na primeira fila, no lugar do Álvaro, uma raposa fulva e felpuda aprende com atenção; na fila de trás a passarada esvoaça livre e dá literalmente asas à imaginação; a águia muito concentrada finca as garras na espalda da cadeira. Passarinhando pela sala, como quem está distraída, a borboleta azul não se tem quieta; acolá, na cadeira do canto, o urso dormita, em cima dos livros; o porco espinho tem todos os pico no ar, quer pedir a palavra, porque sabe a resposta à lição. Antes de se sentar no seu lugar, Matilde dá-lhe um abraço: pois se já foi uma cobra, ia agora ter medo de se picar?

Matilde ocupa o seu lugar de sempre. Mesmo à sua frente, um único lugar vazio: parecia que lá não estava ninguém. Não era verdade: a Matilde viu-a, a ela, à rapariga sem corpo. Viu-a, como nunca a tinha visto; viu-a como nunca a vira, antes de ela se tornar invisível: e, nunca, nunca mais, deixou de a ver; nunca mais mais se esqueceu do seu nome.

Na parede, um relógio de cuco partido assinalava o tempo passando. Já faltava pouco para tocar para a saída.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O contacto entre culturas distintas obriga ao diálogo, à escuta e à capacidade de compreender outras formas de ver o mundo. Quando existe respeito mútuo e abertura ao outro, por muito que não o compreendamos, criam-se relações mais humanas, baseadas na empatia e na cooperação. Vejam o meu exemplo: eu sou português, já a minha mãe nasceu em Angola, tendo vindo para Portugal com 4 anos, apenas, por conta da guerra civil angolana. Cresci a ouvir histórias que me angustiaram: na escola não queriam brincar com os chegavam refugiados. Porquê? Pois a minha mãe também não compreendia, nem os meus tios. Ninguém sabe, ninguém compreende. Se calhar nem aqueles que os discriminam. A população portuguesa é composta por uma grande variedade de etnias. O mundo é assim. Um alemão não será só alemão, nem espanhóis só espanhóis. Isso chama-se aculturação. Haverá quem não goste...mas eu não me importo; claro que este texto não deve estar do agrado de todas as pessoas, mas eu não tenho de escrever para agradar ninguém. Este exemplo que partilhei convosco passou-se com a mãe, mas também o mesmo se passa aqueles que chegam a Portugal, vindos de fora, e a quem olham de lado, chamando-lhe por nomes, aludindo à sua origem, de forma negativa...nomes que eu não quero repetir. Experimenta – sim, estou a falar contigo, tu que me lês, do outro lado da história que tens em mãos–, experimenta fazer este pequeno exercício mental: fecha os olhos e imagina que o teu país está em guerra, que tiveste de sair de emergência por qualquer motivo: voltas as costas a uma vida de sofrimento, buscando olhar o futuro; chegas a um país novo, cuja língua desconheces; mas sentes que é hostil o nome que te dão nessa outra língua. Talvez te sintas ofendido, sem saberem sequer o que te estão a chamar. Como te sentirias? Sim, tu que me lês! Como te sentirias se fosses tu o outro dos outros?

A diversidade cultural, longe de enfraquecer uma comunidade, tende a enriquecê-la, desde que seja acompanhada por valores como a dignidade, a justiça e a igualdade. Dessa forma, uma sociedade que promove o encontro entre culturas e valoriza o ser humano como elemento essencial revela maturidade social e uma visão mais ampla do futuro coletivo.

Esta(s) história(s) que escrevemos em conjunto, com muitas vozes, até com diferentes variantes, pretende mostrar, metaforicamente, que se nos pusermos no lugar do outro, se um dia acordássemos diferente do que somos —com as características de um outro animal, de um objecto, ou simplesmente invisíveis, como se ninguém nos visse – talvez mais facilmente pudéssemos sentir o peso do olhar do outro sobre nós. É que há sempre um momento da nossa vida em que somos nós o outro. Ao longo da história, as sociedades evoluíram sempre que colocaram as pessoas no centro das suas decisões e aceitaram que a diferença não é uma ameaça, mas uma oportunidade.

*

Quando tudo muda, o que realmente permanece? E se o que muda formos nós? Mudará o mundo também? Passará a girar pelo lado inverso? E se um dia acordássemos no corpo de um outro? Poderíamos ver como os outros nos vêem, quando afinal o outro somos nós.



FICHA TÉCNICA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS D. SANCHO II, ELVAS

Alunos

Curso P. Multimédia 11.º I

Curso P. Instalações Elétricas 11.º I

Aleksander Vaz Pinto
Ana Isabel Henriques
Bruno Eduardo Mendes
Daniel Realista Anacleto
David da Silva Veríssimo
Jaime Sousa Lopes
José Alexandre Casaca
Magali Maia Pires
Marco Rafael Marques
Miguel Dias Pimenta
Ricardo Camoesas Mendes
Ricardo Rodrigues Reis
Santiago de Jesus Macedo

Docentes

Carmen Almeida Santos
Teresa Vicente Guerreiro

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE SANTIAGO DO CACÉM

Alunos 10.º

Alice Coelho Pereira da Costa
Álvaro Tavares Ventura da Silva
Maria Francisca Coelho Paiva
Maria Inês Raposo Mestre
Maria Leonor Pinela de Jesus Costa
Mariana Filipa Guerreiro Rufino

Alunos 11.º

Catarina de Sousa Cardoso
Fausto Manuel Branco Espadinha
Giulia Richiele Costa dos Santos
Joana Guerreiro Cabrita
João Gil Letras Romana Pratas
Leonor Sales Gonçalves Teles
Maria Rita da Paz Ciriaco
Rafael Mangiurea Ventura

Alunos 12.º

Matilde Pereira Gamito Godinho

Ilustrações

Álvaro Tavares Ventura da Silva
Maria Inês Raposo Mestre
Leonor Sales Gonçalves Teles

Professora Bibliotecária

Raquel Ventura



A ESPERANÇA DO VENTO

RUI CERQUEIRO COELHO

RUI CERQUEIRO COELHO

Natural de Viana do Castelo. É licenciado em Biologia e tem um curso de especialização em Ilustração. No entanto, é na escrita que se sente mais feliz.

Venceu alguns prémios literários (Prémio Literário Nortear, 2016; Prémio Branquinho da Fonseca: Literatura Infantil, 2019; Prémio Novos Talentos FNAC: Escrita, 2023; Prémio Maria Rosa Colaço: Literatura Juvenil, 2024; entre outros) e conta com dois livros publicados: “A Migração das Alforrecas”, Livros Horizonte, e “O meu amigo Ferrabrás”, Truz Truz Editora.

Foi bolsheiro DGLAB em 2022 na categoria de criação literária para a infância e juventude.

É ainda um dos criadores dos projetos Histórias Viandantes e Cara À Vela. Por entre a escrita e as artes, vai voltando à biologia.

Há mais silêncio agora. Ainda assim é diferente, como um oco deixado por algo. Vejo ruínas e pó, escombros de coisas que foram. A paisagem é um pretérito e logo eu que estou habituado a finais. Venho a criar distâncias com o corpo desde que me lembro. Desfaço pedras sob os pés que não tenho, espanto poeiras. Sou como uma serpente, mas mais atenta, se me debruço sobre as coisas. Adivinho volumes e formas debaixo do tanto que percorro. São o que resta, uma pista do que houve, como esse vazio no silêncio.

Não me contenho em vasculhar. Levanto as cortinas de terra com que o tempo digere o mundo. Sopro com mais força, levo galhos e folhas. Sou de uma curiosidade bruta. Ouço o som de um voo, mas não o sinto atravessar-me. Procuro-o. Não são penas, mas folhas; um caderno. Enfio-me nele, raspo-lhe a tinta com o rosto:

“Quando morrer penso que o legado que devo deixar é aquele que sempre me ensinaram. Quando alguém descobrir o meu corpo que veja que sou uma pessoa comum. Com vivências, que fiz tudo para viver feliz e cuidar dos outros. Que enfrentei a vida e tentei sempre superar-me. Que fui realmente feliz.”

O silêncio enche-se, inteiro finalmente. Não resta corpo nem ossadas; busco-os, mas encho a boca de pó. Resta esta voz apenas. Eu que rilhei as letras dos homens, que as lambi das pedras, numa paciência infinita até delas não restar nada, conheço-as. Falo e devoro-as a todas se no final só sobre eu, sempre. Retorno à voz:

“Dizem que eu e os meus primos somos o milagre da nossa aldeia. Nascemos no mês de agosto do mesmo ano, mas em dias diferentes. Sempre perguntámos às nossas mães como isso aconteceu, mas a resposta era sempre a mesma. Parecia que nos escondiam algo. Até que um dia eu e os meus primos estávamos sentados em cima de um muro de uma casa e ouvimos um casal de idosos a falar sobre a lenda das irmãs que engravidaram milagrosamente. A lenda conta que o pai das três tinha poderes e um dos seus poderes era que tudo o que ele desejava se concretizava. O pai das grávidas tinha o sonho de ter netos, mas isso ainda não se tinha concretizado e magicamente as três irmãs descobriram que estavam grávidas e que as crianças que nasceram são o milagre da aldeia graças aos poderes do avô.

Nesse momento eu e os meus primos descobrimos que somos o milagre da nossa aldeia.”

“Dizem que o dia em que nasci não foi um dia normal. Em muitas partes de Portugal nevou, coisa rara, atmosfera estranha, vento gelado que escondia histórias no ar. Mas a lenda diz que aquele frio não veio por acaso.

Conta-se que naquela noite o Inverno, não a estação, mas o espírito que existe desde que o mundo começou a girar, desceu sobre Portugal. Vinha cansado, ferido por guerras contra o fogo, e procurava um lugar para descansar.

Ao passar por cima das serras, o Inverno derramou um cristal de gelo. Esse cristal caiu lentamente, como um floco, e quando tocou a terra, não derreteu. Transformou-se numa luz branca.

A lenda diz que foi dessa luz que eu nasci. Não de um ventre humano, mas do próprio Inverno que quis deixar em Portugal um pedaço seu com forma humana.

E por isso, carrego dentro de mim um bocadinho desse Inverno. Não é magia, nem poder. É uma sensibilidade escondida que poucos entendem, uma sensação fria no peito, não de tristeza, mas de origem. Porque, quem nasce da neve, nunca se esquece totalmente de onde veio.”

“Nasci de um pedido feito à Lua. Pode-se pensar que um astro tão importante facilmente concederia os desejos dos meus pais, mas para um objeto dar um filho a um casal, a criança tem de nascer dentro ou perto desse objeto. Bebês que foram pedidos a alianças, nascem com elas nos seus pequenos punhos. Bebês pedidos a flores, brotam delas, mas era impossível que eu nascesse perto da Lua, pois morreria devido à falta de ar e mesmo que sobrevivesse, não haveria maneira de ela conseguir enviar-me para os meus pais.

Normalmente, as crianças nascem meros minutos após o desejo ter sido feito e os meus pais começaram a ficar preocupados, já que eu não aparecia de maneira nenhuma. Eles tinham feito o seu pedido numa praia, podendo ser ouvidos pelo oceano, que já está tão habituado a tentar alcançar a Lua, grande influenciadora das marés, e não o conseguir. Teve pena e concedeu o desejo deles por ela. Uma grande onda dirigiu-se aos meus pais, molhando-os até a cintura, mas antes de terem chance de reclamar, notaram um bebê, eu, que tinha sido deixado na areia pela onda quando ela retraiu.”

Arranco uma, duas, três páginas. Sempre gostei de começos. Arranco outra, ao lê-la:

“Desde o início do planeta Terra, uma história está a ser contada e tudo o que começa tem um fim.”

Os finais pouco me interessam, talvez pela tristeza. Parecem-me uma obsessão demasiado física, que não atinjo. Quem vive há tempo suficiente, acostuma-se à continuidade. Há sempre algo novo por acabar: um fim após o outro, cada um negando o seu anterior, e ainda assim o pavor da ideia, ecos de medo na voz. Noto-os no caderno:

“Depois da notícia da futura catástrofe, a pequena vila onde vivia entrava em pânico e reunia-se para discutir o futuro. Era no pequeno centro da vila que os diários dos feitos e dos antepassados da pequena vila surgiam. Eram estes diários que restariam caso alguém encontrasse o lugar abandonado. Em diferentes diários existiam fotos das famílias tradicionais e das mais bonitas paisagens, existiam também relatos de feitos dos nossos antepassados, os seus trajes e como a história desta vila foi construída.

Restava um hora até à catástrofe e neste momento o povo tentava manter-se calmo, porém no seu interior sentiam a ansiedade e o nervosismo de ver aquela vila preciosa a acabar.

Enquanto aguardávamos a destruição, a população partilhava histórias e a alegria de ter vivido naquela vila, assim como a localização das preciosidades que escondiam na terra daquela habitação.”

“Eu sempre soube que ia morrer às 11:54. Não sabia como, nem porquê, só a hora. Desde pequena que esse número aparecia em todo o lado: no relógio da cozinha, nos bilhetes de autocarro, nos sonhos. Hoje acordei com a certeza estranha de que era o dia. Não senti medo. Senti urgência. Não sei o teu nome, não sei a tua cara, mas sei que vais ser tu a encontrar isto. Talvez por acaso ou porque hoje decidiste virar à esquerda em vez de à direita. O destino gosta dessas pequenas distrações. Escrevo-te porque preciso que alguém saiba que eu estive aqui. O relógio marca 11:27. O tempo pesa mais quando sabes exatamente quando ele acaba. Escondi esta mensagem num lugar onde ninguém costuma parar, só passar. Um sítio invisível para quem anda depressa demais para reparar nas coisas pequenas. Não te assustes, não é um pedido, é apenas um facto. Às 11:54 vou desaparecer, não porque escolhi mas sim porque algumas histórias nascem já com o final marcado. Quando leres isto, talvez penses em mim durante alguns segundos. Talvez te perguntes quem eu era, isso basta. Às 11:54 o mundo continua, só eu é que paro. E tu, que nunca me conhecestes, tornas-te a única prova de que existi.”

“Estou a escrever isto porque não sei se vou sobreviver e não quero partir deste mundo sem deixar algum vestígio. Ainda tinha muitas coisas que eu queria fazer, mas infelizmente não sei se será possível.

Sou apenas uma estudante, pelo menos, a princípio, quando não me conhecem genuinamente. Mas na realidade, se formos mais a fundo, toda a gente é mais do que uma mera pessoa. Eu por exemplo, sou uma sonhadora, que sonha um dia ser conhecida, talvez como escritora, mesmo que agora isso possa nunca chegar a acontecer.

Não devemos apenas sonhar, devemos fazer pelos nossos sonhos, tirar toda a inspiração e força de vontade e tentar fazer com que eles aconteçam. Não devemos ser parados pelo medo ou pelo julgamento dos outros, se sonham em fazer algo, trabalhem para o fazer acontecer, e não esperem até que esse sonho se torne definitivamente impossível, como no meu caso. Guardem estas palavras; isto se esta mensagem sequer chegar a alguém e não ficar perdida nos destroços desta desgraça.

Assim me despeço, talvez para sempre.”

Sinto o peso de cada página e dobro-me perante ele. Ergo o caderno do chão, afundo-me de corpo inteiro entre as folhas. Quase choro:

“Eu me lembro de um momento que considero muito bonito antes de vir para Portugal. Como eu sabia que faltava pouco tempo para me despedir do Brasil e vir para cá, decidi que criaria memórias da minha casa e que queria me conectar de alguma forma com tudo que tinha direito para nada cair no esquecimento. Criei o costume de pegar num banquinho e sentar na varanda de casa e olhar para o céu à noite. Me lembro claramente de ficar encantada com o céu, com a brisa que passava pelo coqueiro que tinha no quintal. Nos trinta, quarenta minutos que eu passava lá sentada, tentava decorar todos os detalhes possíveis de como o coqueiro se mexia com a brisa, a posição das estrelas

no céu e qual fase da lua era naquela noite. Esse momento é muito bonito para mim, porque hoje sou muito apegada aos detalhes, adoro sair e colecionar detalhes, olhar para as coisas, as pessoas, ao que me rodeia e ver o que está lá ao invés de olhar e deixar passar coisas que podem ser tão bonitas se elas forem olhadas com mais gentileza!”

“Quando o vi pela primeira vez, ao meu afilhado, tão pequeno e tão frágil, tive a estranha sensação de que trazia consigo uma memória antiga, como se já me conhecesse antes de chegar a este mundo. Os seus olhos fechados pareciam guardar segredos que só o tempo saberia revelar. Nesse instante, compreendi que o verdadeiro amor, muitas vezes inatingível, também pode nascer assim: sem palavras, sem promessas, apenas imprevisível, num momento, num instante, num ápice.

Até esse momento, pensava que o amor, esse sentimento avassalador, era partilha de risos, confidências, tempo, sentimento puro. Nesse pequeno grande instante, aprendi que amar também é cuidar; é uma omnipresença, é um sentimento silencioso. Passei a sentir que caminhava ao lado de alguém que, mesmo sem o saber, já me transformava.”

“Desde que nasci, vivi com a minha avó e a minha tia, enquanto o meu pai trabalhava em cidades distantes. Sempre fui uma criança doce e gentil e orgulho-me de dizer que nunca precisei da presença da minha mãe para me tornar uma boa pessoa.

Naquela altura, eu não compreendia o abandono. Não fazia sentido, para uma criança como eu, dedicada e genuinamente boa, não merecer amor materno. Foram tempos difíceis, mas o que sempre me sustentou foi o amor da minha tia, um ser humano incrível. Ela cuidou de mim desde o meu primeiro dia de vida, nunca me deixou faltar nada, enquanto a minha mãe vivia tranquilamente noutra cidade, a recomeçar uma nova vida.

A minha tia criou-me como se fosse o seu próprio filho. Levava-me a viajar, ensinava-me sobre a vida e fazia de tudo para compensar a ausência da minha mãe. De certa forma, isso funcionou durante algum tempo, mas, ainda assim, nenhuma criança merece passar por uma experiência dessas. E acredito que o que mais me marcou não foi a ausência da minha mãe, mas sim tudo aquilo que a minha tia fez por mim quando ninguém mais fez.”

Enternece-me o entretanto, esse meio tempo que é miolo ao mundo. Pequenos instantes, como pedras claras num fundo de água escura, a darem corpo e sustento às coisas. Espanta-me que sejam tão frágeis, a delicadeza desta voz que não cessa de contar e vai cosendo filigranas no silêncio, a habitá-lo. Quer assegurar que existe, projetar-se num outro que a entenda, mas só resto eu, só aqui estou eu e por isso leio:

“Será que as histórias vão algum dia deixar de existir ou de ser contadas? Desde sempre, as histórias fazem parte da vida humana, seja através de contos, livros, filmes ou até simples conversas do dia a dia.

Na minha opinião, as histórias nunca vão deixar de existir. Mesmo que o mundo mude, as pessoas continuam a sentir necessidade de contar e ouvir histórias. Elas servem para transmitir emoções, ensinar valores, preservar memórias e ajudar-nos a compreender melhor o mundo e a nós próprios. Enquanto existirem pessoas, existirão histórias.

Além disso, as histórias adaptam-se ao tempo. Antigamente eram contadas à volta de fogueiras, depois passaram para livros, teatro, cinema e hoje para séries, jogos e redes sociais. O formato muda, mas a vontade de contar histórias mantém-se.

As histórias não vão parar de existir, porque fazem parte da natureza humana. Podem mudar a forma como são contadas, mas nunca vão desaparecer, pois são uma maneira essencial de partilhar experiências, sentimentos e ideias.”

“As histórias não acabam de verdade. Às vezes afastam-se, ficam em silêncio, mudam o ritmo, mas nunca desaparecem. Vivem nas lembranças que insistem em ficar; nas palavras que não foram ditas, nos sentimentos que o tempo não conseguiu apagar.

Mesmo quando parece que tudo terminou, há sempre algo que continua uma emoção guardada, um gesto lembrado, um pedaço de nós que ficou preso naquele momento. As histórias transformam-se, amadurecem, aprendem a doer menos... mas seguem vivas. Porque enquanto houver quem sinta, quem recorde e quem espere, nenhuma história chega realmente ao fim. Ela apenas espera o momento certo para recomençar, diferente, mais forte, mais verdadeira.”

Faço uma cova no chão. Escavo-a com as mãos que me faltam. Sopro areia e torrões, arranco raízes e empurro o caderno para o fundo. Pouso-o ternamente abaixo de tudo. Não serão os meus dentes a roer estas letras. Cubro-o, como quem esconde um tesouro, e enrolo-me sobre ele, o meu corpo inteiro num nó gordo a torcer a terra que o guarda. Releio as páginas que lhe roubei e lanço-as para longe, na lonjura dos cabelos que finjo ter. Beijo o chão com orvalho, chuva e frio, rezo-lhe na língua dos bichos e das ervas e peço que cresça, àquela voz; que se agigante e retome o mundo para contá-lo por inteiro, do princípio, outra vez. A ele e a mim, que aqui ando sozinho, debruçado sobre as coisas e demasiado acostumado a finais.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA SECUNDÁRIA DE PAÇOS DE FERREIRA

Alunos 11.º H

Alicia Andrade Monteiro
Ana Beatriz Ferreira Martins
Ana Júlia Penha Sixel
Beatriz Filipa Neto Nunes
Cristiana Jesus Cruz Leal
David Miguel Leal Lima
Duarte André Leal Alves
Francisca Gonçalves Meireles
Gonçalo Dinis Pacheco Vieira
Gonçalo Filipe Mendonça Picoto
Iara Alexandra Coelho Monteiro
Inês Margarida Nunes Ribeiro
Inês Rodrigues Barros
Joana Maria Brandão Santos
Joana Soraia Ferreira Gonçalves
Leonardo António Teixeira Alves
Leonor Machado Pereira
Luciana Beatriz Silva Ferreira
Luciana Fernanda Araujo Silva
Margarida Lopes Costa
Maria Beatriz S. C. A. Oliveira
Maria Inês Sousa Alves
Maria João Nunes Morais
Mariana Machado Silva
Mariana Silva Almeida
Thomaz Dioggo Costa Silva
Vânia Filipa Martins Ferreira

Docente

Sónia Manuela Alves de Bessa Moreira

Professora Bibliotecária

Manuela Maria Lopes de Sá C. Baptista



MARTIM E A BALEIA

VANESSA GUARANI RATTON

VANESSA GUARANI RATTON

Jornalista, mestra em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP, pós-graduada em Teatro, Justiça Restaurativa e Psicopedagogia.

Desde 2019, tem uma coluna sobre literatura infantil e juvenil para jornal A Tribuna de Santos. É diretora da União Brasileira de Escritores – UBE desde 2023.

É escritora de literatura infantil e juvenil com obras selecionadas para o PNLD do MEC nos anos de 2021, 2022, 2023 e 2024.

Finalista do Prêmio Barco a Vapor 23 e Nelly Novaes Coelho 22.

Prêmio Jabuti em 2023 - Em 2020 foi coorganizadora do Mulherio das Letras Indígenas e editora do Álbum Guerreiras da Ancestralidade que venceu o Prêmio Jabuti na categoria Fomento à Leitura.

Foi indicada ao Prêmio Astrid Lindgren 2026 representando o Brasil.

Contato: vanessaguarani50@gmail.com

O Martim e a Baleia



“Não é uma baleia, é um Deus grande e branco”,
diz um dos homens do navio Pequod, em busca da baleia Moby Dick.

Desde pequenino, Martim ouvia muitas histórias dos seus avós, uma poção mágica para adormecer, mas havia uma que o tinha aterrorizado. Talvez por ser real ou talvez porque, todos os anos, a sua aldeia lembrava o ocorrido numa cerimónia de homenagem aos mortos do acidente aéreo. O menino lembrava-se, exatamente, do dia em que ouvira pela primeira vez aquela história e como ocorrera:

- Senta-te aqui, Martim, o avô quer contar-te uma história – pediu pacientemente.
- Uma história, avô, outra vez? Já estou farto de ouvir “Os três porquinhos”! – tinha dito ele, ainda de pé, impaciente, porque preferia ir saltar à corda a ouvir falar de novo sobre o lobo mau.
- Senta-te, pequeno, desta vez é uma história que aconteceu comigo – continuou o avô a pedir, com tranquilidade.
- Ahhhh, ‘tá bem, ‘tá bem! – interessou-se.
- Vamos regressar ao ano de 1955, tempo dos dinossauros para ti. Era uma manhã de nevoeiro, no sétimo mês do ano. Dia 1 de julho.
- Não gosto nada de nevoeiros! Mas então, o que aconteceu nesse dia?
- Calma, paciência é uma virtude! Nessa manhã, em comemoração do Dia da Força Aérea Portuguesa, descolaram 12 aviões e sobrevoaram a região Centro do nosso país - explicou o avô.
- Região Centro? Coimbra, Leiria, Aveiro, Viseu, é assim? A minha professora ensinou-me isso!
- interrompeu o neto, animado.
- Exatamente! Nesse dia, eles passaram pela Serra do Carvalho. Já lá fomos, foi onde o avô viveu quando era novo. Lembras-te?
- Sim! Tu estavas lá quando eles voaram em cima de ti? Deve ter sido assustador, uma coisa grande a voar por cima da tua cabeça...
- Sim, eu estava lá. Mas era isso que te queria contar. Nesse dia, infelizmente, devido ao nevoeiro, os aviões não viram a montanha e embateram contra ela.
- Ah, fizeram bummm!?! – exemplificou o menino, usando os braços, enquanto se ria, não percebendo a gravidade da situação, aos seis anos de idade.
- Não tem piada, querido. Nesse dia, caíram 8 dos 12 aviões. Morreram oito pilotos.
- Morreram pessoas? Que horror! – comentou o menino, chocado com o que tinha ouvido. - Mas tu estavas lá?
- Não, eu estava a caminho da escola, quando ouvi o estrondo e vi árvores a arder. Foi um dia muito atribulado: a escola não abriu, a polícia e os médicos tentaram a todo o custo salvar esses aviadores, e vieram pessoas de todo o lado ver o que tinha acontecido. Foi um dia que ficou marcado na história do nosso país e que demonstrou que mesmo os aviões, os transportes mais seguros, e os da Força Aérea mais seguros ainda, podem cair e ter terríveis acidentes.
- Nunca, nunca, nunca vou querer andar de avião! Vou de bicicleta para todo o lado – declarou ele com toda a convicção.

Agora, Martim estava ali, na fila de embarque, encarando aquela enorme baleia branca de barbatanas abertas, pronta a atravessar o céu azul. Aos oito anos, passar por aquela prova iria torná-lo um homenzinho, pelo menos era o que lhe prometera a mãe.

O avião estava prestes a descolar rumo ao Brasil, onde a família Santos iria passar as férias. Sempre fora um sonho deles irem a este destino tropical, principalmente da avó, uma vez que, em tempos, esse país tinha sido o seu lar.

Sentada junto à janela, encontrava-se a avó Lurdes, com olhos ternos, a recordar-se dos tempos em que brincava nas ruas e ruelas com os seus primos e amigos, de como, após brincar durante horas, era recebida em casa com o lanche já pronto, que sabia a infância, preparado com muito amor pela sua tia. Ao seu lado, ia o neto, que não conseguia ficar quieto e olhava para todos os cantos com medo:

– Mãe, o que é aquilo na asa? Mãe, estamos acima das nuvens, tenho medo. Mãe, os meus ouvidos estão a doer, porquê? O avião tem casa de banho, mãe? Mãe?!... – perguntava o menino irrequieto.

A mãe, sentada no lugar mais próximo ao corredor, estava atenta a cada movimento do filho:

– Está tudo bem, meu anjo. Tens de me deixar responder à primeira pergunta antes de fazeres outra. O que está na asa são os equipamentos que permitem o avião voar – respondia a mãe, enquanto tentava tranquilizar o filho. – Sim, estamos acima das nuvens, mas olha pela janela, mais para baixo; vêes aquele rio? É o rio Douro, já lá estiveste!...

– Sim, consigo ver! Mas não me lembro de lá ter estado... – disse o menino, que pensava, pensava e tornava a pensar, mas não se conseguia lembrar. – Já sei! – exclamou entusiasmado. – Fui lá com a tia Sílvia, o tio Jorge e o primo Jaime. O tio até nos deixou pescar...

A mãe concordou com o filho e ficou à espera de mais perguntas, mas o menino tinha-se entretido a ver o rio desaparecer.

Já o pai e o avô estavam na fila de trás, sentados a dormir e completamente despreocupados com a viagem.

De repente, o voo sofreu uma turbulência que assustou ainda mais a criança.

– Avó, porque é que o avião está a tremer? – perguntou, aterrorizado. – Ele vai cair?!

A criança ficou inquieta ao recordar-se da história do acidente que o avô lhe contara e a avó Lurdes, percebendo o bater apressado do coraçãozinho dele, aproximou-se devagar e disse:

– Respira fundo... eu vou contar-te uma história. Uma história antiga, daquelas que perpassa o tempo como os aviões as nuvens. É a lenda da Rainha Santa Isabel.

Lá fora, o vento soprava com força e o avião abanava como se estivesse a dançar no meio do céu. A cada sacudidela ouvia-se um “Ai!”, aqui, e um “Oh!” ali. Alguns passageiros seguravam bem o cinto, outros fechavam os olhos. No meio de tudo isso, o menino apertava a mão da mãe com força.

– Calma, campeão – sussurrou a mãe. – Ouve a avó.

Dona Lurdes começou:

– A Rainha Santa Isabel viveu há muitos e muitos anos. Passou parte da sua vida em Coimbra e era conhecida pela sua bondade. Era rainha, usava coroa e vestidos ricos... mas do que mais gostava mesmo era de ajudar quem precisava.

– Uma rainha que ajudava pobres? Isso não era trabalho dos empregados? – interrompeu o menino, ainda meio assustado, mas já curioso.

A avó sorriu:

– Talvez fosse mais fácil mandar alguém fazer isso. Mas ela preferia ir pessoalmente. Levava pão escondido no manto para dar aos pobres, muitas vezes em segredo.

– Em segredo? Mas assim ninguém sabia que era ela que ajudava! – comentou o menino.

– Às vezes, quando fazemos o bem sem querer aplausos, o bem cresce ainda mais – respondeu a mãe, que ouvia atenta.

A avó continuou:

– Um dia, o rei D. Dinis desconfiou. Achava estranho que a rainha sáisse tantas vezes. E perguntou-lhe: “Que levas aí escondido?” Ela, tranquila, respondeu: “São rosas, senhor.” O rei não acreditou e pediu para ver. Quando a rainha abriu o manto com um pouco de receio... o pão tinha-se transformado em rosas.

– Uau! Mas... pão nunca se pode tornar flores! – disse o menino, com os olhos muito abertos.

– Não costuma acontecer – respondeu a avó, com um brilho no olhar. – É por isso que lhe chamam o “Milagre das Rosas”. Mais do que explicar como aconteceu, a história lembra-nos que a generosidade dela era tão grande que até parecia mágica.

O avião abanou outra vez. O menino encolheu os ombros, mas já não parecia tão assustado.

– E ela só fazia milagres de pão? – perguntou.

– Não. Fez algo talvez ainda mais difícil – continuou a avó. – Quando houve zangas e conflitos no reino, foi ela quem tentou trazer a paz. Chegou mesmo a colocar-se entre pessoas que queriam lutar, pedindo que parassem.

– Isso é que é coragem... – murmurou Martim.

– Pois é. Às vezes, a maior coragem não é lutar. É impedir que os outros lutem.

O avião começou finalmente a estabilizar. O vento lá fora parecia mais calmo.

A mãe fez-lhe uma festinha no cabelo.

– Estás a ver? Tal como a rainha levava pão escondido no manto, nós também levamos coisas boas conosco: coragem, amor, histórias...

O menino pensou um bocadinho e depois disse:

– Se o avião começar a abanar outra vez... eu finjo que são rosas a cair do céu.

A avó riu-se baixinho.

– Isso mesmo! E lembra-te: quando o coração está cheio de bondade e coragem, até as viagens turbulentas ficam mais leves.

Martim já não apertava a mão com tanta força. Olhava pela janela para as nuvens brancas e, por um instante, parecia que vira algumas em forma de rosas.

Entretanto, quando faltava pouco para chegarem ao destino, o avião voltou a tremer levemente. Nada de muito assustador, mas o suficiente para o menino se começar a mexer no banco outra vez.

Olhou para o relógio da mãe. Suspirou. Olhou para a janela. Suspirou outra vez.

– Avó... – chamou, arrastando a voz. – Não tens mais nenhuma história sobre milagres do pão para me contares?

A avó sorriu, como quem já estivesse à espera dessa pergunta.

– Milagres, talvez não exatamente... mas acho que tenho uma história que te pode agradar. Só que tens de ficar muito atento a todos os detalhes para a perceberes bem.

O menino endireitou-se logo no banco.

– Sim, sim, sim! Estou superatento! Não me escapa nada! – disse, muito concentrado, cruzando as mãos no colo como se estivesse numa aula importante.

A mãe trocou um olhar cúmplice com a avó. O avião furava nuvens densas e brancas como quem devorasse algodões doces gigantes. E ali, nas alturas, teve início mais uma história mágica.

– Conta uma lenda de São Miguel de Poiares – começou a avó – que uma bela Princesa Moura se apaixonou por um Príncipe Cristão. Do amor deles nasceu uma criança.

Martim levantou logo a mão, como se estivesse na escola.

– Isso já começa mal... o pai dela não deve ter gostado nada dessa história, pois não?

– Não, ele não gostou nada mesmo – respondeu a avó. – O rei, pai da princesa, ficou furioso. E decidiu castigá-la de forma cruel.

O menino franziu a testa.

– Mas ela só se apaixonou... o amor não é crime.

– Muitas vezes, principalmente nas histórias mais antigas, o amor tinha de enfrentar regras muito duras – explicou a mãe com suavidade.

A avó continuou:

– A princesa foi expulsa do palácio. E, como castigo, teve de partir numa longa viagem carregando um enorme penedo à cabeça, a fiar pelo caminho e com a criança ao colo.

– Espera, calma! – interrompeu o menino. – Uma pedra gigante? Na cabeça? E ainda com um bebé ao colo? Isso é impossível!

– Talvez a pedra representasse o peso do castigo – disse a avó. – Há pedras que não se veem, mas que custam ainda mais a carregar.

O menino ficou pensativo por um segundo, mas logo voltou:

– E ela conseguiu mesmo assim andar?

– Segundo a lenda, sim. Depois de muitos dias de viagem, já exausta, parou em São Miguel de Poiares, num lugar chamado Fraga. E ali ficou o Penedo da Moura, que ainda hoje pode ser visto. Dizem que ela se tornou numa Moura Encantada.

– Encantada, tipo... presa num feitiço para sempre? – perguntou o menino, com os olhos muito abertos.

– Exatamente. Como se tivesse ficado ligada àquele lugar e àquela pedra para sempre.

O avião fez um pequeno solavanco. O menino segurou o braço da cadeira, mas não desviou os olhos da avó.

– E depois? – perguntou depressa.

– Anos mais tarde, – continuou ela – um homem que descia do lugar de Alveite Grande para São Miguel de Poiares passou junto ao Penedo. E reparou que, junto a uma abertura na rocha, estava um prato cheio de figos.

O menino abriu um sorriso.

– Figos? Eu gosto de figos! Principalmente daqueles que são muito docinhos.

– Pois esse homem também gostava. Pegou num figo. E nesse momento ouviu uma voz vinda de dentro da pedra a dizer: “Tira mais!”

Martim arregalou os olhos.

– Eu tirava logo dois! Ou três! Ou o prato todo!

A avó riu-se.

– O homem, ao contrário de ti, assustou-se. Fugiu dali a correr. Só quando já estava longe é que decidiu comer o figo... e percebeu que não era um figo normal. Era de ouro.

– De OURO?! – quase gritou o menino, esquecendo completamente que ia num avião. — Eu sabia! Eu tinha levado todos!

– Nem sempre sabemos o que temos à nossa frente – comentou a mãe.

– O homem, arrependido, voltou ao Penedo – continuou a avó. – Mas o prato já não estava lá. Remexeu a terra, procurou... e então ouviu uma voz forte vinda de dentro da pedra: “Tivesses apanhado mais, que eu bem te disse!”.

O menino atirou as mãos ao ar.

– Ai que homem tão totó! Eu bem disse que teria tirado todos os figos! E nem era pelo ouro... era pelo sabor! Até me está a dar fome só de imaginar...

A avó fez um ar misterioso.

– Às vezes, o medo faz-nos perder coisas boas. Outras vezes, a pressa também. É preciso coragem... mas também atenção.

O menino ficou a pensar nisso enquanto o avião começava a descer lentamente.

A mãe inclinou-se e disse:

– Não te preocupes, querido. A avó sabia que ias ter fome e trouxe-te muita comidinha boa.

O menino abriu um sorriso enorme.

– Ainda bem... mas se aparecer um prato de figos aqui no avião, eu já sei o que fazer!

A avó piscou-lhe o olho:

– Então, espero que estejas mesmo atento aos detalhes... porque os milagres e as oportunidades às vezes aparecem quando menos esperamos.

E, desta vez, o menino já não estava inquieto. Estava à espera.

O avião voava agora mais baixo. Pelas janelas via-se o imenso azul-mar a brilhar com a luz do sol. O menino colou a testa ao vidro.

– Mãe! Olha ali! – apontou com entusiasmo. – Aquilo são baleias?



Lá em baixo viam-se manchas escuras a mover-se lentamente na superfície da água. A mãe inclinou-se para espreitar.

– Talvez sejam... ou talvez sejam apenas sombras das nuvens.

O menino apertou os olhos, determinado.

– Eu acho que são mesmo baleias. E sabes, isso faz-me lembrar uma história que me contaste...

A mãe sorriu, surpreendida.

– Ah sim? Qual delas?

– Aquela da baleia que não era uma gruta... a do senhor com a navalha!

A mãe riu-se baixinho.

– Lembras-te disso?

– Lembro! Disseste que o teu avô te contava sempre a mesma quando ficavas triste.

O menino ajeitou-se no banco, entusiasmado, enquanto o avião passava por cima do mar infinito.

– Era assim, não era? – começou ele, orgulhoso. – Quando eras pequena e estavas entristecida, o teu avô sentava-se ao teu lado e dizia: “Vou contar-te uma história.”.

A mãe assentiu:

– Era sempre a mesma. E eu nunca me cansava de a ouvir.

Martim tentou imitar uma voz mais grave:

– “As histórias servem para aquecer o coração...”

A mãe completou:

– “...e, às vezes, para nos fazerem ver algo em que não tínhamos reparado”.

Ele virou-se para ela:

– Mas por que é que ele falava da navalha? Isso não é estranho numa história para criança?

– Parece estranho, – respondeu a mãe – mas a ideia não era a navalha em si. Era estar prevenido.

Estar preparado. E, sobretudo, manter a calma.

O menino voltou a olhar para o mar, como se procurasse confirmar se as baleias continuavam lá.

– E o homem estava a passear na praia, não era?

– Sim. Caminhava distraído a ouvir o som das ondas. Viu uma gruta na rocha, escura e misteriosa... e a curiosidade venceu o cuidado.

– Eu também tinha entrado – confessou o menino. – Grutas são fixes!

– Pois! – disse a mãe com um sorriso. – Ele deu alguns passos... e a “porta” fechou-se atrás dele.

Martim fez um ar dramático.

– Preso! Que azar...

– No escuro começou a perceber algo estranho. As paredes não eram frias como pedra. Eram quentes. E vivas.

O menino ficou muito sério.

– Então... não era uma gruta.

– Não. Era uma baleia gigantesca.

Ele arregalou os olhos e olhou novamente para o mar lá em baixo.

– Imagina se uma daquelas é assim gigante...

– Felizmente, isto é só uma história – tranquilizou a mãe.

– E ele não entrou em pânico, pois não? – perguntou o menino, já sabendo a resposta.

– Não. Teve calma. A mesma que o meu avô dizia para termos quando as coisas parecem assustadoras. O homem usou a navalha que trazia consigo para raspar um pouco da carne da baleia, só o necessário para ele sobreviver.

Martim pensou um pouco.

– Ele não fez mal à baleia de propósito... só o suficiente para aguentar.

– Exatamente. E a baleia, sentindo-se fraca, nadou de volta para a praia. Já perto da areia, abriu a enorme boca para respirar... e o homem saiu, são e salvo.

O menino sorriu, satisfeito.

– Ou seja, foi a curiosidade que o meteu lá dentro... mas foi a calma que o tirou.

A mãe olhou para ele com orgulho.

– Estás a perceber bem.

Ele recostou-se no banco.

– Então a história não é mesmo sobre uma navalha.

– Não. É sobre estar preparado. E sobre não entrar em pânico quando tudo parece escuro à nossa volta.

O menino olhou para o mar, mais uma vez, as “baleias” já quase não se viam.

– Sabes uma coisa, mãe? Quando o avião abana... é um bocadinho como estar dentro da baleia. Parece assustador. Mas se ficarmos calmos... ela acaba por abrir a boca e deixar-nos sair.

A mãe deu-lhe um beijo na testa.

– Estás a ficar muito sábio.

Ele encolheu os ombros, com um meio sorriso, e acrescentou:

– As histórias servem para aquecer o coração... lembra-te?

O avião continuava a descer suavemente e, desta vez, o menino não parecia apreensivo. Entre baleias imaginárias, princesas encantadas e rainhas bondosas, tinha aprendido que o segredo não era evitar as tempestades, mas sim atravessá-las com calma.

A avó abriu a pequena mala que trazia debaixo do banco e retirou de lá um pequeno saco com bolachas caseiras.

– Vês? – perguntou a avó com um sorriso no rosto. – Tal como na lenda, nem sempre sabemos logo o que nos está a ser oferecido. Às vezes, o medo faz-nos fugir antes de sabermos que, afinal, havia coisas boas à nossa espera.

O menino refletiu um momento. Olhou de novo pela janela. O avião continuava a balançar, mas agora não era um monstro descontrolado que o assustava. Era uma grande máquina que passava através de nuvens densas, como um barco que navegava através das ondas do mar.

– Então... o avião não vai cair? – perguntou o menino desta vez com uma voz um pouco mais baixa.



O pai, que entretanto acordara com a turbulência do avião, inclinou-se para a frente e respondeu com calma:

– Não, campeão. Os pilotos sabem o que fazem. A turbulência é como os buracos da estrada, só que no céu. Incomoda, mas passa.

E como se tivesse ouvido aquelas palavras, o avião começou a estabilizar-se gradualmente. Os abanões foram ficando menos intensos, e a conversa baixa na cabine voltou a ouvir-se novamente.

O menino respirou fundo. Lembrou-se de todas aquelas histórias e pensou que tinham algo em comum: falavam de medo, de dificuldade; mas também falavam de coragem, de fé e de esperança.

Apertou a mão da mãe uma vez mais, mas agora não era por medo. Era só para ter a certeza de que ela estava ali.

– Mãe... – disse ele com um sorriso no rosto – quando chegarmos ao Brasil, podemos ir ver o mar?

A mãe concordou com a cabeça e abraçou-o.

Ao lado, a avó deixou cair uma lágrima discreta, não de dor, mas de emoção. Estava a regressar à terra que a vira nascer, agora acompanhada das gerações que lhe seguiram na vida. O passado e o presente seguiam juntos naquele avião, unidos por memórias, histórias e amor.

Lá fora, as nuvens começaram a abrir, deixando passar a luz do sol. O céu, que estava cinzento, pintou-se, então, de azul.

E o menino, que jurara nunca andar de avião, encostou-se à janela e pensou que, afinal, voar não era assim tão assustador. Ele sentia ter crescido naquele meio dia de viagem, se não em altura, em coragem. Descobriu que às vezes, para chegarmos aos nossos sonhos, é preciso atravessar algumas nuvens.

FICHA TÉCNICA

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE VILA NOVA DE POIARES

Alunos

Afonso Ramos
Ana Soraia Henriques
André Assunção
Francisca Lindão
Guilherme Queirós
Leonor Agostinho
Mafalda Lourenço
Maria Rita Ferreira
Mariana Cardoso
Mateus Carvalho
Mateus Lopes
Miriam Tavares
Rita Reis
Rodrigo Novo
Sérgio Rodrigues
Simão Costa
Tomás Amaro
Dandara Milton
Erica Massena
João Carvalho
Leonor Silva
Maria Leonor Nunes
Raquel Carvalho
Vanessa Novais

Ilustrador

André Assunção

Docente

Fátima Coimbra

Professora Bibliotecária

Elsa Abrantes



A PESTE

VANESSA MARTINS

VANESSA MARTINS

Viveu a sua infância e juventude com um olhar sobre a Gardunha e outro sobre a Estrela. Entre estas duas serras, aprendeu a gostar da altitude e do frio, mas foi com os livros que alargou horizontes. Viajou desde a mais tenra idade, deu a volta ao mundo várias vezes, dentro do seu quarto.

Quando cresceu percebeu que as perguntas mais difíceis de responder eram aquelas que mais a perseguiram, e decidiu estudar Filosofia. Uma licenciatura, um mestrado, depois outro e um doutoramento. E terminou ainda com mais questões do que quando começou.

É rica em perguntas. Durante esse período desenvolveu o projeto *Às Voltas com o Dr. Perguntácio*, que levava o questionamento filosófico às crianças. Escreveu alguns contos infantis, o primeiro deles venceu o Prémio Branquinho da Fonseca da Fundação Calouste Gulbenkian e do *Jornal Expresso*. Desafiou-se também a escrever para um público adulto, tendo ganho em 2018 o Prémio Fernanda Botelho, promovido pelo Município do Cadaval. Coordenou, em 2021, a Casa Museu Fernando Namora em Condeixa-a-Nova.

Hoje é Professora na Universidade da Beira Interior, tendo regressado às "suas" serras recentemente. Se fugiu às viagens da infância e às perguntas da juventude? Pelo contrário, estão sempre lá, a serem alicerce e fio de prumo.



O baile de finalistas acontecia no ginásio escolar, iluminado por uma luz azul que nunca oscilava. Lembro-me de reparar que a música mudava sem que percebesse o momento exato, como se a canção seguinte respirasse já dentro da primeira. Mas encolhi os ombros e fui dançar. Que mais podia fazer? Os discursos estavam perto. O meu estava pronto, perfeito. Tinha ensaiado cada pausa e respiração.

Também o vestido era perfeito. Em casa, em frente ao espelho, tinha-me sentido única, quase inxcedível. Ali, a sensação esbatia-se. O espelho multiplicara-se em dezenas de corpos iguais. À minha volta, colegas e amigas usavam vestidos com o mesmo corte, as mesmas cores suaves, obedientes à moda daquele ano. Demorei muito tempo a olhar e a procurar uma diferença, um detalhe fora do sítio, mas não encontrava. O meu vestido deixou de ser o meu; era um entre tantos. E com ele, parecia-me, também eu me diluía. Tentei não pensar, todos pareciam felizes, divertidos, porque é que tinha de ser sempre a mesma insatisfeita? Então dancei, sorri, deixei-me levar pelo ritmo. Mas por dentro crescia-me uma inquietação surda, que quanto mais tentava calcar para o mais fundo de mim, mais subia pela garganta como uma pergunta que não queria ser feita em voz alta: é isto que somos agora? Tão compostas, tão certas, tão iguais.

Sei que me lembrei do álbum de fotografias que tinha visto com a mãe semanas antes. Tínhamos rido, apontado exageros, estranhezas, escolhas improváveis. E, no entanto, aquelas fotografias tinham peso. As amigas da mãe não se confundiam umas com as outras. A Isabel surgia quase sempre de calças de ganga rasgadas no joelho — e cada rasgão tinha uma origem, uma pequena rebeldia, uma história que o corpo guardava. A Maria aparecia cuidada, quase anacrónica, com sandálias inglesas e meias rendadas, como se tivesse parado no tempo. Mas era dela aquele tempo. A Vânia, de minissaia e sardas no rosto, ocupava o espaço com uma confiança que não pedia licença. E a mãe, a Rita, de Converse e t-shirts de bandas rock, parecia sempre ligeiramente fora do sítio — e por isso mesmo inteira. Cada fotografia era uma memória, mas também uma prova de que tinham sido vistas. De que tinham deixado marca.

No baile de finalistas da mãe, isso era ainda mais evidente. Elegantes, sim, mas nunca anónimas. A Isabel levava calças largas e um top de cetim. A Maria estreara sandálias inglesas de verniz vermelho, delicadas e quase infantis. A Vânia usara o vestido mais curto do baile, com uma cauda longa atrás. Quando entrou, tudo parou. Não sabiam se aprovavam, mas sabiam que estavam a olhar. E a Vânia sustentara esse olhar, de cabeça erguida. A mãe vestira um vestido preto, solto. Um lado coberto de lantejoulas, o outro liso. Assimétrica, como sempre. E a conversa tinha acontecido com aquele retângulo colorido nas mãos. Uma história depois de outra, um pormenor e mais um mexerico. Uma fotografia demorava a ser legendada.

E então, no meio da pista, perguntei-me o que diriam as fotografias daquela noite. O que contariam sobre mim e o que eu poderia contar a quem as visse comigo, um dia. Pintariam apenas um rosto jovem, bem iluminado, corretamente vestido? Conseguiriam adivinhar o esforço que fiz para caber? Ou o silêncio que aprendi a usar para não destoar? A verdade é que me sentia numa passadeira rolante,

a avançar sem decidir a direção, parte de uma linha de montagem onde a perfeição era produzida em série. Dançava, ria, cumpria o papel. Mas por dentro algo resistia, inquieto, quase zangado.

Olhei para a Sónia e para a Rafaela — tão parecidas comigo, tão cuidadas, tão irrepreensíveis — e percebi, com um aperto inesperado, que não sabia onde elas acabavam e começava eu. Formatadas, pensei, estamos todas formatadas. E o Diogo, que nunca mais chegava. Onde se teria metido? Queria que já ali estivesse, para o puxar para um canto e o fazer olhar para tudo com o mesmo absurdo no olhar que eu tinha naquela altura.

*

A barba era macia e jovem e enquanto a cortava Diogo olhava-se no espelho e organizava-se mentalmente. À espera, no quarto, a camisa imaculadamente branca como uma página que ainda não sabe se será poema ou relatório. A gravata azul céu e o fato também ele azul, mas a lembrar o cheiro adocicado das noites de verão. Os sapatos a brilhar como porcelanas no louceiro da avó. Tudo pronto. O discurso não escrito, mas decorado. Com os agradecimentos certos, as memórias pouco suas, mas que encaixariam na ocasião. Tudo perfeito. Tinha ainda tempo, para garantir que nenhum pormenor escaparia. Lembrava-se dos passos de dança que tinha ensaiado nos últimos dias, e balançava o corpo enquanto cantarolava sem ruído exterior. E como acontece aos momentos que julgam anteceder a perfeição, tornou-se um mau presságio no momento em que a lâmina de barbear atalhou caminho e se precipitou sobre o queixo. Diogo terminou de se barbear a maldizer a falta de concentração, a imaginar-se de penso rápido no baile sob os olhares censores dos colegas. Correu para o duche com a certeza de que a água quente estancaria toda a ferida. E assim foi. O after shave e a água quente tinham ajudado e, à parte a impressão que sentia e a pequena saliência na pele, tudo parecia ainda perfeito. Vestiu-se novamente tranquilo e quando se baixou para calçar os sapatos sentiu o queixo roçar na camisa. Uma leve dor, à qual não deu importância. Vestiu o casaco e dirigiu-se ao espelho para finalizar o nó da gravata, como aprendera com atenção plena na internet. O que o espelho lhe devolveu foi um rosto dilacerado e uma camisa com um rasto de sangue. Levou a mão ao rosto, incrédulo. Pegou numa toalha húmida e esfregou, esfregou. A mancha alastrava, com menos força, mas teimosa. Pensou nas outras camisas que tinha. No guarda-roupa do pai, com mais quarenta quilos. Nada disso era uma opção. Olhou para o relógio. A Ana já estaria à sua espera, de certeza.

*

Dançava enquanto olhava para a porta e começava a ficar inquieta. O que lhe teria acontecido? Mas depressa me distraí daquela ausência. Chegara a hora dos discursos. A primeira a subir ao palco tinha sido a Rafaela:

Hoje celebramos o fim de uma etapa e o início de muitas possibilidades. Ao longo destes anos aprendemos mais do que matérias: aprendemos valores, resiliência e a importância de trabalhar em conjunto. Nada disto teria sido possível sem o apoio incansável dos professores, funcionários e famílias, que nos acompanharam em cada desafio. Levamos connosco ferramentas que nos preparam para o futuro e a confiança de que estamos prontos para o que vier. Obrigada a todos por fazerem parte deste percurso.

Muitas palmas. Toda a gente sorria feliz. Depois o Miguel:

Este momento representa o resultado de esforço, dedicação e aprendizagem contínua. Cada desafio foi uma oportunidade para crescer e cada conquista um passo em frente. Saímos daqui mais preparados, mais conscientes e mais unidos. O futuro espera-nos com exigência, mas também com possibilidades, e sabemos que temos as competências necessárias para responder a ambas. Que este seja apenas o começo de um caminho construído com responsabilidade e ambição.

Mais entusiasmo, mais palmas. Toda a gente gostava do Miguel. E os discursos continuaram, cada um a seguir ao outro. E eu comecei a ficar angustiada. As palavras ecoavam na minha cabeça enquanto olhava para a porta. Os discursos marcavam o início das celebrações, mas não eram verdadeiramente o início sem o Diogo ali, ao meu lado, a perceber o eco de cada palavra que parecia igual à anterior. Foi quando ele chegou. Ensopado. A camisa suja de sangue, o cabelo colado à cabeça, de tanta água e gel misturados. Começara a chover, com toda a certeza. E o sangue? Como todos olhavam para ele, sorriu atrapalhado e subiu para o palco. Lembro-me que pensei que começasse por justificar a chuva, o sangue, inventasse até qualquer disparate para amenizar aquela entrada. Mas não. Olhou para todos, sorriu e disse cada palavra, bem decorada:

Hoje é um dia de orgulho. Orgulho no percurso feito, nas amizades construídas e nos objetivos alcançados. Partilhámos momentos que nos marcaram e que levaremos connosco como parte da nossa formação. Este não é um fim, mas uma transição natural para novas etapas, onde continuaremos a aplicar tudo o que aprendemos aqui. Seguimos confiantes, conscientes do nosso papel e agradecidos pela oportunidade de chegar até aqui.

Parece que todos esqueceram o aspeto do Diogo. O seu ar accidental. Aplausos, euforia, sorrisos quando desceu do palco. E os discursos continuaram. Deixei-me ficar para o fim. Não ia dizer nada que não tivesse sido já dito, as mesmas palavras bonitas e corretas. Estava sem vontade e deixei-me ficar onde estava. Talvez escapasse. Mas quando parecia que a música ia retomar a rapariga ao meu lado, de quem nem sei o nome, apontou para mim: Falta a Ana!

Sorri pateticamente e lá fui. Era a minha vez:

Ao olharmos para trás, reconhecemos um percurso sólido e consistente. Ao olharmos para a frente, vemos um futuro aberto, repleto de...

E parei a olhar para todos. Olhei para o papel que levava com o texto bem marcado. Levantei-o e rasguei-o. Senti toda a gente a olhar para mim e, depois de uma eternidade, lá recomecei. A olhar para todos, sem rede, mas também sem segurança, com muitas pausas entre cada frase, como uma gaguez social:

Não sei bem como se faz um discurso destes. Disseram-me para agradecer, para resumir estes anos e para falar do futuro, mas a verdade é que não sei resumir nada. Houve dias em que estive aqui sem perceber porquê, outros em que achei que estava a mais. Lembro-me de me sentar sempre na terceira fila porque da primeira via demasiado bem e da última parecia que já tinha desistido. Houve pessoas que me salvaram sem saber e outras a quem nunca consegui dizer o que devia. Não sei se saímos daqui preparados. Sei apenas que saímos diferentes, e que algumas coisas ficaram por dizer. Talvez isso também conte. Eu espero que conte.

O silêncio que se seguiu não foi imediato. Houve primeiro um movimento difuso, uma troca de olhares que não se fixavam em ninguém, como se cada um procurasse confirmar no outro se aquilo tinha sido apropriado. Alguém tossiu. Depois vieram os aplausos. Começaram cedo demais e terminaram cedo demais. Palmas certas, compassadas, sem atraso nem excesso. Não houve assobios, nem gritos. Aplausos suficientes para cumprir, insuficientes para aderir. Quando a música voltou, o espaço recompôs-se com rapidez. A pista encheu-se, as conversas retomaram o tom habitual, e o discurso, ainda quente, começou a arrefecer, não por rejeição, mas por falta de uso. Eu sentia-me a rebentar. Não sabia se de orgulho se de vergonha, ou se de ter sentido a surpresa misturada com desdém. Lembro-me de o Diogo me pegar na mão e me puxar: anda, que o que tu precisas é apanhar uma grande chuvada como eu apanhei agora, para ver se essa cabecinha fica menos desassossegada.

— Caramba, Ana, o que foi aquilo?

— Aquilo? O teres aparecido todo molhado e cheio de sangue? como se tivesses fugido do meio de um filme de terror? Ou eu ter sido a única a falar de mim, da minha vida, do que vou levar daqui? Caramba, o quê, Diogo? Andarmos todos a fingir que somos perfeitos?

— Se não tentarmos nunca lá chegamos.

— E foi o que eu fiz, tentei. Tu tentaste? Quem é que tentou por ti? Quem é que te disse que essa gravata ia combinar na perfeição com essa camisa se ela não estivesse toda suja de sangue e passado por uma chuvada? Quem é que te disse para impregnares esse cabelo de gel? Quem é que te escolheu

as palavras? «Este não é o fim, mas uma transição natural para novas etapas». Que treta é esta? Ouvi essa frase umas vinte vezes hoje, Diogo! Tu não ouviste porque chegaste tarde! Sabes o que eu vi aqui, hoje? Um desfile oco de perfeições mascaradas. Nada disto é real, Diogo. Nada. Este vestido só o escolhi porque houve uma máquina global sábia e invisível que o escolheu por mim. Escolheu o de todas as raparigas ali dentro! Estamos todas iguais! E os discursos, tu não ouviste a maioria, mas diziam todos o mesmo! Não percebes que estamos todos doentes? Contagiados? Quando isto começou ninguém percebeu que era uma doença. E agora já é tarde. Já ninguém sabe viver sem uma máquina a dizer-nos como. Já ninguém sabe escrever um discurso sozinho. Tu não queres ser escritor? Como é que vais fazer isso? «Este não é o fim, mas uma transição natural para novas etapas»? É com isto? Já viste os livros que temos lido nas aulas? Tens ido a uma livraria? O senhor pobre, a senhora rica disfarçada de pobre, o vilão a atormentar o senhor pobre, a senhora rica ajuda e finalmente revela quem é. Casam e ficam felizes. É isto que queres escrever, Diogo?

— São histórias de esperança e de justiça e estás a ser redutora. Anda, vamos voltar para dentro, dançamos um bocado e depois levo-te a casa.

— Não, Diogo, se queres escrever vais ter de marcar a diferença. Vais ter de fugir da peste.

*

O Diogo levava a sério o que todos tinham julgado um sonho e trabalhara afincadamente para se tornar um grande escritor. Depois de um curso de literatura, dedicara-se em exclusivo e exaustivamente a uma escrita arrebatada, cheia de expectativas e lutas interiores. Contos, novelas, romances, parecia ter fechado as portas para o mundo e aberto apenas as do seu imaginário. Enviava entusiasmado os seus textos para diversas editoras e as que respondiam diziam sempre o mesmo: é necessário harmonizar, conteúdo pouco suavizado, aconselhamos um texto colaborativo, uma autoria individual pode ligar-se a uma certa imaturidade. Algumas propostas, até, que terminavam sempre com um: assim o texto chegaria a mais pessoas. Negou durante meses, até a própria Ana lhe dizer que estava a exagerar. Tentaram essa harmonização juntos, mas nada. Tentou com colegas da faculdade, mas sempre as mesmas recusas. Chegou a perguntar com quem trabalharia o texto colaborativo, suavizado, mas depressa descobriu que nunca seria com outros autores, mas com a grande máquina. Só assim se harmonizava.

—Experimenta uma vez, não perdes nada. Para de te atormentares a tentar uma uniformização que não é nossa. O humano tornou-se obsceno.

— Lembras-te de falares da peste?

— Claro que lembro. É isto, eles chamam-lhe uniformização. Agora todos têm medo do imperfeito, do falível. No outro dia li um livro da biblioteca da minha mãe. Aquilo já não se vende em lado nenhum, mas agarrei-me a ele do início ao fim. Se soubesses o arrebatamento com que li cada frase!

— E a tua mãe ainda lá tem livros antigos?



— Não, só esse. Quando fizeram a Recolha esse ficou lá esquecido e ela nunca o foi entregar, disse que ficava para memória.

— E achas que os meus livros causam arrebatamento?

— Nós vivemos na peste, lembras-te?

— Ana, só tu é que lhe chamas isso.

— Sim, mas desde que a perfeição passou a ser o propósito de tudo fomos desembaraçando esse arrebatamento, como se lhe penteássemos os caracóis.

— E ainda assim achas que devo experimentar as propostas que me dão?

— Não perdes nada.

E o Diogo aceitou uma e outra vez. Primeiro a medo, depois com vergonha. Depois com a vergonha já bem vestida de sucesso. E a partir daí apenas com realização. Os seus livros tornaram-se top de vendas e a Ana acompanhava cada sucesso, cada nova publicação, cada sessão de autógrafos. No início rira-se e troçara o enredo, do rico-pobre-vilão, mas depressa percebeu que, quando estamos perante a escolha de vida de alguém, o certo é acertar a respiração com seriedade e acompanhar. O Diogo estava, finalmente, feliz. Encarava as filas para autógrafos com um sorriso que combinava na perfeição com a dedicatória padronizada sugerida pela grande máquina e que nunca ousara alterar, da mesma forma que preparava as entrevistas com o mesmo empenho com que preparara o discurso na noite em que se despedira da sua escola.

*

Gosto de voltar àquela noite do baile e de a recuperar. Lembro-me que cheguei a casa e não conseguia dormir. Retomava cada palavra, cada olhar. Tinha sido, claramente, a aberração daquela noite perfeita. Já estava deitada, mas o meu corpo guardava ainda a euforia e fui a correr buscar o computador, que pousei nas minhas pernas. Escrevi o discurso que tinha improvisado, naquela noite, e pedi à grande máquina que fizesse a sua magia habitual:

Hoje assinalamos o final de um ciclo marcado por aprendizagem, desafios e crescimento pessoal. Ao longo destes anos, cada um de nós construiu o seu percurso, feito de experiências que contribuíram para quem somos hoje. Nem sempre foi simples, mas cada momento teve um propósito no nosso desenvolvimento. Levamos connosco aprendizagens que vão além da sala de aula e relações que nos acompanharão no futuro. Saímos daqui mais conscientes, mais preparados e com a confiança necessária para enfrentar as próximas etapas. Este momento representa não apenas um fim, mas uma transição positiva para o que está por vir.

O discurso continuava a falar na primeira pessoa, mas já não encontrava o meu eu ali dentro. Contudo, havia uma autoridade restaurada. Li a versão corrigida uma vez, depois outra, com a atenção aplicada de quem procura um erro que justifique o desconforto inicial. Não encontrei nenhum. O texto fluía melhor do que o meu, tinha um ritmo mais seguro, uma confiança que eu claramente não tivera naquela noite. Tudo estava no sítio certo. Li-o em voz alta, como se estivesse diante de todos os colegas e, no fim, imaginei os aplausos. Era, reconheci sem dificuldade, um bom discurso. Procurei a terceira fila e não a encontrei. Pensei que talvez nunca tivesse sido importante. As pessoas concretas tinham desaparecido, mas isso tornava o texto mais justo, mais abrangente. Onde antes havia hesitação, agora havia clareza. Onde antes eu deixara uma frase em suspenso, aquele “eetherhhh” prolongado, alguém a terminara por mim, com cuidado.

E adormeci com um alívio inesperado. Como se me tivessem libertado da obrigação de explicar melhor aquilo que eu própria não sabia explicar. A versão corrigida dizia exatamente o que era preciso dizer, nem mais nem menos. Não pedia nada ao leitor. Não deixava perguntas abertas. Cumpria.

Houve um momento breve, quase ridículo, em que tentei lembrar-me da sensação que me levava a rasgar o discurso original. Lembrava-me do gesto, do papel rasgado, do burburinho, mas a razão começava a escapar-me, como um desconforto antigo que já não encontra o corpo onde doeu. Pensei que talvez tivesse confundido intensidade com verdade.

Guardei o ficheiro com o nome sugerido. Fechei-o sem nostalgia. Disse a mim própria que aquilo era crescer, aprender a dizer melhor o que se quer dizer. E pela primeira vez desde aquela noite, senti-me verdadeiramente à altura do que se esperava de mim. Ou então não foi bem assim e estou a exagerar. Eu era uma jovem teimosa, impulsiva, cheia de certezas e de lutas. Não me recordo bem, mas sei que dormi serenamente. As razões ao certo já não as tenho. Era uma miúda irreverente e ainda não tinha percebido a delicadeza de um sistema que funciona. O desconforto era sensibilidade mal calibrada.

*

O quadro branco é agora a minha janela e o passaporte dos que o veem comigo. Tornei-me professora alguns anos depois. Não foi uma decisão súbita, nem um gesto de vocação inflamado. Também não sonhava com isto desde criança. Foi uma escolha lógica, coerente com o percurso que tinha percorrido até chegar ali. A estabilidade pareceu-me sensata. A previsibilidade, confortável.

A primeira vez que entrei na sala que me foi atribuída senti uma espécie de orgulho silencioso. No fundo da sala, perpendicular à porta de entrada, ficava uma pequena biblioteca. As estantes ocupavam a parede do fundo, alinhadas com precisão. Os livros tinham todos o mesmo formato, a mesma lombada neutra, o mesmo peso nas mãos. Dispostos por ordem, sem sobressaltos. Não havia títulos que se destacassem em excesso, nem capas a reclamar atenção. A uniformidade dava uma impressão de rigor e seriedade.

Passei os dedos pelas lombadas como quem confirma uma promessa cumprida. Primeiro os livros de ficção. Romances, novelas, contos. Depois os manuais, com mais atenção. Os programas estavam claros, as metas bem definidas. Os exemplos escolhidos eram consensuais, eficazes, testados. As histórias seguiam estruturas reconhecíveis. Conflito. Superação. Resolução. Justiça restaurada. Os alunos compreendiam com facilidade. Era gratificante perceber que quase não havia perguntas fora do guião.

Quando começaram a entregar os primeiros trabalhos, reparei na precisão das margens, na organização semelhante dos parágrafos, nas conclusões que retomavam corretamente a introdução. Havia segurança na repetição. Havia conforto no reconhecimento. Não precisava de corrigir desvios improváveis nem de enfrentar silêncios desconcertantes. Tudo estava no sítio certo. E eu sorria.

Às vezes lembrava-me do baile, do papel rasgado, da chuva no cabelo do Diogo e da sua camisa descomposta. Mas a memória chegava já suavizada, como se tivesse sido editada com cuidado. Não havia ali nada que precisasse ser revivido. Era apenas uma fase, uma intensidade juvenil. Uma tentativa deficiente de diferença. A diferença desgasta. A exceção complica. A uniformidade, pelo contrário, permite que todos avancem sem fricção.

Olho para as estantes ao fundo da sala e vejo uma sociedade que funciona. Nos trabalhos alinhados sobre a minha secretária reconheço progresso. Já não procuro a terceira fila, já não preciso dela. E sinto-me, finalmente, integrada. A roda dentada gigante funciona na perfeição. Às vezes, como em tudo, com alguns entraves e a necessidade de olear a engrenagem.

Numa terça-feira comum estávamos a trabalhar a estrutura do discurso formal. Introdução clara, desenvolvimento equilibrado, conclusão segura. Escrevi o esquema no quadro e pedi-lhes que seguissem o modelo. Sei que circulava entre as mesas com a tranquilidade de quem tem a certeza do que vai encontrar. Até que ouvi o som. Um rasgar seco e inconfundível, como tudo o que rompe com o estabelecido. Levantei os olhos. Na segunda fila, o Miguel tinha o papel nas mãos. Rasgou-o ao meio com um gesto que não era dramático, nem revoltado. Era apenas um gesto. Se tivesse de lhe encontrar um adjetivo talvez fosse decidido. Um gesto decidido, sim.

O silêncio instalou-se com rapidez disciplinada. Alguns colegas olharam para mim, outros para ele. Esperavam a correção do desvio.

— Não consigo escrever assim — disse ele. A voz não tremia. — Não é isto que eu quero dizer.

Enquanto a frase fluía pela sala, lembrei-me de um palco, de um vestido igual a tantos outros, de um papel rasgado, de um silêncio que demorou a retificar-se. Apertei o lápis que segurava na mão direita e procurei mais alguma coisa daquela noite longínqua que me desse a chave para apaziguar o ambiente, mas a memória veio desfocada, como se não fosse totalmente minha. A mão, por seu lado, ficou branca quando aliviei a pressão do lápis. Recuperou a cor em câmara lenta, como tudo naquele momento.

— O modelo ajuda — expliquei com calma aparente. — Primeiro aprendemos a estrutura. Depois podemos explorar variações.

Ele abanou a cabeça:

— Mas se eu começar assim, já não é meu.

Houve um ligeiro desconforto na sala. Não de escândalo. De desorganização. Olhei para os outros alunos. Canetas suspensas. À espera. Senti, durante um segundo quase impercetível, uma fricção antiga. Como um músculo que já não usamos, mas que ainda sabe contrair-se. Pensei na terceira fila. Pensei na palavra peste. E pensei no alívio daquela noite em que a máquina organizara o que eu não conseguira organizar. Respirei:

— Podes escrever o que quiseres — disse-lhe. — Mas tens de aprender a fazê-lo de forma clara. Caso contrário ninguém te compreenderá.

O Miguel hesitou, parece-me que naquele momento hesitaram todos. Hesitámos? Depois baixou-se para apanhar os pedaços do papel. Alisou-os sobre o joelho, como quem reconsidera um impulso e pousou-os na secretária. Pegou numa folha nova. Começou outra vez. A sala recompôs-se. As canetas voltaram ao movimento regular. O esquema no quadro mantinha-se intacto.

Ofereci-lhe um sorriso de encorajamento e continuei a circular entre as mesas, corrigindo discretamente uma margem aqui, uma conclusão ali. Ao regressar à secretária, olhei para os livros da estante, ao fundo. Todos do mesmo tamanho. Todos perfeitamente alinhados. Afinal, pensei, ninguém é impedido de falar. Apenas aprendem a fazê-lo melhor. E isso é cuidado.

FICHA TÉCNICA

ESCOLA SECUNDÁRIA DE SANTA COMBA DÃO

Alunos

Alice Correia Soares Ricardo
Ashley Luana Honrado Acosta
Emily Elisabeth Moreira
Fabianny Yetzari Cordeiro Vieira
João Tomás Araújo Martinho
João Vitor Jiquitibá Passanezi
Laura Vieira Correia
Lionor Miranda Neves
Liana Marques Rodrigues
Maria João Batista Pereira
Maria João Marques Cordeiro
Maria Leonor Santos Neves
Mariana Pais Cordeiro
Martim da Costa Carvalho
Matilde Coimbra M. Marques da Costa
Sofia Santos Sousa
Sthella Correia Meireles
Vitória Inês Gonçalves Isidoro

Docente

Maria Isabel Ferreira

Professora Bibliotecária

Ana Isabel Santos Craveiro

Coordenadora Interconcelhia RBE

Helena Duque

READ ON
PORTUGAL

Criação e Paginação:
CDC - CÓDIGO DE CORES
Rua Professor Carlos Teixeira, n. 3A
1600-608 Telheiras, Lisboa

 readon.portugal@mail-rbe.org

 www.rbe.mec.pt/np4/READONPortugal.html

READ  **n**
P O R T U G A L

ISBN 978-989-54995-7-1



9 789895 499571